

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

GIOVANE SILVA DA SILVA

OS MODOS DE VER E VIVER: A violência e as sociabilidades
comunicativas dos moradores das ilhas de Abaetetuba - PA

BELÉM-PARÁ
2022

GIOVANE SILVA DA SILVA

OS MODOS DE VER E VIVER: A violência e as sociabilidades
comunicativas dos moradores das ilhas de Abaetetuba - PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Sociabilidades na Amazônia
Orientadora: Prof^ª Dra. Alda Cristina Costa da Silva

BELÉM - PARÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S586m Silva da Silva, Giovane.

OS MODOS DE VER E VIVER: A
violência e as sociabilidades comunicativas dos
moradores das ilhas de Abaetetuba - PA /
Giovane Silva da Silva. — 2022.

100 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Alda Crsitina Costa da
Silva Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, Belém, 2022.

1. Abaetetuba; Experiências Comunicativas;
Moradores das ilhas, Práticas de violência;
Sociabilidades.. I. Título.

CDD 301.14

GIOVANE SILVA DA SILVA

OS MODOS DE VER E VIVER: A violência e as sociabilidades comunicativas dos moradores das ilhas de Abaetetuba - PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Sociabilidades na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Cristina Costa da Silva

RESULTADO: (X) APROVADO () NÃO APROVADO

Data:

Prof.Dra. Alda Cristina Costa da Silva (Orientadora)

Prof.Dr. Otacílio Amaral Filho (Examinador Interno)

Prof.Dra. Voyner Ravena Cañete (Examinadora Externa)

BELÉM - PARÁ
2022

Aos meus pais, Graciano Gomes e Maria de Jesus Silva e aos meus sete irmãos. Vocês foram e continuam sendo fonte de força, dedicação e inspiração.

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente,
o que fazemos para mudar o que somos”.
(Eduardo Galeano)

AGRADECIMENTOS

Sempre vi o mestrado em comunicação como um projeto distante. Lia os editais, observava os processos e tinha a certeza de que ingressar no programa, fazer as disciplinas e desenvolver a dissertação era uma tarefa impossível, principalmente para mim, que estava afastado da academia há 10 anos. Mas, aos poucos, fui me aproximando do PPGCom, dos grupos de pesquisa e dos docentes do programa. E, apesar de todas as dificuldades de compreensão de obras e autores, de produção de texto científico e desenvolvimento teórico e metodológico, consegui desenvolver as atividades do programa, e isso só foi possível porque contei com a colaboração de familiares, amigos e docentes da UFPA.

Os primeiros a me incentivarem foram meus irmãos, Júnior Silva, Antônio Silva, Maria Conceição Silva, Gabriela Silva, Gean Silva e Neto Silva. Desde cedo, os vi estudar e percebi, graças aos bons exemplos, que a educação transforma vidas, pessoas e realidades. Vocês foram e continuam sendo fonte de inspiração! Muito obrigado por todo o apoio! Meus pais Maria de Jesus Silva e Graciano Gomes também exerceram um papel fundamental de incentivo e palavras de esperança. Eles também foram responsáveis pelo apoio logístico para aplicação da pesquisa, indicando rios, contatos e dialogando sobre a realidade local. Obrigado por todo apoio, afeto e motivação!

Aos meus amigos e vizinhos Leidiane Alencar, Karoline Campos e Bruno Álvares, que acompanharam de perto minhas dificuldades, meus anseios e minhas expectativas. Obrigado por entenderem minha ausência nos encontros dos finais de semana e principalmente por acreditarem em mim! Vocês são a família que Deus me permitiu escolher!

Minhas amigas Marília Argolo e Sávila Moura dividiram comigo a luta para conciliar todas as atividades da vida com as obrigações do mestrado. Não foi fácil, mas a companhia de vocês, mesmo à distância, foi fundamental para fortalecer a minha fé e acreditar que no final tudo ia dar certo. Obrigado por tudo!

Aos meus colegas de trabalho da coordenação acadêmica do Campus de Abaetetuba: Rosângela Nogueira, Marcos Barbosa, Marilza Azevedo, Ana Sarges e Ladyana Lobato. Eles, junto com outros servidores, me apoiaram para que eu pudesse sair de licença para me dedicar ao mestrado. É muito bom trabalhar em um ambiente saudável, onde as pessoas te incentivam a estudar, crescer e progredir. Vocês são muito especiais. Obrigado por tudo!

Eu tenho muita sorte de fazer parte dos grupos de Pesquisa “Mídia e Violência” e “Narramazônia”. Ao longo de três anos, pude aprender, dialogar e conhecer tantas pesquisas,

obras e teorias. Os grupos me acolheram muito bem e sou muito grato por todas as experiências compartilhadas com os membros.

Minha orientadora, professora Dra. Alda Cristina Costa, apontou todos os caminhos para que eu chegasse até aqui. A professora Alda tem o dom de ensinar, incentivar e, principalmente, de nos fazer pensar sobre nossos objetos, leituras e discussões. Sou imensamente grato por todo apoio e tenho profunda admiração pelo seu trabalho. Obrigado por tudo, professora!

Os professores do PPGCom Marina Castro, Leandro Lage, Rosaly Brito, Rosane Streibrenner, Vânia Torres, Fábio Castro e Netília Seixas, ministraram disciplinas das quais eu tive o privilégio de cursar. Os debates promovidos por eles me ajudaram a pensar na minha pesquisa e a desenvolver minha dissertação a partir das teorias trabalhadas em sala de aula. Os docentes também tiveram muita compreensão e empatia com a turma do mestrado 2020, que teve que produzir um projeto em meio a uma pandemia. Obrigado por tudo!

Infelizmente, a pandemia da Covid-19 impediu que a turma do mestrado 2020 interagisse presencialmente. Senti muita falta de dialogar sobre as pesquisas, teorias e obras, de forma presencial, de qualquer forma, tivemos bons momentos juntos. Nossos encontros sempre foram produtivos. Obrigado por compartilharem essa incrível experiência comigo!

Os professores Cunha e Cleivaldo Pantoja, acompanharam-me nas residências dos moradores das ilhas de Abaetetuba e demonstraram muito entusiasmo e interesse pela minha pesquisa. Sou muito grato pela colaboração de vocês!

O professor Dr. Otacílio Amaral e a professora Dra. Edila Moura aceitaram o convite para avaliar o meu trabalho, na banca de Qualificação. Os apontamentos de vocês foram importantes para a conclusão do meu trabalho.

Disseram-me uma vez que um dos momentos mais tensos da dissertação era a escrita, porque escrever é um processo solitário, no entanto, tive o privilégio de ter duas companheiras que estiveram do meu lado (literalmente) durante a produção desta pesquisa: Dora e Carminha, meus animais de estimação, que me acompanharam durante as longas noites de estudo. Elas presenciaram de perto minhas angústias, meus medos e minha satisfação a cada capítulo terminado. Vocês são muito especiais pra mim! Obrigado por tudo!

RESUMO

A presente proposta objetiva compreender as experiências comunicativas que emergem na vida dos moradores das ilhas de Abaetetuba, região Baixo Tocantins, a partir de duas questões centrais: a) a relação entre urbano e rural e; b) as práticas de violência vividas no cotidiano das ilhas. Percebe-se, assim, que a violência atravessa as fronteiras da cidade e instala-se no ambiente rural, provocando mudanças e reconstruções de significados. Ou seja, a violência que amedronta e aterroriza as grandes cidades metropolizadas (TRINDADE JUNIOR, 2005) passa a fazer parte do cotidiano dos moradores das ilhas, principalmente pelas ações dos denominados “piratas”, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer forma de coerção. Essa prática de violência reduz a condição de um sujeito frente ao outro. Neste sentido, a presente pesquisa concentra-se em entender: a) quais as experiências comunicativas dos moradores das ilhas na relação entre urbano e rural? e b) como a extensão da violência urbana tem transformado as sociabilidades dos moradores? Entende-se urbano e rural não como sentidos opostos, mas como ‘entre-lugares’, pelo hibridismo vivido, que, ao mesmo tempo, separa e limita, distancia e aproxima, espaço de tensionamentos e estranhamentos, mas que necessita de reelaboração dos seus sentidos e significados a partir das influências sofridas. Nossas reflexões, em trabalhar as ilhas como entre-lugares ou *continuum* espacial (GRAZIANO, 2002), seja do ponto de vista de sua dimensão geográfica e territorial, seja na sua dimensão econômica e social, objetivam apontar as sociabilidades, em condições diferenciadas de um lá e um cá, ou seja, não relações separadas, mas experiências que são atravessadas por fenômenos sociais presentes no cotidiano da vida nas cidades urbanas, como a violência. Como aportes metodológicos, optou-se pela pesquisa qualitativa e com ela a entrevista narrativa, uma vez que essa proporciona reconstruir os processos interativos, que produzem o sentido prático da vida (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Tal método favorece a imersão nas experiências vividas pelos moradores das ilhas e, ao mesmo tempo, uma análise do sentido narrativo enunciado por esses sujeitos. Os resultados encontrados apontam que a violência mudou os modos de viver nas ilhas, interferindo nas sociabilidades e interações sociais dos moradores.

Palavras-chave: Abaetetuba; Experiências Comunicativas; Moradores das ilhas, Práticas de violência; Sociabilidades.

ABSTRACT

The present proposal aims to understand the communicative experiences that emerge in the lives of residents of the islands of Abaetetuba, Baixo Tocantins region, based on two central questions: a) the relationship between urban and rural and; b) the practices of violence experienced in the daily life of the islands. According to the Atlas of the Institute of Applied Economic Research - IPEA (2019), Abaetetuba has a high crime rate. , It can be seen, therefore, that violence crosses the borders of the city and settles in the rural environment, causing changes and reconstructions of meanings. In other words, the violence that frightens and terrifies large metropolitan cities (TRINDADE JUNIOR, 2005) becomes part of the daily lives of island residents, mainly through the actions of so-called pirates, through the use of power, physical force or in any other way. of coercion. This practice of violence reduces the condition of subject facing the other. In this sense, the present research focuses on understanding: a) what are the communicative experiences of the inhabitants of the islands in the relationship between urban and rural? And b) how has the extension of urban violence transformed the sociability of residents?. Urban and rural are understood not as opposite meanings, but as 'between-places', due to the lived hybridity, which at the same time separates and limits, distances and approaches, tensions and estrangements, but which requires a re-elaboration of its meanings and meanings from the influences suffered. Our reflections, in working, the islands as in-between place or spatial continuum (GRAZIANO, 2002), whether from the point of view of their geographical and territorial dimension, or in their economic and social dimension, aims to point out the sociability, in different conditions of a there and a here, that is, not separate relationships, but experiences that are crossed by social phenomena present in everyday life in urban cities, such as violence. As methodological contributions, qualitative research was chosen and, with it, the narrative interview, since it allows the reconstruction of the interactive processes, which produce practical meaning (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). This method provides an immersion in the experiences lived by the inhabitants of the islands and, at the same time, for the analysis of the narrative meaning enunciated by these subjects. The research starts from the phenomenological understanding of Paul Ricoeur (2010), in which the narrative is a way of interpreting human life and communication as a relationship that configures social life (FRANÇA, 2018).

Keywords: Abaetetuba; Communicative Experiences; Islanders, Practices of Violence; sociabilities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	23
FIGURA 2.....	54
FIGURA 3.....	56
FIGURA 4.....	60
FIGURA 5.....	61
FIGURA 6.....	61
FIGURA 7.....	62
FIGURA 8.....	63
FIGURA 9.....	64
FIGURA 10.....	65
FIGURA 11	66
FIGURA 12.....	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	O ENCONTRO	13
1.2	Questões e objetivos da pesquisa	16
1.3	A tessitura da pesquisa	17
2	O TRAJETO DA PESQUISA	21
2.1	As ilhas: “Entre-lugares”, hibridismo e continuum	22
2.2	A escolha das ilhas e dos sujeitos	30
3	O COTIDIANO DE ABAETETUBA	32
3.1	O Imaginário e o município	32
3.2	Expressões socioculturais	37
3.3	Dados demográficos	40
3.4	Abaetetuba e os veículos de comunicação.....	42
3.5	A violência urbana em Abaetetuba	43
4	OS MODOS DE VIVER NAS ILHAS	45
4.1	Sentidos da hermenêutica	48
4.2	As ilhas e os modos de comunicar	50
4.2.1	Rio Costa Maratauíra – “Beira da Costa”	50
4.2.2	Rio Maúba	59
5	COMPREENSÃO HERMENÊUTICA DE SI E DA VIOLÊNCIA PELOS MORADORES DAS ILHAS	66
5.1	As experiências e sociabilidades comunicativas.....	66
5.2	Práticas de violência nas ilhas.....	73
5.3	A compreensão hermenêutica das múltiplas formas de violência	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS:	94

1 INTRODUÇÃO

Começo esta pesquisa relatando uma inquietação que me acompanhou desde minha entrada no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia até quase a finalização da dissertação: O que tem de comunicação em minha pesquisa? Dilema esse que foi sendo amenizado na medida em que compreendi a vida dos moradores de Abaetetuba e a assertiva de Muniz Sodré (2014, p. 22), quando afirma que “A comunicação não pode ser considerada por si só, pois há muitas maneiras de enxergá-la” (SODRÉ, 2014, p. 22).

1.1 O ENCONTRO

“Leva no teu bumar, me leva, leva que quero ver meu pai, caminho bordado à fé, caminho das águas, me leva que quero ver, meu pai. A barca segue seu rumo lenta, como quem já não quer mais chegar, como quem se acostumou no canto das águas, como quem já não quer mais voltar”. Foi com a lembrança de uma canção de Rodrigo Maranhão e interpretada por Maria Rita, que fiz o percurso de visita em mais de 10 ilhas do município de Abaetetuba. Letra e canção representam o cotidiano vivido pelas pessoas nas ilhas amazônicas. O bumar é a própria embarcação que leva e traz todos os dias, os moradores com destino à cidade, aos rios, aos furos e igarapés.

Se a inquietação foi minha companhia, essa narração foi o que possibilitou chegar ao tema desta pesquisa e seu desenvolvimento ao longo de um pouco mais de dois anos. Destaco que uma pesquisa acadêmica não se constrói individualmente, premissa comprovada na minha experiência no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom). Tudo começou em 2018, quando eu estava fazendo um curso para servidores da Universidade Federal do Pará (UFPA) sobre Comunicação no Ambiente de Trabalho. O curso foi ministrado pela professora Dra. Alda Cristina Costa. No encerramento da capacitação, trocamos contato e comecei a pesquisar sobre as linhas de pesquisa do programa, bem como o campo de trabalho de minha possível orientadora. Nessa época, eu era lotado, como servidor, na função de assessor de Comunicação, no Campus Marajó-Soure/UFPA, mas sou natural de Abaetetuba e estava tentando uma possível remoção para a minha cidade de origem. Pesquisei, ao longo de 2018, sobre os temas das pesquisas já realizadas no PPGCOM, mas não consegui desenvolver um projeto sólido para ingressar nesse mesmo ano no programa.

No ano seguinte, em 2019, consegui me planejar para participar do grupo de pesquisa “Mídia e Violência”, coordenado pela minha orientadora. Os encontros aconteciam uma vez por mês e, aos poucos, fui me aproximando das pesquisas em comunicação. Conheci autores,

retomei leituras antigas, participei de discussões de obras, artigos e textos de Hannah Arendt, Zygmunt Bauman, Michel Maffesoli, Paul Ricœur, George Simmel, Vera França, Muniz Sodré, Hans-Georg Gadamer, entre outros.

A participação no grupo de pesquisa contribuiu para pensar e elaborar meu projeto de pesquisa. Mas participar, assiduamente, dos debates não foi tarefa fácil, pois trabalhava em Soure, na ilha do Marajó, e tinha que dividir meu tempo entre visitar meus familiares em Abaetetuba e frequentar o Campus Guamá/UFPA para participar dos encontros do grupo, frequentar a biblioteca e obter orientações sobre um possível tema para o projeto de pesquisa. Às vezes, o único tempo possível para realizar leituras era no trajeto Abaetetuba - Belém, Belém-Soure e vice-versa.

Quando o edital do mestrado foi publicado, em outubro de 2019, eu ainda não tinha um tema, precisava elaborar meu projeto de pesquisa, mas ainda não tinha a compreensão sobre a dimensão das pesquisas em comunicação. Então, pensei em desenvolver um projeto sobre análise de conteúdo envolvendo a violência em um telejornal local de Abaetetuba, pois, até aquele momento, não conseguia pensar em outras possibilidades de pesquisas, a não ser análise de mídia. Mas tive o suporte, a partir das reflexões empreendidas por meus colegas do grupo de pesquisa e por minha orientadora. Inscrevi-me no PPGCom e enfrentei as cinco fases do processo seletivo, sendo aprovado no mesmo. No final de 2019, também consegui minha remoção para o Campus de Abaetetuba, o que me tranquilizou, em virtude da possibilidade de realizar a pesquisa em minha cidade.

Já no ano de 2020, mesmo com o início da pandemia e a suspensão das aulas em virtude da contaminação pelo novo coronavírus, participei mais ativamente, através do sistema remoto, dos estudos e debates dirigidos, pois também ingressei no grupo de pesquisa “Narramazônia”¹, a partir do ingresso, e com as reflexões realizadas comecei a pensar na amplitude da pesquisa em comunicação. Ao ver as pesquisas dos colegas do mestrado, percebi que poderia criar um novo projeto, um tema que estivesse inserido na minha região de origem. E foi numa reunião de orientação que tivemos o *insight* de pesquisar sobre as ilhas de Abaetetuba. Por isso, confirmo a premissa de que uma pesquisa não se constrói individualmente, pois a participação nos grupos de pesquisa foram fundamentais para pensar, planejar, executar e escrever a presente dissertação.

¹ O grupo Narrativas Contemporâneas na Amazônia (Narramazônia) foi criado em outubro de 2015, em parceria entre Universidade Federal do Pará e Universidade da Amazônia, com certificação junto ao Diretório de Pesquisa do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. O grupo é coordenado pelos pesquisadores Alda Cristina Costa (UFPA), Vânia Torres Costa (UFPA) e Paulo Martins Nunes (Unama).

Mas a ideia para o tema surgiu a partir de uma provocação da minha orientadora sobre a violência no município, e algumas indagações iniciais: Quais são os tipos de atos violentos mais frequentes em Abaetetuba? E quais os efeitos da hostilidade para a população em geral? Há muito tempo, ouço falar de um modo de violência comum nas ilhas de Abaetetuba, aquele causado por “piratas”, que são um tipo de organização criminosa que pratica violência física e simbólica nas residências dos moradores, nas embarcações, e até nos portos onde os moradores costumam passar. Portanto, no mês de agosto de 2020, repensei meu projeto de pesquisa voltado para a violência nas ilhas de Abaetetuba, bem como os modos de viver dos moradores locais.

A partir desse momento, em que o tema estava fechado, comecei a observar a vida nas ilhas de uma maneira diferente, com o olhar de pesquisador. Como bem diz França (2001, p. 40), “os objetos do mundo (ao contrário do que nos diz a intuição imediata) não se encontram aí, prontos e recortados: os ‘objetos’ do mundo são recortados (ou religados) por nosso olhar e nossa compreensão, por nossa maneira de ver”.

Logo passei a ficar mais atento e mais instigado com algumas questões que permeiam a vida dos moradores do município, tais como: Como os moradores das ilhas observam e percebem as mudanças no seu cotidiano? Como se dá a relação deles com o espaço urbano? Como eles lidam com a violência? E como eles percebem a extensão da violência urbana nessas localidades? Todas essas questões foram fundamentais para amadurecer a pesquisa.

Nesse sentido, o estudo se alinha com a proposta do Programa de pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, no escopo da linha de pesquisa Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia, a partir da compreensão dos processos comunicativos dos moradores de uma Amazônia mais rural. Ou seja, contribui para inserir investigações que pensem a Comunicação na região do Baixo-Tocantins, com a efetivação de reflexões sobre o vasto território paraense e sua diversidade de realidades, assim como oportuniza reduzir a escassa literatura sobre os municípios paraenses.

Em pesquisa realizada em maio de 2021, constatamos a inexistência de estudos na área da comunicação sobre as ilhas de Abaetetuba, conforme discorremos no capítulo do Percurso da Pesquisa. Após essa constatação, resolvemos pesquisar a realidade dos moradores que experienciam o lugar de maneira diferenciada do espaço urbano, mas que também tem dramas cotidianos que afetam a vida da população.

Demarcamos, aqui, que não utilizamos o termo ribeirinho na referida pesquisa, considerando os tensionamentos que o uso do termo causa, apesar do diálogo com autores que trabalham com essa denominação. Entendemos que ribeirinho não é um grupo étnico, nem

identitário, sobretudo, porque poucos moradores das ilhas de Abaetetuba identificam-se com esse termo. Nesse sentido, optamos em trabalhar com a expressão “moradores das ilhas”.

Partimos do entendimento de que a vida na Amazônia paraense, em específico, em municípios que vivenciam experiências entre um contexto urbano e rural, há um forte hibridismo, que necessariamente passa pela compreensão dos modos de vida dos moradores dessas localidades e de seu território geográfico, cultural, social e simbólico no cotidiano. Identificamos que a própria urbanização configura-se como diferenciada quando comparada a outras regiões brasileiras, onde se identificam interações e relações socioespaciais distintas (MONTE-MÓR, 2016).

Ao pesquisar a vida desses moradores, lembramos que a população do estado do Pará, segundo dados do IBGE (Censo de 2010), é composta de sete milhões e meio de habitantes, dos quais 68,48% vivem na área urbana e 31,51% na área rural. Abaetetuba, lugar da pesquisa, é o sétimo município mais populoso do Estado, possui 159.080 mil habitantes, sendo que 40% da população reside em áreas rurais, entre eles os moradores, que estão distribuídos nas 73 ilhas que o compõem. A distância em linha reta entre a capital, Belém, e Abaetetuba, é de 51.38 km.

A forte migração para o município de Abaetetuba, na década de 1980, proveniente dos grandes projetos minerais, instalados no município vizinho, Barcarena, provocou um aumento exponencial da população, resultando numa série de problemas, entre eles: falta de infraestrutura urbana, prostituição, crescimento da violência e do tráfico de drogas (SOUSA, 2009).

Assim, a partir de inquietações iniciais, observamos que, mesmo esses moradores, que vivem dinâmicas territoriais rurais, enquanto espaço e ambiente social, experienciam problemas de cidades metropolizadas (TRINDADE JUNIOR, 2005). Ou seja, a violência urbana, que aterroriza as grandes cidades, expande-se para as áreas fronteiriças ou rurais. Nas 73 ilhas do município de Abaetetuba, na região do Baixo Tocantins, os moradores convivem com o mesmo medo típico das metrópoles, uma vez que passam a sofrer também as hostilidades urbanas, mas não dispõem do aparato de segurança das cidades. Por outro lado, além das ações violentas dos chamados “piratas”, esses moradores convivem com outras violências externas, como: poluição dos rios causada pelos grandes projetos, conflitos de demarcação de terras, exploração de recursos naturais, entre outras.

1.2 Questões e objetivos da pesquisa

Nesse sentido, as experiências dos moradores das ilhas nos instigam a investigar e compreender as dinâmicas comunicativas que surgem a partir do convívio desses moradores com a extensão da violência urbana. Ou seja, nossa pesquisa concentra-se em responder às seguintes indagações, que são inseparáveis: a) quais as experiências comunicativas dos moradores das ilhas entre urbano e rural? e b) como a extensão da violência urbana tem transformado as socialidades dos moradores das ilhas? Estabelecemos como objetivo geral analisar as experiências dos moradores das ilhas a partir de vivências entre o rural e o urbano, assim como suas sociabilidades com as práticas de violência identificadas em seus territórios; e, como os objetivos específicos: compreender os sentidos construídos sobre o rural e o urbano; entender as experiências comunicativas que emergem no cotidiano dos moradores das ilhas; e analisar as experiências dos moradores das ilhas com a violência.

Nessa perspectiva, a presente escrita objetivou analisar, a partir dos moradores das ilhas de Abaetetuba, as experiências que se constroem sobre as influências do urbano sobre o rural, assim como a transformação de suas sociabilidades a partir da violência.

Demarcamos que nossa pesquisa apresenta uma inspiração e relação entre comunicação e Sociologia, que nos oferece uma compreensão ampla e interdisciplinar do objeto comunicacional. Ou seja, compreensão do papel da comunicação e as diferentes formas de sociabilidade. Do mesmo modo, a centralidade da comunicação para a vida humana, configurando-a como indissociável da experiência concreta dos indivíduos (ESTEVES, 2011).

Por sociabilidade, dentro do campo comunicativo, entendemos a relação de interação entre os indivíduos e os espaços físicos e simbólicos de sua existência. Esse enlace entre espaço concreto e a dimensão simbólica é constituído a partir dos frames (GOFFMAN, 2012), ou os quadros simbólicos que ordenam a interação dos indivíduos. Ou seja, [...] em função dos quais os participantes se assumem como sujeitos de comunicação, definindo para si mesmos na interação, para os outros da interação e para as situações sociais em geral (da interação), padrões significantes que transcendem a mera dimensão física (ESTEVES, 2011, p. 83).

1.3 A tessitura da pesquisa

Realizamos, inicialmente, uma pesquisa exploratória, visitando *in loco* localidades nas ilhas de Abaetetuba - rios Maracapucu-miri, Jupariquera e Piquiarana - com o objetivo de experienciar os modos de viver dos moradores locais, conversar e manter interações com os diversos habitantes e suas atividades cotidianas. Estive nas casas, nos trabalhos, nas embarcações, nas pontes, nos estabelecimentos comerciais (mercearias), nas rodas de conversas

e participei dos silêncios dos moradores, em que apenas observam o dia. Foi um importante processo imersivo com observação participante direta do comum do dia a dia.

Durante o desenvolvimento desta dissertação, muitas ideias foram construídas antes da pesquisa de campo e talvez mal concebidas sobre a realidade da vida dos moradores das ilhas de Abaetetuba. Havia uma pré-concepção, por exemplo, de que a violência estava restrita somente a questão dos piratas que praticavam crimes na região, mas, ao partilhar da vida dos moradores, observei outras formas de violência como drogas, abuso sexual, incesto, acidentes com embarcações e crimes ambientais, que também atravessam a realidade dos indivíduos locais. Portanto, a etnografia de Malinowski (1978) foi fundamental para ajudar na compreensão dos modos de viver dos moradores. As anotações, aliadas às narrativas obtidas durante as entrevistas, fizeram-me rever contextos teóricos obtidos antes da prática da pesquisa de campo.

Portanto, nosso percurso metodológico foi múltiplo e envolveu desde a pesquisa bibliográfica, exploratória até a entrevista narrativa com moradores das ilhas. É relevante ressaltar que os objetos estudados nas Ciências Sociais e na Comunicação compreendem, sobretudo, as expressões ou interações estabelecidas no cotidiano, que, aqui, configuram-se numa inspiração hermenêutica de interpretação, tendo como recurso a entrevista narrativa, uma vez que essa técnica proporciona reconstruir os processos interativos, que produzem o sentido prático ou a construção social da realidade, centrado em acontecimentos sociais e no ponto de vista dos informantes, enfatizando sua linguagem espontânea (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012), e, fazendo emergir narrações a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes (CRESWELL, 2014), considerando a relevância de escuta de indivíduos que sofrem ações ‘alheias’ às suas experiências.

Nesse sentido, 11 entrevistas foram realizadas, sendo 05 na ilha da Beira da Costa, 05 no rio Maúba e 01 com uma assistente social que trabalha com as comunidades das ilhas há mais de 30 anos. Com exceção da entrevista com a assistente social, que foi realizada através da plataforma *google meet*, todas as outras interlocuções foram feitas nas ilhas de Abaetetuba, especificamente na residência dos moradores ou local de trabalho deles. A conversação foi gravada com a devida autorização dos entrevistados.

Na descrição das entrevistas, optamos por citar somente o sobrenome dos nossos sujeitos, com exceção de Antônia Botelho, que possui longa experiência com comunidades das ilhas. Apesar dos nossos sujeitos terem assinado o Termo de Consentimento de Entrevista regido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPA, optamos por preservar a identidade

deles já que o tema abordado é delicado e os sujeitos têm receio sobre os possíveis desfechos do trabalho.

No segundo capítulo, **O Trajeto da pesquisa**, apresentamos os caminhos trilhados em Abaetetuba e na pesquisa até a escuta dos nossos sujeitos e sujeitas. Realizamos pesquisa exploratória, bibliográfica, etnográfica com observação participante e entrevista narrativa com inspiração hermenêutica.

No terceiro capítulo, **O Cotidiano de Abaetetuba**, apresentamos uma hermenêutica da vida no município em um contexto sociocultural e histórico, fazemos uma contextualização histórica, apresentamos dados demográficos e parte de seu imaginário popular. A tentativa é compreender a história do lugar, um município da Amazônia paraense que possui peculiaridades nos mais diversos aspectos, como desenvolvimento, cultura, violência, religião, saúde e educação.

O capítulo começa com o imaginário do surgimento da cidade, que apresenta a versão de um português, Francisco de Azevedo Monteiro, que fundou a cidade após passar por uma grande tempestade numa viagem de barco. A devoção a Nossa Senhora da Conceição (Padroeira do município) fez com que Francisco chegasse vivo a sua terra natal. Esse imaginário está presente nas narrativas dos moradores locais, com reprodução nas escolas do município. Encerramos com a apresentação de dados sobre saúde, violência, saneamento básico, renda e geografia territorial. Nesse sentido, a terceira parte da dissertação trabalha a compreensão sobre Abaetetuba e é uma ponte que leva ao entendimento das Ilhas e os modos de Comunicar, pois, para compreender as localidades rurais da cidade é necessário entender onde elas estão inseridas e quais são os contextos políticos, históricos, sociais e territoriais que se refletem nas comunidades das ilhas.

O quarto capítulo, **Os modos de viver nas ilhas**, apresenta uma abordagem hermenêutica sobre o comum na rotina dos moradores dessas ilhas. O capítulo também apresenta inspiração etnográfica, onde constam as visitas realizadas nos rios Beira da Costa e Maúba. Os moradores das ilhas experenciam uma vida que oscila entre o rural e o urbano, considerando que precisam se deslocar para ter acesso a alguns serviços. Nosso diálogo teórico é mantido entre Muniz Sodré (2014) e Paul Ricoeur (1989). Com o primeiro, buscamos entender a relação da comunicação do comum. Ou seja, a própria vida dos moradores em todos os aspectos: sejam suas rotinas diárias, o trabalho e as formas de vida. Observamos que os moradores das ilhas acumulam funções profissionais, isto é, “São pescadores e ao mesmo tempo comerciantes, são professores, mas também trabalham com a venda do açaí. São formas variadas de renda que garantem o sustento desses indivíduos”, trecho extraído da entrevista com o morador Cunha,

do rio Beira da Costa. É este pôr em comum que é traduzido, por mim, em diálogo com Paul Ricoeur, numa hermenêutica de compreensão da vida dos moradores e como ela acontece nas ilhas. Ou seja, como ação humana e o ato de significar.

Na construção do quarto capítulo desta dissertação, a escrita está em primeira pessoa, pois o trecho traz a experiência individual do pesquisador nas ilhas frequentadas. Já o quinto capítulo está em terceira pessoa, pois se trata da produção científica produzida em conjunto com a orientadora da presente pesquisa.

A postura etnográfica foi adotada quando estive no universo diário dos moradores e passei a conviver com eles no seu dia a dia, principalmente nas visitas realizadas nos rios Maúba e Beira da Costa. A intenção foi compreender as ilhas, a população e as formas de viver o local.

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos (MALINOVSKI, 1978, p.19)

A etnografia também nos possibilitou compreender as ilhas, ao mesmo tempo, como “entre-lugares”, hibridismo e continuum, pois são espaços de continuidade do espaço urbano ou vice-versa.

Por fim, o quinto e último capítulo: **A compreensão hermenêutica de “si” e da violência pelos moradores das ilhas de Abaetetuba** tece a compreensão dentro de uma inspiração hermenêutica de “si” e das narrativas sobre violência dos moradores das ilhas. Costa (2022, p. 100), ao analisar o pensamento Ricoeuriano, afirma que sua hermenêutica é um esforço efetivo, de compreensão de nós mesmos e “a realidade em que vivemos, e essa compreensão acontece em um recorte de tempo histórico, sendo necessário analisar o que está dito/ escrito num determinado tempo, numa cultura, numa história”. O capítulo também retoma o debate sobre a comunicação e as sociabilidades dos moradores das ilhas, pois, para responder à problemática do trabalho é preciso entender quais são as experiências comunicativas dos sujeitos em questão.

Como reflete Ricoeur (2013, p. 9), “o homem não é um dado. Ele se define por ser uma tarefa, uma síntese projetada. Nem por isso se reduz a mera subjetividade. Está vinculado ao mundo exterior mediante seus interesses e seus sentimentos”. Nesta perspectiva alinhamos a tessitura hermenêutica da nossa interpretação e compreensão, entre discussões teóricas e metodológicas.

2 O TRAJETO DA PESQUISA

Por onde iniciar o percurso da pesquisa? Começamos pelo estado da arte e constatamos a quase inexistência de estudos na área da comunicação sobre as ilhas de Abaetetuba. Realizamos, no dia 13 de maio de 2021, consulta no portal da Capes, com a finalidade de encontrar pesquisas, a partir das seguintes palavras-chave: Abaetetuba, Ribeirinhos e violência. Nessa pesquisa, feita sem filtro, encontramos mais de 12 mil trabalhos acadêmicos, entre dissertações e teses, no entanto, quando filtramos por área de conhecimento, no caso Ciências Humanas e Comunicação, não encontramos nenhum resultado, inclusive utilizando as seguintes combinações, Abaetetuba e ribeirinhos, Abaetetuba e violência, ribeirinhos e violência. Nessa consulta, não foram encontradas, na área da Comunicação, dissertações ou teses com a temática violência e as ilhas de Abaetetuba. Do mesmo modo, quando inserimos a expressão “moradores das ilhas”, não encontramos trabalhos com essa temática na área de comunicação.

Em 2021, iniciamos também um levantamento bibliográfico sobre a temática das ilhas, a questão da comunicação e a violência urbana e rural, além de dados demográficos sobre o município. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 183) a pesquisa bibliográfica tem como principal objetivo [...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”.

Na trajetória de pesquisa bibliográfica, dois eventos vão contribuir com as referências e com a metodologia utilizada na pesquisa: o seminário de pré-qualificação, em junho de 2021, quando a banca constituída pelos docentes Rosaly Brito, Marina Castro e Fábio Castro, fez considerações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa; e, em novembro de 2021, no exame de qualificação, com participação dos professores Edila Moura, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFGA) e Otacílio Amaral Filho (PPGCOM/UFGA), com discussões mais específicas para o refinamento da pesquisa.

Na perspectiva de Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Nesse sentido, boa parte da literatura presente nesta dissertação veio da indicação de orientação como: Graciano da Silva, que trabalha o conceito de novo rural; Núbia Hanciau, que desenvolve estudos sobre o conceito de “entre-lugares”; Marcius Coutinho, cujos estudos voltam-se para as identidades dos moradores das ilhas, entre outros autores. No âmbito da temática “violência”, recebi indicações de leitura de Glória Diógenes, Hannah Arendt e Maura Modena.

O levantamento bibliográfico também veio através das indicações de leitura das disciplinas cursadas durante o mestrado, como Muniz Sodré, Dominique Wolton, Vera França, Erving Goffman, Paul Ricoeur, etc. Muitas dessas referências bibliográficas também vieram da minha própria busca na internet, das visitas nas bibliotecas de Abaetetuba e solicitação de indicação de leitura dos próprios colegas da pós-graduação e docentes.

Portanto, a revisão de literatura foi o primeiro passo para a elaboração da dissertação, e tal fase contou com a colaboração de muitas pessoas. Os diálogos tecidos durante as reuniões dos grupos de pesquisa “Mídia e Violência” e “Narramazônia”, ambos coordenados pela professora Alda Cristina, também nortearam os rumos que essa pesquisa deveria tomar.

Outro aspecto fundamental foi entender o que são as ilhas na Amazônia paraense, considerado o caráter e natureza delas, que se misturam entre ambientes rurais e urbanos. Por isso, sentimos necessidade de uma reflexão sobre nossas escolhas pelas ilhas.

2.1 As ilhas: “Entre-lugares”, hibridismo e continuum

Ao pesquisar sobre as ilhas de Abaetetuba, nos deparamos com o seguinte desafio: Quantas ilhas Abaetetuba possui? E qual o órgão público detém essa informação? Começamos uma busca incansável para obter um mapa ou uma relação com dados mais concretos sobre essa região tais como: primeiros habitantes, número populacional, extensão geográfica, extensão dos rios, furos e ramais dessa região. Pelo movimento da orla da cidade, é perceptível que há centenas de moradores nessas regiões, mas sem nenhuma exatidão de quantos, pois as embarcações não param de chegar, o rio torna-se uma extensão da rua e nesse fluxo constante de movimento a vida cotidiana urbana atravessa a vida rural e vice-versa.

Em busca de informações, fizemos alguns percursos, como: a) visita à prefeitura Municipal de Abaetetuba, que não dispõe de informações específicas sobre a região, no entanto, indicou os agentes Comunitários de Saúde (ACS) que trabalham nos rios, pois eles recolhem, por conta própria, informações das localidades em que atuam, como o número de moradores, tipos de serviços e dificuldades. Mas, ao consultar alguns desses agentes, constatamos que eles têm dados das comunidades de atuação, mas nem sempre conseguem cadastrar todos os moradores; b) visitamos as bibliotecas municipal professora Miguelina Bittencourt e da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Abaetetuba, ambos os locais não possuem documentos, livros ou dados com informações atualizadas sobre as ilhas. Os dados encontrados datam das décadas de 1980 e 1990, e estão defasados; c) por fim, visitamos a Paróquia das Ilhas de Abaetetuba e obtivemos dados da professora e assistente social Antônia Botelho, que atua como agente pastoral há mais de 30 anos. Segundo ela, em entrevista ao pesquisador:

“Abaetetuba possui 73 ilhas, considerando esses pequenos recortes que você tem da população. Hoje, tem muito mais habitantes morando nos igarapés; o povo vai derrubando mata, construindo casas e a coisa vai se alargando. Hoje, tem morador no furo do limão. E o que é interessante é que esse furo não consta no mapa do IBGE nem nas nossas cartografias. Nós fomos descobrindo essas novas localidades fazendo visitas através da Paróquia das Ilhas, Pastoral da Criança e Cáritas. O padre Adolfo, nos anos de 1990, foi responsável por visitar essas comunidades, ele mesmo mapeou essas ilhas e produziu um mapa ao longo de sete anos de navegação por esses rios. O padre Adolfo conseguiu fazer um trabalho muito interessante, era um estrangeiro, um espanhol em solo amazônico fazendo esses registros. O estudo dele nos deu a dimensão dessas localidades e até hoje não encontramos ninguém da universidade para pegar esse mapa do padre e fazer uma cópia e trabalhar com ele, fazendo as correções e acréscimos das novas ilhas que Abaetetuba possui”.

As 73 ilhas do município, localizadas na região insular de Abaetetuba, apresentam características diferentes umas das outras. Umas são mais estruturadas e outras menos. Há, por exemplo, ilhas que oferecem serviços comuns presentes em cidades maiores, tais como: supermercados, quadra esportiva, bares, lanchonetes, academias, postos de combustível, padarias, energia elétrica e internet. Algumas ilhas possuem escolas estaduais, postos de saúde e serviço de segurança pública. São “políticas de urbanização do meio rural” (GRAZIANO, 1997, p.13) que objetivam melhorar a infraestrutura local. Graziano também nos apresenta o conceito do “novo rural”, com características mais urbanas nessas localidades, as quais possuem atividades “derivadas da crescente urbanização do meio rural (moradia, turismo, lazer e prestação de serviços)” (GRAZIANO, 1997, p.01). **Ver Figura 01**

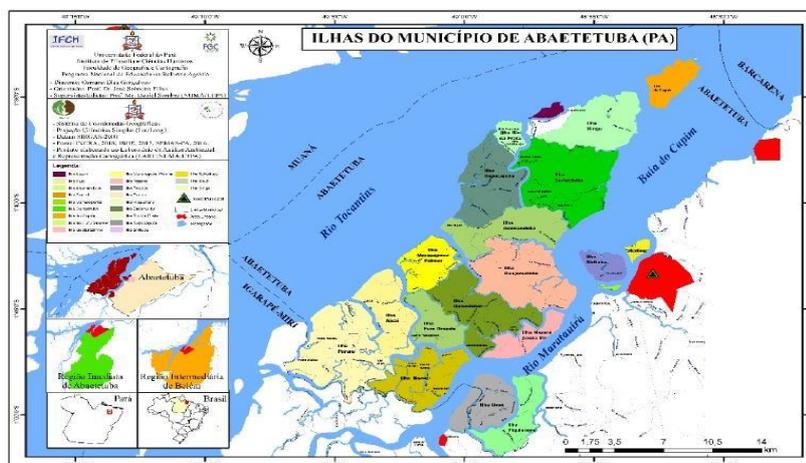


Figura 01: Localização das ilhas de Abaetetuba-PA.

Fonte: (Gonçalves et. Al, 2019)

Segundo Gonçalves et. Al (2019, p.88) “as ilhas de Abaetetuba encontram-se organizadas enquanto Projeto de Assentamento Agroextrativistas (PAE), implantado pelo INCRA”, conforme consta no mapa 1, no entanto, desse total, 16 possuem a jurisdição do Instituto de Terras do Estado do Pará (ITERPA) e 6 (seis) são comunidades quilombolas, conforme chancela Coutinho (2018):

O Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) é uma modalidade de assentamento rural constituído por meio da obtenção de terras pela União e implantado pelo Incra. Esta se constitui na principal política de regularização fundiária que atende à população ribeirinha e quilombola do município de Abaetetuba. Considerando os dados da CPT local, atende a 7.584 famílias distribuídas nos 24 PAEs instalados no município. Os documentos que fundamentam essa modalidade são o Estatuto da Terra, o I Plano Nacional de Reforma Agrária e a Portaria no 627/1987 do Incra, e com base neles foram editadas três portarias do Incra que ofereceram as condições para a instalação desta modalidade de assentamento na região das ilhas. A primeira Portaria é a no 268, editada em 23 de outubro de 1996, que considera que a atividade agroextrativista na Amazônia “afirma-se como alternativa aos projetos de assentamento executados pelo Incra”. (COUTINHO, 2018, p.41)

Na figura 01, não consta os furos e igarapés, conforme informação apresentada por Antônia Botelho, em entrevista. É muito mais amplo do que o mapa consegue abarcar. Nesse sentido, não entendemos essas ilhas como espaços ou indivíduos homogêneos, pelo contrário, demarca-se que os moradores desses locais vivem num processo intersticial e cultural, conforme Bhabha (1998), nunca fixo, em que as realidades são tecidas ao mesmo tempo. Ou, como afirma Ferraz (2010, p. 16), com a necessidade de pensar e analisar com “novos olhares e interpretações das relações humanas exercidas nas regiões periféricas do complexo espacial do mundo, principalmente quanto ao sentido de pertencimento das pessoas em relação a esses locais”. Essa constatação foi observada, por nós, logo nas embarcações que chegam diariamente na orla da cidade. São lanchas, *voadeiras*,² *rabudinhos*,³ *rabetas*,⁴ *rabudos*,⁵ e barcos de pequeno e grande portes. É um ir e vir constante, levando-se em conta as necessidades dos moradores das ilhas em obter atendimento ou objetos para suas realidades.

Esse trânsito, entre o ir e o vir, configura a dinamicidade da vida nos rios da Amazônia, em que os indivíduos cruzam os dias em sinergia com a natureza e com os seus recursos naturais, vivendo um cotidiano ao mesmo tempo único e similar a rotina alheia, pois, como reflete Martins (2020, p.93), “a nossa rotina de vida é feita de sobressaltos, do vai e vem do

² Embarcação motorizada muito comum nas ilhas de Abaetetuba.

³ Embarcação pequena muito comum nas ilhas de Abaetetuba.

⁴ Embarcação de médio porte motorizada e muito utilizada pelos moradores das ilhas.

⁵ Embarcação de pequeno porte motorizada e muito utilizada pelos moradores das ilhas.

cotidiano, ao mágico, ao religioso. É um cotidiano constituído, apenas evidenciado na realidade vivida da imensa maioria da população”.

Assim, as ilhas configuram-se como um espaço híbrido. E esse encontro entre urbano/rural, entre diferenças e semelhanças, é percebido por Graziano (2002) como um *continuum espacial*:

O corte entre rural/urbano parece hoje mais uma vulnerável explicativa das diferenças quantitativas entre níveis de renda e o grau de acesso a determinados bens e serviços, que um corte analítico que explique as diferenças entre dois territórios. Por isso ‘a ideia de dois mundos se opõe’ vai cedendo lugar a ideia de um *continuum* espacial, seja do ponto de vista de sua dimensão geográfica e territorial, seja na sua dimensão econômica e social (GRAZIANO, 2002, p. 61).

Segundo Graziano (1996), a distância entre urbano e rural já não é mais relevante, pois tudo pode ser resumido pela lógica do “continuum”, ou seja, as cidades não podem ser resumidas ou definidas como áreas industriais, da mesma forma o rural não está mais restrito a atividades agrícolas. Em aspectos sociais e do trabalho, o campo parece muito mais com a cidade e vice-versa (GRAZIANO, 1996).

Na atualidade, os moradores das ilhas de Abaetetuba também são afetados pelas mudanças que ocorrem nas áreas urbanas, elas se estendem aos seus espaços de pertencimento, ou seja, aos locais de aproximação, de experiências e de vivências cotidianas de uns com os outros, pois, mesmo estes indivíduos, que vivem dinâmicas territoriais rurais, enquanto espaço e ambiente social, experienciam problemas de cidades metropolizadas (TRINDADE JUNIOR, 2005).

Na mesma linha de pensamento, Monte-Mór (2004) apresenta o conceito de “urbanização extensiva”. Para o autor, a urbanização ultrapassou as fronteiras da cidade e dos espaços urbanizados e gerou uma configuração “sócio-espacial”, onde características urbano-industriais criaram um novo espaço, um espaço onde o urbano e o rural passaram a ser integrados em uma única forma, mas com evidências mais urbanas, carregando também consigo as especificidades de polis e da civitas: a práxis urbana, a política e a cidadania (MONTE-MÓR, 2004, p. 115, grifos do autor).

Essa nova realidade rural é analisada por Neto (2010), a partir das interpretações feitas do pensamento de Graziano (1999):

[...] já não se pode caracterizar o meio rural brasileiro somente como agrário.” O comportamento do emprego rural, dos movimentos da população residente nos espaços rurais, não pode mais ser explicado apenas a partir do calendário agrícola e da expansão/retração das áreas e/ou da produção agropecuárias. Contudo, o que é passível de crítica nas análises do “rurbano” de Graziano da Silva é a abordagem que percebe o rural muito mais sob a influência do urbano que, em relação às

características do próprio rural, sua diversidade, complexidade e multiplicidade de arranjos sociais e racionalidades (GRAZIANO, apud NETO, 2010, p.1431)

E essa dinâmica do novo rural é apontada por Antônia Botelho, em entrevista ao pesquisador, a partir do projeto Luz para Todos: “O Projeto Luz para Todos foi um benefício muito importante, por que os ribeirinhos começaram a usufruir de coisas que eles tinham direito, mas não tinham condições. Por exemplo, a geladeira e outros eletrodomésticos e eletroeletrônicos. Outro ponto positivo do desenvolvimento urbano foram os ramais que dão acesso às comunidades do Itacuruça médio, Itacuruça baixo e Itacuruça ilha. O problema é que todo esse desenvolvimento tem o lado cruel, o ramal facilita o acesso a essas regiões e tem a questão das drogas, hoje a gente tem esse mal. São mazelas que vieram junto com a presença dos ramais e a facilidade de locomoção. Hoje, todo mundo tem uma lancha ou um rabudo nas ilhas de Abaetetuba”.

Por outro lado, não de maneira oposta, mas de complementaridade, temos Hanciau (2005, p. 13) e suas discussões sobre os “entre-lugares [que] fornecem o campo para a elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e a postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria sociedade”. A autora também continua:

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. (HANCIAU, 2005, p. 01)

Ainda sobre o desenvolvimento do assunto Hanciau (2005) busca fundamentos nos conceitos da historiadora Pesavento para explicar a temporalidade presente no mundo globalizado. Nesse novo mundo, não há mais espaços para barreiras, ou zonas limítrofes. Há uma espécie de continuidade de territórios, “Figurando um ir-e-vir não apenas de lugar, mas também de situação ou época” (PESAVENTO, apud HANCIAU, 2005, p. 9). Já Massey (2000) refere-se também ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e à nossa experiência de tudo isso. Ou seja, as relações sociais se estruturam no espaço e no tempo e criam vivências e práticas que fazem parte da vida das pessoas. Para os moradores das ilhas, isso ocorre em suas trajetórias cotidianas, nos percursos pelos rios, matas, igarapés, ruas, praças e avenidas.

Definidos os aspectos de compreensão desse lugar, partimos para a aplicação da pesquisa exploratória. Em janeiro de 2021, com a intenção de escrever um artigo científico para um evento acadêmico, fui a duas localidades nas ilhas de Abaetetuba. O objetivo era confirmar

se tínhamos objeto de estudo para dar prosseguimento à pesquisa. Tínhamos somente informações prévias da violência nessa região. Então, visitei os rios Maracapucu-miri, Jupariquera e Piquiarana, iniciando assim a pesquisa exploratória, que “são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade” (LAKATOS E MARCONI, 2010, p.171). De acordo com as autoras, na pesquisa exploratória, o pesquisador vai trabalhando as possíveis hipóteses, vai aproximando-se do ambiente e dos acontecimentos com o objetivo de realizar uma pesquisa mais aprofundada no futuro.

E, durante essa primeira visita aos rios de Abaetetuba, tive as primeiras impressões sobre os modos de vida dos moradores, seus hábitos e costumes. Todas as observações e informações foram devidamente anotadas no meu caderno de campo. Conforme Lakatos e Marconi, na pesquisa exploratória, a atenção se volta para os indivíduos, mas também para os grupos que se formam e se organizam em um determinado território. Esse procedimento visa à compreensão dos inúmeros fenômenos sociais. Na mesma linha de pensamento, Richardson (1989, p.281) nos diz que “A pesquisa exploratória procura conhecer as características de um fenômeno para procurar explicações das causas e consequências de dito fenômeno”.

Nessa pesquisa exploratória recorreremos também ao método de observação participante, em que o pesquisador “se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (LAKATOS e MARCONI, 2010, p.177). Ou seja, é uma tentativa de colocar o pesquisador e pesquisado do mesmo lado, e o pesquisador torna-se um membro da comunidade e passa a vivenciar o que eles vivenciam e a trabalhar dentro do sistema de referência deles.

Nessas visitas *in loco*, nas ilhas de Abaetetuba, foi possível experienciar os modos de viver dos moradores locais, conversar e manter interações com os diversos habitantes e suas atividades cotidianas. Estive nas casas, nos trabalhos, nas embarcações, nas pontes, nos estabelecimentos comerciais (mercearias), nas rodas de conversa e participei dos silêncios dos moradores, em que apenas observam o dia. Foi um importante processo imersivo, com observação participante direta do comum do dia a dia.

Destacamos a importância dessas observações iniciais considerando o que diz França (2001, p. 40 grifos da autora), com relação as pesquisas no campo comunicacional: “Os objetos do mundo (ao contrário do que nos diz a intuição imediata) não se encontram aí, prontos e recortados: os ‘objetos’ do mundo são recortados (ou religados) por nosso olhar e nossa compreensão, por nossa maneira de ver”. E foi com esse olhar diferenciado que a pesquisa com

os moradores foi tecida, entre revisão bibliográfica, pesquisa exploratória, observação participante e entrevista narrativa com a análise hermenêutica.

Durante todas as pesquisas *in loco*, experienciei os modos de viver dos moradores locais, pois as conversas se davam no ambiente deles - na casa, no trabalho, nas embarcações, nas pontes, nos estabelecimentos comerciais (mercearias). Foi um processo onde a observação foi direta. Uma imersão na pesquisa, conforme ressalta Minayo (2013):

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente. (MINAYO, 2013, p. 70)

Outra inspiração metodológica para a elaboração do presente trabalho foi a observação participante e etnógrafa de Bronislaw Malinowski, antropólogo que elaborou uma série de estudos para obter a compreensão da cultura além de sua perspectiva histórica, ou seja, a cultura como uma forma de organização. Malinowski utilizou um método etnográfico para compreender a cultura a partir da grafia (escrita) dos modos de viver dos povos e grupos tradicionais que ele pesquisava, para ele: “o Etnógrafo no terreno tem o dever de destacar todas as regras e normas da vida tribal, tudo o que é permanente e fixo; deve dar conta da anatomia da sua cultura e da constituição da sua sociedade”. (MALINOWKI, 1978, p. 25)

Destacamos também um aspecto a ser levado em consideração durante a pesquisa de campo, que é as ideias preconcebidas que são prejudiciais e que podem levar a conclusões mal sucedidas sobre o estudo realizado. Malinowski (1978) salienta a importância da observação da teoria e principalmente da comparação do levantamento teórico produzido sobre determinado estudo com a prática da pesquisa de campo:

Mas quantos mais problemas ele levar para o campo, quanto mais habituado estiver a moldar as suas teorias aos factos e a observar estes últimos na sua relação com a teoria, em melhores condições se encontrará para trabalhar. As idéias preconcebidas são prejudiciais em qualquer trabalho científico, mas a prefiguração de problemas é o dom principal do investigador científico, e estes problemas são revelados ao observador, antes de mais, pelos estudos teóricos. (MALINOWKI, 1978, p.23)

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, muitas ideias foram construídas antes da pesquisa de campo e talvez mal concebidas sobre a realidade da vida dos moradores das ilhas de Abaetetuba. Havia uma pré-concepção, por exemplo, de que a violência estava restrita somente à questão dos piratas que praticavam crimes na região, mas, ao imergir na pesquisa descobri que outras formas de violência, como drogas, abuso sexual, incesto, acidentes com

embarcações e crimes ambientais também atravessam a realidade dos indivíduos locais. Portanto, a etnografia de Malinowski (1978) foi fundamental para ajudar na compreensão dos modos de viver dos moradores de Abaetetuba. As anotações aliadas às narrativas obtidas durante as entrevistas fizeram-me rever contextos teóricos obtidos antes da prática da pesquisa de campo.

A narrativa foi utilizada para a compreensão da vida dos moradores das ilhas, pois, ao narrar, os sujeitos compreendem-se e compreendem o outro e o mundo; expressam sonhos, anseios, expectativas, experiências, sentimentos, afetos, medos, compaixão, raiva, esperança, entre tantos outros que formam as subjetividades humanas. As narrativas ajudam a compreender a vida das pessoas em seus espaços territoriais, a vida humana em sociedade. “Nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.91). Continuam:

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91)

Com as narrativas dos moradores, ouvimos, ao longo das visitas realizadas, relatos sobre os modos de viver das pessoas das ilhas, como por exemplo: como as comunidades organizam-se, as formas de lazer, o sustento dos indivíduos, a percepção deles sobre o território urbano e rural, a violência, as mudanças tecnológicas e a afetação nas ilhas, a oferta de serviços públicos na região, entre outros aspectos. Essas narrativas possibilitaram um elemento fundamental na sua construção, os enredos, que são, na concepção Ricoeuriana abordada por Jovchelovitch e Bauer, ao mesmo tempo, cronológica e não cronológica, misturam passado, presente e futuro.

Contar histórias implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um “enredo”. O enredo crucial para a constituição de uma narrativa. É através do enredo que as unidades individuais ou pequenas histórias dentro de uma história maior adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos independentes. Mas se eles estão estruturados em uma história, as maneiras como eles são contados permitem a operação de produção de sentido de enredo (RICOEUR, apud JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.87)

Nas palavras de Ricoeur (1980), o enredo configura sentido à narrativa, pois os elementos da história juntam-se para produzir um sentido ao que foi narrado. Portanto, a

narrativa não é um simples ato de contar histórias soltas, ela produz significado a partir de várias situações em que são contadas e que possuem uma ligação umas com as outras.

Do mesmo modo, com as narrativas buscamos uma forma de compreensão do ser. “A interpretação é, portanto, talvez o acto essencial do pensamento humano; na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação” (RICOEUR, 1969, p.20).

Outro aspecto importante dessa metodologia é o fato dela oferecer uma imersão profunda na vida dos sujeitos entrevistados. Na entrevista narrativa, o entrevistador fala sobre um determinado assunto e o entrevistado fica livre para falar sobre o tema abordado. Essa teoria ofereceu, na prática, vantagens e desvantagens. Alguns entrevistados, por exemplo, falavam com mais facilidade sobre o tema trabalhado, outros eram monossilábicos e não desenvolviam muito o assunto. E isso não tem a ver com o tempo de pesquisa, ou o tempo em que eu passei no local, visto que tem localidades nas quais eu passei um final de semana e não obtive respostas mais longas de um entrevistado e outras localidades em que eu passei um dia e obtive respostas mais profundas. Nesse sentido, as narrativas variam de indivíduo para indivíduo, porque somos seres diferentes e a busca hermenêutica pela compreensão dessas diferenças também fazem parte da pesquisa em questão.

A narrativa é a própria experiência de vida. Ela está presente em vários gêneros textuais, pois “Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.91). Nas nossas caminhadas pelas duas ilhas ouvimos narrativas dos moradores com relatos sobre os modos de viver e experienciar suas vidas.

2.2 A escolha das ilhas e dos sujeitos

Após a constituição dos aspectos teóricos e práticos da realização da pesquisa, era chegada a hora de definir quantos e quem seriam os sujeitos e sujeitas a serem entrevistados, assim como as ilhas a serem selecionadas, até porque tínhamos visitado 10 ilhas, e seria impossível para uma pesquisa de Mestrado, a escuta de todos os sujeitos dessas localidades.

A partir de alguns filtros internos das próprias discussões entre orientando e orientadora, decidimos selecionar duas ilhas, considerando a recepção dos moradores e também o movimento deles entre área rural e urbana. Assim, escolhemos ouvir, aleatoriamente, 10 pessoas, sendo cinco de cada ilha: 05 (cinco) de Costa Maratauíra, conhecida também como “Beira da Costa” e 05 (cinco) de Maúba.

Para fazer a pesquisa no rio Maúba e no rio Beira da Costa foi preciso passarmos por outras localidades, como informado anteriormente. Dez ilhas foram visitadas com a intenção

de escolher as ilhas que seriam pesquisadas: rio Maracapucu-Miri, rio Jupariquara, rio Beira da Costa, rio Quianduba, rio Piquiarana, rio Furo Grande, rio Maracapucu-Grande, entre outras. Durante essas visitas, foram realizadas conversas informais com a intenção de conhecer o lugar e os moradores locais. Não conseguimos chegar ao rio Maúba, mas ouvimos muitos relatos de moradores de outros rios que disseram que lá havia muitas ocorrências de violência, então, também esse foi um dos critérios escolhidos. Ou seja, selecionamos localidades em que havia mais relatos de hostilidade.

Para chegar aos nossos sujeitos, a pesquisa contou com a ajuda de dois professores: professor Cunha no rio Beira da Costa, que nos apresentou os moradores, sendo ele, um deles; e o professor Cledivaldo Pantoja que me apresentou outros moradores. Para a pesquisa, entrevistamos também a professora e assistente social Antônia Botelho, referência em trabalho nas comunidades das ilhas da cidade.

As pesquisas foram aplicadas entre os meses de agosto e novembro de 2021, sendo a entrevista com Antônia Botelho realizada no dia 09 de agosto, através da plataforma Google Meet. No rio Beira da Costa, as interlocuções foram realizadas no dia 27 de setembro e por fim, no rio Maúba, as entrevistas ocorreram no dia 06 de novembro.

Na descrição das entrevistas, optamos por citar somente o sobrenome dos nossos sujeitos – ver gráfico 1, com exceção de Antônia Botelho. Apesar dos nossos sujeitos terem assinado o Termo de Consentimento de Entrevista regido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPa, optamos por preservar a identidade deles já que o tema abordado é delicado e os sujeitos têm receio sobre os possíveis desfechos do trabalho.

Gráfico 01 – Sujeitos/sujeitas da pesquisa

Nome	Rio	Idade	Profissão	Tempo de Moradia na localidade
Dias	Beira da Costa	38 anos	Pescadora e manicure	A vida toda
Ferreira	Beira da Costa	46 anos	Pescador e Comerciante	A vida toda
Costa	Beira da Costa	45 anos	Pescador	A vida toda
Santos	Beira da Costa	40 anos	Pescadora e Dona de casa	A vida toda
Cunha	Beira da Costa	52 anos	Professor	A vida toda
Silva	Maúba	24 anos	Freteiro	A vida toda

Pantoja	Maúba	42 anos	Servidor Público – Educador social	Morou um período nas ilhas, mudou para a cidade, mas retornou para as ilhas.
Santos	Maúba	40 anos	Lavradora	A vida toda
Sardinha	Maúba	41 anos	Vendedor de açaí	A vida toda
Cardoso	Maúba	91 anos	Professora aposentada	A vida toda
Botelho	Origem: rio Arapapuzinho	60 anos	Professora A.social	Morou por um período nas ilhas de Abaetetuba

Ta: A Fonte: Elaborada pelo pesquisador

3 O COTIDIANO DE ABAETETUBA

O presente capítulo objetiva traçar um panorama do município de Abaetetuba, abordando desde o imaginário na sua constituição até os modos de vida dos moradores das ilhas.

3.1 O Imaginário e o município

Nosso ponto de partida é Abaetetuba, município localizado na mesorregião do nordeste paraense e que possui uma história com muitos entrelaçamentos políticos, culturais e sociais. Hoje, Abaetetuba está inserida na microrregião de Cametá, que compreende ainda os municípios de Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará (IBGE, 2017).

A história da fundação de Abaetetuba é atravessada pela religião, devoção e fé à Nossa Senhora da Conceição, pois, foi através do português Francisco de Azevedo Monteiro que a cidade foi fundada, junto com uma capela em homenagem à padroeira do município. Segundo Machado (2020), reza a tradição que Francisco era dono de uma *sesmaria*⁶. E em uma dessas viagens de barco para suas terras, ele teria enfrentando uma forte tempestade. Sua família estaria a bordo e ele teria feito uma promessa a Nossa Senhora da Conceição. Francisco conseguiu salvar-se e ergueu uma capela no local onde atracou. Foi naquele local, à margem do rio

⁶ Sesmarias eram lotes de terra inculta que os Reis de Portugal cediam a quem se dispusesse a cultivá-las, no rio Jarumã desde 1712.

Maratauíra, que Francisco fundou o povoado de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté, o que mais tarde seria o município de Abaetetuba.

A devoção à Nossa Senhora da Conceição faz parte do imaginário popular dos abaetetubenses, tanto na perspectiva de regência da vida, como nos rituais religiosos, como o círio realizado no último domingo de novembro, que reúne milhares de fiéis que percorrem as principais ruas da cidade rumo à catedral do município. Esse imaginário lembra as reflexões de Paes Loureiro sobre a cultura amazônica.

Na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve e ativa a sensibilidade estética. Os objetos são percebidos na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística, pelas liturgias e pela visualidade (PAES LOUREIRO, 2012, p.21).

Em Durand (1997, p. 14), o imaginário é como uma “estrutura essencial na qual se constitui todos os processamentos do pensamento humano”.

E, nas narrativas dos moradores das ilhas de Abaetetuba, o elemento religioso, principalmente católico, é muito claro. Os sujeitos são membros das comunidades religiosas e fazem questão de participar das celebrações festivas em homenagem aos santos padroeiros dos respectivos rios.

A informação presente no imaginário da população abaetetubense, relacionada ao modo como o município teve sua origem, é reproduzida nas escolas, livros e instituições locais, pois como nos diz Loureiro (2015), o Imaginário é também resultado do olhar singular do homem sobre a Amazônia. Esse olhar vem de viajantes, estudantes, pesquisadores e ganhou uma amplitude enorme no que diz respeito a muitas investigações sobre a região. O imaginário vem do “olhar” sobre o vai e vem dos rios, a magnitude das florestas, a contemplação do horizonte e do cotidiano da vida humana, pois “sob o olhar do natural, a região se torna um espaço conceptual único, vago irrepetível posto que cada parte desse espaço não é igual a outro. (LOUREIRO, 2015, p.82).

Nessa perspectiva, do olhar do homem sobre o local emergem narrativas de moradores que vêem seus “sítios, ilhas ou rios”, denominados por eles como um paraíso, um lugar de sossego e paz. Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, a moradora Cardoso, professora aposentada, 91 anos, afirmou: “Eu gosto daqui, aqui é mais tranquilo, mais silêncio, não tem aglomeração, o clima é melhor. Os vizinhos são conhecidos”. Outros moradores falam do lugar como um ambiente muito bom para se viver.

E, nessa trajetória da história de Abaetetuba, existiu um personagem que exerceu um papel importante na fundação da cidade: Manoel Raposo. Por volta de 1773, várias famílias marajoaras estabeleceram-se no então povoado que viria a tornar-se o município, entre elas, Raposo. Este senhor foi responsável pela organização do lugarejo, reconstrução da capela construída por Monteiro e construção de um anexo para abrigar religiosos missionários. Todo esse trabalho “atraiu outras famílias para o povoado. Essas famílias, por sua vez, fixaram residência e passaram a dedicar-se à agricultura de subsistência e ao extrativismo” (MACHADO, 2020, p.8).

Hoje, há uma rua em homenagem a Manoel Raposo em Abaetetuba, mas pouco se pode notar a respeito de sua importância na história da cidade, o que evidencia, mais uma vez, a valorização do imaginário e tudo o que permeia esse universo, pois a fundação de Abaetetuba por Francisco de Azevedo Monteiro envolve a questão religiosa, acompanhada pelas lendas e mistérios da região. Existe uma narrativa presente na cidade que afirma ter embaixo da Praça de Nossa Senhora da Conceição, catedral da cidade, uma cobra grande e, no dia em que ela se mexer, parte da cidade desaparecerá na imensidão do rio Maratauíra. Os mitos, crenças e mistérios presentes na região amazônica inspiraram grandes obras na literatura brasileira: Macunaína de Mário de Andrade e o Poema Cobra Norato de Raul Bopp, inspirado na lenda amazônica de mesmo nome. (LOUREIRO, 2015).

Segundo Loureiro,

Abaetetuba é uma cidade ribeirinha, situada às margens do Baixo Tocantins. O município do qual é a sede é formado por mais de 70 ilhas. É o espaço cultural fecundo e fecundador dessa cartografia mística enriquecedora do imaginário social. Uma produção fabulosa que tem um repertório tradicional e outro em constante processo de invenção, a partir do devaneio de pescadores e plantadores, cuja imaginação é impregnada pela relação entre a natureza magnífica e a vida. As extensões da solidão propõem um mundo a ser povoado pela imaginação criadora dessa habitação mítica. Tanto que nós, os que nascem em Abaetetuba, nos criamos a ouvir a narrativa que a cidade convive com uma Boiúna submersa, cobra grande lendária. No dia qualquer em que o rabo dessa imensa cobra for cortado, em uma de suas raras saídas pelo rio até a praia de uma ilha, a cidade será desencantada e, em seu lugar, surgirá outra com as mesmas pessoas que vivem na atual. A diferença é que será uma sociedade em que todos serão tratados de forma igual. Viverão na igualdade. Eu interpreto essa lenda como uma utopia social de feição socialista (LOUREIRO, 2021⁷).

Hoje, essas narrativas sobre lendas e mistérios de Abaetetuba já não são mais tão presentes no imaginário da população. Ao longo da pesquisa de campo, observamos que nossos interlocutores estão muito mais interessados em discutir questões do cotidiano urbano e rural e toda a problemática que a vida nesses territórios apresenta, como: a morosidade na

⁷Informação disponível < [O devaneio é uma viagem no riomar da imaginação - seLect](#)> Acesso 01 abr. 2022.

reforma da Orla da cidade, mobilidade urbana, falta de saneamento básico, violência, entre outros problemas contemporâneos. Essas pautas também fazem parte do imaginário abaetetubense, pois o imaginário não se refere só aquilo que foi, mas também é sobre as coisas existentes no mundo, é sobre o fruto do pensamento do homem. Durand (1997) elabora diversos estudos sobre a questão simbólica e aplica esses estudos à questão do pensamento simbólico. O estudo leva ao entendimento das percepções do homem, bem como a várias outras características que ajudam a formar o “imaginário”. Na perspectiva de Durand (1997, p. 41) o imaginário “consiste na incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.

Na história da formação dos municípios brasileiros, existem muitos exemplos de vilas que se tornaram cidades, comunidades que foram desmembradas e territórios que foram ligados. Abaetetuba constitui um desses casos. A cidade já fez parte do município vizinho, Igarapé-Miri, em 1844, porém tal mudança durou pouco e logo a cidade e o distrito de Beja voltaram a ser anexados ao território de Belém até 1880, quando o governador José Araújo Danim estabeleceu o desmembramento do território de Abaeté, incluindo Beja, do de Belém. A partir deste fato histórico, o município torna-se autônomo. Em 7 de janeiro de 1881, foi instalada a primeira câmara municipal na Vila de Abaeté, mesmo com dúvidas sobre onde se localizaria a sede do município. Segundo Machado (2020), o distrito de Beja reivindicava o direito de ser sede, por ser mais antigo.

A vila de Abaeté continuou avançando até se tornar cidade. Nesse sentido, são demarcadas duas datas importantes na história de Abaetetuba: 06 de julho de 1895, quando o governador Lauro Sodré elevou a vila à categoria de cidade; e a data que é comemorada como a de fundação da cidade, 15 de agosto de 1895, quando o “Dr. João Hozanah de Oliveira, procurador-geral do Estado procedeu à instalação da Cidade”. (MACHADO, 2020, p.13). E, desta forma, a questão jurídica deu lugar a questões territoriais ligadas ao patrimônio e ao território que até então pertencia à igreja católica e passou a fazer parte da cidade de Abaeté.

Os entrelaçamentos sobre a história de Abaetetuba também atravessam a etimologia da palavra Abaeté, pois, quando Francisco de Azevedo Monteiro fundou a vila, ele a batizou de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté, o nome foi encurtado para Abaeté que significa “homem forte, valente e prudente. Homem ilustre”. Porém, a definição de tal nome infringiu o decreto Nº 4.505 de 30 de setembro de 1943, que não permitia que houvesse no Brasil mais de uma cidade ou vila com mesmo nome, e no estado de Minas Gerais já havia um município com a mesma denominação (MACHADO, 2020).

O historiador Jorge Hurley sugeriu, então, o nome Abaeté com o sufixo “tuba”, que em Tupi significa “lugar de abundância”. Assim, podemos definir o nome Abaetetuba como “lugar de muitos homens ilustres e verdadeiros”. (MACHADO, 2020, p.14).

O município de Abaetetuba ficou conhecido por muito tempo como a “Terra da Cachaça” por causa dos engenhos de aguardente presentes na região desde 1896. Eram muitas fábricas distribuídas entre ilhas e cidade, que exportavam a bebida para outras regiões do Estado. Atualmente, há pequenos produtores que tentam resgatar a cultura da fabricação de cachaça. Segundo Machado (2020, p. 19), os engenhos funcionaram sempre de acordo com uma concepção primitiva de produção e de relação econômica. “Os mesmos maquinários do século XIX que iniciaram a produção ainda eram utilizados no seu ocaso ao final dos anos 1960”. Para o autor, essa foi a razão da decadência dos engenhos, pois não houve melhorias em equipamentos tecnológicos ligados à produção.

A cultura da cachaça permanece forte na cidade, embora se estenda para outros tipos de bebidas. O hábito de consumo, que é cultural, tornou-se uma forma de socialização dos indivíduos. Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, o morador Pantoja, servidor público, 42 anos, declarou: “Nossa comunidade é muito acolhedora, existe a reciprocidade, as relações sociais são muito fortes e não há lugar melhor pra fazer isso do que quando a gente se reúne para tomar umas cachaças, isso é uma forma de fazer com que as pessoas se deem bem”. Mas com o passar do tempo, os engenhos foram perdendo força na cidade.

Para a professora, assistente social e moradora de uma das ilhas de Abaetetuba, Antônia Botelho,⁸ que possui mais de 30 anos de experiência de trabalho na Paróquia das Ilhas, a cultura da cachaça foi substituída pelo manejo do açaí e isso foi fruto dos assentamentos realizados nessa região: “Nós tínhamos em Abaetetuba 216 olarias e 26 engenhos de cachaça, mas com os assentamentos que começaram a ser realizados nos anos 90, as famílias começaram a ter suas próprias residências, pois nessa época moravam 10, 11 ou 12 famílias no mesmo casarão, mas com os assentamentos as famílias começaram a ser desmembradas, aí chegou o açaizal e o pessoal começou a ter outra fonte de renda. O açaí deixou de ser apenas para consumo próprio e passou a ser vendido, pois as olarias e engenhos já não davam mais os mesmos lucros”.

A fala de Antônia Botelho traduz as mudanças que ocorreram nas ilhas e as adaptações que os moradores tiveram que passar. Na pesquisa realizada na região, constatamos que existem poucas olarias, porém o número de moradores que trabalham com venda de açaí é alto. As

⁸Entrevista concedida ao pesquisador

famílias realmente se envolvem com a compra e venda do fruto, o que garante o sustento delas no período de safra.

3.2 Expressões socioculturais

As expressões culturais em Abaetetuba se manifestam principalmente nas festas religiosas. São os círios e os arraiais que movimentam as praças e bairros da cidade, com destaque para o Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município. A festa é realizada desde 1912, sendo que o Círio ocorre no último domingo de novembro e o encerramento da festividade no dia 08 de dezembro.

Durante esse período, a Praça da Catedral recebe um público múltiplo, responsável pelo consumo de comidas típicas nos quiosques, pela apreciação de artistas locais que se apresentam no palco central, através de teatro, música e dança e pela visita ao parque de diversões, entretenimento tradicional da festa. O arraial manifesta-se como uma “grande feira comunitária que se diferencia da sociedade lá fora” (ALVES, 1980, p.87). Para o autor, é uma espécie de espaço que reúne a sociedade do “sagrado ao profano, da ordem à desordem, do formal ao informal, da estrutura à ‘communitas’, do puro ao impuro”, onde as interações sociais se davam de face-a-face. (ALVES, 1980, p.87).

Há outras celebrações religiosas em Abaetetuba. No dia 08 de dezembro, membros da Umbanda realizam uma carreata até a praia da vila de Beja, em homenagem à Yemanjá. A celebração termina com música, dança e o ritual de flores jogadas ao rio.

A comunidade evangélica em Abaetetuba, principalmente na região das colônias, é expressiva, com destaques para a Assembleia de Deus, Deus e Amor, Igreja Universal, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Cristã Evangélica, Testemunhas de Jeová, Igreja Batista, Igreja Adventista do 7º Dia, entre outras. Essas instituições religiosas promovem durante o ano uma série de congressos, festivais de música, batismo em espaços públicos e visitas às residências.

Os eventos culturais em Abaetetuba atraem milhares de turistas para a cidade, sendo o Carnaval, o Festival do Miriti, “Julho em Beja”, Quadra Junina e Semana da Arte, as comemorações mais populares. O Festival do Miriti é uma oportunidade para conhecer o trabalho dos artesãos que produzem brinquedos e outros produtos derivados da árvore do miriti, presente na região. O festival cresceu tanto que foi transformado em patrimônio cultural do Estado do Pará, no ano da quinta edição, por meio da Lei estadual nº 7.282, de 01 de julho de 2009 (PARÁ, 2009). Um dos objetivos do festival é resgatar a cultura de produção dos

artesanatos de miriti e difundir o trabalho dos artesãos. O evento é uma forma de valorização da cultura do município. Para Moraes (2013):

Os brinquedos de miriti do município de Abaetetuba são influências de uma cultura que demonstra em consequência de suas raízes, todo o cenário amazônico, pois, o consumo dos bens representativos aponta a arte plástica popular junto a sua coletividade e traz valores ligados à sua autenticidade e identidade (MORAES, 2013, p.97).

Segundo Loureiro (apud GOMES, 2018, p. 24), “Em Abaetetuba, os brinquedos de Miriti são uma singularidade cultural, [...] se define como arte do norte”. A artesã Nina Breu, personalidade conhecida na cidade, foi uma das primeiras pessoas a produzir e comercializar os brinquedos de miriti. Hoje, o artesanato é vendido no Círio de Nazaré⁹ em Belém, e se tornou um dos principais símbolos da maior procissão católica do país e da cidade de Abaetetuba, que é reconhecida como “A capital Mundial do Brinquedo de Miriti”.

“A imagem recente da Capital Mundial do Brinquedo de Miriti na figura da comunidade de artesãos simboliza um fazer das margens que expõe o colorido, a alegria, a brincadeira e a espontaneidade da criança” (GOMES, 2018, p.20). Nesse sentido, partindo de um pressuposto de um conhecimento sociológico do urbano, as imagens tornam-se “objeto de reflexão estética que aponta para um diálogo com a cidade, sendo assim, a arte expressa uma comunicação mútua, efetiva um encontro entre o indivíduo e a sua comunidade” (GOMES, 2018, p.20).

O brinquedo de miriti é resultado de um trabalho minucioso dos artesãos da cidade e esses brinquedos por muito tempo foram comercializados nas festas religiosas da cidade, mas com a popularização dos brinquedos eletrônicos, a cultura de consumo da arte do miriti se perdeu, por isso existe um trabalho de resgate dessa cultura com apoio da Associação dos Artesãos e Órgãos públicos de Abaetetuba.

A partir disso, a manifestação artística aponta para a solidariedade à medida que a cidade passa ser vista como obra, como possibilidade de reconhecimento das paisagens culturais amazônicas e suas poéticas (GOMES, 2018, p.22).

O carnaval de Abaetetuba também movimentava a economia da cidade, com a realização de blocos e micaretas. As costureiras recebem uma demanda alta de trabalho para customizar abadás e trabalhadores temporários são contratados para dar suporte em setores como hotéis, restaurantes, bares e supermercados.

⁹ O Círio de Nazaré é a maior festa religiosa católica em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre nas ruas de Belém no mês de outubro.

A Semana de Arte é realizada em agosto, mês que se comemora a fundação do município e o aniversário da cidade, uma iniciativa do governo municipal. Durante uma semana, a Praça da Bandeira recebe artistas locais que expressam artes por meio de poemas, músicas, danças, peças teatrais, além de venda de brinquedos de miriti. “A arte surge como uma atividade que corrobora na criação de um mundo sensível às formas sociais, despertando a criatividade para a comunicação mútua” (GOMES, 2018, p.14).

Abaetetuba pode ser considerada como “uma cidade da Arte”, pois sua história perpassa pelo mito da Pacoca¹⁰, que surge como encanto nos espaços urbanos, “o mito se apresenta aqui como fenômeno semelhante ao que Backos (1985) classificou de imaginário social” (BACKOS, apud GOMES, 2018, p.14). Seja nas ilhas, furos, igarapés e espaços públicos, constatamos um “estar juntos”, que se expressa por várias formas de arte, como música, expressões corporais, culinária e manifestações culturais que são expressas por uma cidade tipicamente amazônica. (GOMES, 2018).

A quadra Junina de Abaetetuba possui quadrilhas modernas e tradicionais. O evento é promovido durante uma semana e reúne centenas de pessoas no Ginásio Hildo Carvalho. A preparação para esse evento começa cedo. As quadrilhas começam a ensaiar com seis meses de antecedência, elas atravessam noites se preparando para o concurso municipal e estadual. Os temas que as quadrilhas trazem refletem o imaginário da população de Abaetetuba, que envolve lendas, mistérios e mitos pertencentes à região. “A cada ano esse imaginário se atualiza nas maneiras de dançar renovadas pela ação comum, seja na poética dos corpos que compõem uma fisionomia colorida e simétrica, ou ao longo de um ‘estar junto’ pelo espetáculo”. (GOMES, 2018, p.27).

A Feira de Abaetetuba é uma expressão sociocultural viva e contínua que resiste ao tempo e às mudanças ocasionadas pela metropolização da cidade. Localizada às margens do rio Maratauíra, ela se estende por boa parte do centro comercial. Conhecida por seus conterrâneos como “Beira”, neste lugar, há uma variedade de alimentos. Os peixes mais consumidos são o mapará, a pescada branca, a pescada amarela, pirarucu, curimatá, aracu, cachorro do padre, tamuatá, xaréu, filhote, dourada, pirapitinga, cará- açu, cari cachimbo e pacu pequeno. É possível encontrar também um amplo comércio de carne de caça.

O movimento na feira de Abaetetuba começa às cinco da manhã. Os feirantes começam a organizar suas barracas. O movimento se intensifica e a venda do mingau de miriti, de açá e

¹⁰ Pacoca: ilha localizada no rio Maratauíra, suposto lugar de morada da cobra-grande e da cidade submersa- em Nheengatu significa rio de correntezas.

de milho, iguarias peculiares no café da manhã dos abaetetubenses fazem sucesso no local. Na orla, a partir das cinco da manhã, chegam os vendedores de açaí e, nos arredores da Praça de Conceição, os vendedores de farinha também se posicionam para negociar a venda. E, enquanto o tempo vai passando, um emaranhado de pessoas vai se formando no centro comercial de Abaetetuba. As feiras livres, em suas diversas configurações, aglomeram multidões e configuram-se como importantes espaços de sociabilidade.

São atividades de base econômica, mas que muito transcendem a esfera comercial; são espaços de mobilidades comerciais e sociais onde se erguem redes de sociabilidades (ARAÚJO E MORAIS, 2006, p. 247).

Nesse sentido, a “Beira” de Abaetetuba é um lugar de sociabilidades, com encontros e de intensa movimentação. Os moradores das ilhas chegam através das embarcações e juntam-se às centenas de moradores que chegam de todos os cantos da cidade. É um verdadeiro compartilhamento de experiência no âmbito comunicacional. Ou seja, indo em direção às reflexões de Muniz Sodré (2007, p. 21), em que o “Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade”.

3.3 Dados demográficos

O município de Abaetetuba possui uma economia baseada no comércio de serviços e produtos, aliada à produção de açaí, miriti e bacuri, frutas típicas da Amazônia. Dados do IBGE, ano 2017, apontam que o Produto Interno Bruto per capita é de R\$ 9.046,13, o que coloca a cidade na posição de 88^a no ranking estadual, e 2^a na região geográfica imediata. A população, de acordo com o Censo Demográfico de 2010, é de 141.100 pessoas, com estimativa de 159.000 habitantes em 2020. O comércio, por exemplo, tem crescido exponencialmente, em virtude do desenvolvimento do Polo Industrial da Vila dos Cabanos, em Barcarena.

Os Programas assistenciais do governo federal, como o Bolsa Família, Bolsa Verde e Seguro Defeso colaboram para movimentar a economia do município. Há uma intensa movimentação nas lojas localizadas próximo a bancos e lotéricas, onde os beneficiários que recebem os auxílios costumam visitar.

Outro fator com expectativa de contribuir para o movimento da economia local em Abaetetuba é a instalação do Porto da *Cargill*¹¹, que está sendo construído e tem gerado uma movimentação de compra e venda de terrenos próximos à instalação da obra. Tal projeto deve

¹¹ Cargill é uma multinacional que está construindo um Porto em Abaetetuba para o escoamento de grãos para outras regiões do país. O investimento é de mais de 700 milhões de reais.

injetar mais de 700 milhões de reais na economia da cidade, embora todo esse desenvolvimento esteja presente em Abaetetuba, a cidade possui grandes problemas como muitas ruas sem pavimentação e que facilmente ficam alagadas em períodos chuvosos, falta de saneamento básico, trânsito caótico, com muitos registros de acidentes e violência urbana e rural com registros de assaltos, furtos e homicídios.

A instalação da Cargill em Abaetetuba é polêmica, pois entidades religiosas, associações e órgãos ambientais são contra o projeto, em função dos impactos socioambientais que ele pode gerar, porém alguns vereadores da Câmara Municipal e membros da sociedade civil acreditam que a vinda da multinacional para a região deve trazer muito progresso e desenvolvimento para o município. Em Santarém, no Pará, a instalação da Cargill ainda é polêmica, mesmo tendo se passado mais de vinte anos da instalação, entidades ambientais apresentam uma série de denúncias sobre o avanço do agronegócio e os impactos para as comunidades tradicionais, conforme notícia do portal “terra de direitos”¹². E esse desenvolvimento parcial de Abaetetuba tem dado à cidade características industriais¹³. O conceito de cidade industrial é pontuado por Monte-Mór (2015, p. 118): “transbordou sobre a região que a circundava - a região metropolitana - dando origem a uma nova forma de urbanização (extensiva), integrando as práticas sócio-políticas-espaciais (urbano-industriais)”. Essas novas configurações urbanas em Abaetetuba mudam o caráter singular de cidade interiorana. E o sossego do interior passa a dar lugar ao movimento frenético da cidade, com ares de uma metrópole em algumas características, mas carente de serviços básicos em outros.

Mas esse crescimento também é criticado por Antônia Botelho, principalmente com relação à construção do Porto da Cargill e dos possíveis danos: “A gente tem acompanhado essa questão do Porto da Cargill desde 2014, nós estamos nos reunindo com as comunidades, as chamando para protestar e participar das ações. Nós temos inclusive, um grupo de advogados que nos acompanham e tem muita coisa errada ali. Eles querem retirar as pedras dos rios, as mesmas pedras que ajudam a suportar a batida das maresias, só que quando você tira essas pedras para facilitar o acesso dos navios, aquela natureza que está presente ali vai sendo destruída. Há muitas espécies de peixes que desovam naquelas pedras e quando você faz isso, você tira a sobrevivência das pessoas”.

¹² Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/estudo-revela-impactos-provocados-pela-instalacao-do-porto-da-cargill-em-santarem-pa/23615>>. Acesso em 23 de jan. 2022.

¹³ Disponível em: <<https://exame.com/negocios/cargill-anuncia-plano-de-construir-terminal-no-para-por-r700-mi/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

Em Abaetetuba a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é de 7.2%. Com relação a domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 52.6% da população nessas condições (IBGE, 2017).

O saneamento básico apresenta problemas em sua estrutura, pois apenas 16% dos domicílios possuem esgotamento sanitário adequado. Conforme Sousa (2009, p. 24), “Boa parte da população [que] se ressentem com as precárias condições das estradas, do abastecimento de água, dos postos de saúde, da assistência médica, a inexistência de ampla rede de esgoto sanitário”.

3.4 Abaetetuba e os veículos de comunicação

A cidade de Abaetetuba possui duas emissoras de TV locais, com dois principais programas exibidos. A Rede Record local transmite o programa “Panorama” e o “Conexão Notícias” - produzidos e exibidos pela “Vibe Comunicação”, filiada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

O programa “Conexão Notícias” segue a linha de noticiários nacionais destinados a narrar os crimes e as operações policiais, como: “Balanço Geral” e “Cidade Alerta”, da TV Record, e “Brasil Urgente”, da TV Band. O apresentador Márcio Silva narra os crimes com um tom de seriedade, enquanto o programa exhibe excessivamente a imagem de pessoas detidas na delegacia da polícia civil do município. O programa criou ao longo de duas décadas uma aproximação com a polícia civil, que costuma dar entrevistas com frequência ao telejornal.

Já o programa “Panorama” é um telejornal de periodicidade semanal, que tem média de duração de 50 minutos e é apresentado pelo jornalista Naldo Araújo. A exibição ocorre aos sábados, ao meio-dia. Após a exibição na TV aberta, o Panorama fica disponível no *Youtube*, no canal do apresentador, que possui 4,28 mil inscritos. Em Abaetetuba, o “Panorama” é bastante assistido pelo público, não há pesquisa que informe sobre a audiência, mas pelas redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, é notável o número de visualizações, curtidas e comentários das matérias que foram exibidas, ou das que ainda estão sendo produzidas.

Apesar de a televisão ser um veículo muito popular, que atinge milhares de pessoas em Abaetetuba, o rádio ainda tem uma grande parcela de público¹⁴. Ao frequentar a feira, instituições públicas, lojas, oficinas, restaurantes e residências no interior e na cidade, observamos a escuta pela população da rádio Comunitária Guarany FM ou da rádio Conceição

¹⁴ Não existem dados sobre audiência em Abaetetuba. A questão do alcance das rádios é uma constatação minha, a partir da pesquisa de campo e pesquisa de observação pela cidade e pelas comunidades das ilhas que visitei.

FM. Ambas possuem programação múltipla, com informações para a comunidade: notícias sobre crimes, acontecimentos locais, concursos públicos, eventos esportivos, programações culturais e eventos religiosos são as principais pautas dessas rádios, ambas também destinam espaço para divulgação e esclarecimentos de sindicatos, associações e ONG. Durante a programação dessas emissoras, é comum ouvir o locutor mandar abraço para um morador do rio Maracapucu-miri, Quianduba, Baixo Itacuruçá, etc. São evidências da audiência que esses veículos têm no interior de Abaetetuba.

A cidade de Abaetetuba não possui portais digitais nem jornais impressos. Nesse sentido, os veículos de comunicação estão restritos ao rádio e à televisão. No entanto, nas redes sociais, o único programa que compartilha as notícias é o “Panorama”, do Naldo Araújo, onde o jornalista anuncia as reportagens ou matérias que serão exibidas nas próximas edições do programa.

3.5 A violência urbana em Abaetetuba

A cidade também tem sido palco da violência típica das grandes metrópoles. Segundo o diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração Tocantins, elaborado pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisa do Pará – FAPESPA (2016), foram identificadas as seguintes taxas na área de segurança pública, em Abaetetuba: 36,70% taxa de homicídios; 61,09% taxa de assassinatos de jovens; e 11,77% taxa de mortes por acidente de trânsito. Já o Atlas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2019)¹⁵, aponta que a cidade registrou, em 2017, 96 homicídios, um número elevado quando comparado a outros municípios do estado do Pará, como Barcarena, que registrou 65 homicídios, Tailândia, 65 casos, Bragança, 45, e Cametá, 21. Em Belém, capital do estado, o total de homicídios em 2017 foi de 1088.

No entanto, dados da agência Pará¹⁶ apontam que no ano de início da pandemia, 2020, houve redução no número de homicídios, foram 27 casos a menos, comparado ao ano de 2019, uma redução de quase 70%, porém, em 2021, os casos de violência aumentaram, essa afirmação parte da minha pesquisa que se dá também no acompanhamento das notícias que são divulgadas nos grupos de *whatsApp* e veiculadas nos principais programas de rádio e TV na cidade.

A cidade de Abaetetuba é atravessada por fatos violentos que marcaram sua história. Na década de 1980, por exemplo, em razão de sua localização geográfica, na qual dezenas de rios

¹⁵ Disponível em: < <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/seguranca-publica/atlas-da-violencia-2019-por-municipios/>>. Acesso em 05 fev. 2020.

¹⁶ Disponível em: < <https://agenciapara.com.br/noticia/21508/>>. Acesso em 02 set. 2021

desaguam no oceano, o município tornou-se rota de mercado ilícito, principalmente de cigarro (ENAFROM, 2016).

No ano de 1998, a morte de uma pessoa envolvida com tráfico de drogas gerou uma onda de violência. ¹⁷Cerca de dois mil manifestantes incendiaram o Fórum Municipal, com a intenção de queimar processos de pessoas que supostamente estariam envolvidas com crimes na região. O ato de violência continuou. A casa do prefeito foi incendiada e houve tentativa de invasão na prefeitura e na delegacia da polícia civil. Em 2007, uma menina de 14 anos foi presa numa cela carcerária junto com outros presos, maiores de idade. O fato ganhou repercussão nacional.

O histórico de Abaetetuba com a violência reflete em sua realidade cotidiana até hoje, seja nos espaços urbanos ou rurais, afetando a vida da população, pois “A violência é uma dimensão estritamente destrutiva da vida social” (DIÓGENES, 1998, p.60). Nesse sentido, o medo, a angústia, a preocupação e todos os sentimentos que antecedem ou sucedem dela transformam os sentidos das relações sociais, como reforça:

O mundo se dá a ver de novas formas, nossos sentidos são aguçados diferentemente, os acontecimentos, na sua segunda vida, se revestem de formas simbólicas distintas e passam por transformações impensadas. (FRANÇA, 2012, p.19)

Nesse sentido, a violência promove experiências que afetam os sujeitos, seja em âmbito rural ou urbano.

A experiência é um conjunto de passividade e atividade. Na experiência uma boa parte daquilo que a experiência se faz não depende de nós, não podemos controlar inteiramente o que se passa e o que acontece [...] Além do mais, o que se passa nos afeta. Não lhe somos indiferentes, pois o que se passa contradiz nossas expectativas ou nossos projetos e coloca em jogo aquilo que nos atentamos a fazer. (QUERÉ, 2010, p.34).

No contexto da violência, o pensamento de Queré (2010) nos traz uma reflexão dos desfechos da hostilidade, das experiências que elas geram, mas, sobretudo, da sua capacidade de autonomia. A violência física, simbólica ou psicológica foge do controle humano e afeta os indivíduos, acarretando vivências e experiências que podem mudar a forma como esses indivíduos se relacionam entre si.

¹⁷Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff21119801.htm>>. Acesso em 20 abr. 2021

4 OS MODOS DE VIVER NAS ILHAS

A temática central desta pesquisa é a comunicação, como resultado de processos de interação e sociabilidades dos sujeitos com seus ambientes de vivência. O presente capítulo objetiva traçar um panorama das ilhas de Abaetetuba e o modo de existência de seus moradores, assim como as formas de comunicação que esses sujeitos estabelecem no trânsito vivido entre as ilhas e a sede do município. Iniciamos nossas discussões, pensando com Paulo Freire, quando chancela que o:

conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção (FREIRE, 2015, p. 27).

Nossa trajetória começou com a escolha do objeto de pesquisa. Numa reunião de orientação que ocorreu em julho 2020, através de busca por um tema que pudesse ser original e relevante dentro do campo epistemológico da comunicação, escolhemos trabalhar com moradores das ilhas de Abaetetuba e suas percepções sobre a violência, mas ao investigar tal temática, deparamo-nos com outras questões que são inerentes aos nossos sujeitos, que são as práticas comunicativas que ocorrem no cotidiano dos moradores das ilhas de Abaetetuba. É a Comunicação do Comum de Muniz Sodré que aponta o caminho para a construção deste capítulo.

Segundo Sodré (2014, p.9), “Comunicar ‘agir em comum’ ou ‘deixar agir o comum’ significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar se organizar pela dimensão constituinte e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo”. Para o autor, a comunicação vai muito além de um ato de emissão e transmissão de mensagem, “a comunicação não poder ser considerada por si só, pois há muitas maneiras de enxergá-la” (SODRÉ, 2014, p.22).

Para Sodré (2014), a comunicação vai além dos conceitos ligados à midiatização, informação e propagação de notícias. A comunicação mantém um elo forte com questões antropológicas, filosóficas e sociológicas, todas essas atravessam a vida dos sujeitos da pesquisa e dão sentido ao conceito de comum.

O comum é sentido antes de ser pensado ou expressado, portanto é algo que ancora diretamente na existência. O homem pensa porque existe, logo, é em comum. A contratradução, que abriga o sentido da fala se torna possível pela sensibilidade comum num lugar próprio, regido pelo *communicatio*, que é o outro modo- o modo dialógico – de dizer *societes* (sociedade). Isto é, referir-se ao companheiro (*socius*) que, pluralizado, constitui o pronome “nós” de um agrupamento humano ou da rede complexa de relações jurídicas e políticas em que se insere o cidadão de um Estado (SODRÉ, 2014, p.204).

No pensamento de Sodré (2014), é possível constatar que o comum perpassa pela Filosofia quando a existência do “eu” é colocada em questão, da mesma forma a Sociologia está presente quando entra o conceito de sociedade que busca a compreensão do “eu” em conjunto com o “outro”. Na mesma perspectiva, entra em questão a antropologia social que busca o fundamento do “nós” e sua função nas relações humanas. Nesse sentido, a comunicação do comum está intimamente ligada a essas áreas das ciências sociais, pois todas buscam a compreensão dos indivíduos e suas interações em múltiplos ambientes sociais.

A comunicação está presente no cotidiano de quem constrói diariamente vínculos e relações que são estabelecidas por meio de diálogos, conversas e interações informais. E, na compreensão da comunicação do comum em Abaetetuba, desenvolvemos uma metodologia capaz de reunir múltiplas pesquisas. Nesse sentido, a pesquisa começou em 2020, quando começamos a observar o movimento da cidade e o movimento no interior através de visitas *in loco*, em pelo menos 10 ilhas.

Quando começamos a percorrer alguns caminhos e a conversar com alguns sujeitos, constatamos o sentido dessa comunicação do comum presente na rotina deles e nos espaços vividos da comunidade, ou seja, nos espaços frequentados por moradores da cidade e das ilhas. Nas lotéricas, nos bancos, nas praças, nas lojas e, principalmente, na feira, que em Abaetetuba é conhecida como “Beira”. A comunicação do comum pode ser descrita na interação entre os sujeitos da comunidade, entre um morador que encontra um vizinho em um banco, entre um indivíduo da ilha que estabelece uma relação amistosa com um feirante, entre uma senhora que vai à lotérica e promove uma interlocução com outros sujeitos que estão na mesma fila, e, dessa forma, as interações e trocas de experiências vão sendo estabelecidas. Essa comunicação também ocorre entre sujeitos de localidade distintas, entre trabalhadores urbanos e rurais como por exemplo, o vendedor de açaí da ilha e o comprador da cidade, o diretor de uma escola na cidade e um professor da ilha, um vendedor ambulante que percorre os rios e os moradores locais, enfim, como explica Sodré (2014, p. 15):

O “social” daí decorrente é uma abstração: o que há de concreto são indivíduos, famílias e associações ligados por redes de dependência que, além das razões econômicas, jurídicas e políticas, aglutinam-se por meio de um “comum”. Em base está em núcleo de sentido constitutivo, a partir do qual as diferenças encontram um lugar próprio para comunicar-se. (SODRÉ, 2014, p.205)

Na perspectiva do autor, apesar das diferenças existentes entre os indivíduos, existe um comum que pode ser estabelecido a partir das interações promovidas nos devidos espaços percorridos por eles. Nesse sentido, a Sociologia mais uma vez dá sentido às relações sociais

que são construídas nesses ambientes. “Dessa perspectiva se origina a ideia sociológica de comunidade como objetivação substancialista do comum (Tonnie’s)” (SODRÉ, 2014, p.206).

Na dinâmica da vida nas ilhas de Abaetetuba, o conceito de comunidade é comum e é utilizado com frequência pelos moradores locais. Os rios passam a ser denominados de comunidades: Comunidade do rio Maúba, Comunidade do rio Maracapucu-miri, Comunidade do Jupariquera, etc. Essas comunidades promovem eventos religiosos, esportivos e de lazer em espaços onde as interações sociais ocorrem com frequência.

A comunidade, por sua vez, não é a atualização institucional desse comum originário, mas algo em que sempre estamos na medida em que sempre nos comunicamos no interior da distribuição dos lugares e das identificações constitutivas do laço coersivo. São várias, assim, as formas de comunidade: comunidade política, comunidade científica, comunidade jurídica, comunidade artística, etc. Cada uma delas resulta de uma subjetivação que, por sua vez, instaura um novo comum. (SODRÉ, 2014, p.209)

Nesse sentido, destacamos que a vida em comunidade nas ilhas de Abaetetuba representa as formas de interação desses indivíduos com seus grupos e comunidades. O “eu” e o “outro” não agem e constroem relações individualmente. Nesse contexto, entra na dinâmica um novo conceito que é o estar-com, conforme explica Sodré (2014, p. 209):

Estrito epígono de Heidegger, Esposito mantém, entretanto, o termo “comunidade” como idêntico ao comum, sob a alegação de que é o conceito de comunidade (e não qualquer entidade “comunitarista”) quem nos diz que ser é estar-junto, é ser-com. Ou seja, não se parte da ideia de um “eu” ou de um “não eu”, mas de um “com” constitutivo. (HEIDEGGER, APUD SODRÉ, 2014, p.209).

À luz de Heidegger, surge um termo importante para o debate que é o “com”, o “estar com o outro” liga sujeitos, indivíduos e comunidades, promovendo, desta forma, a comunicação do comum nas ilhas de Abaetetuba.

Outro importante aspecto é o sentido hermenêutico dessa comunicação do comum. Por isso, recorre-se a Paul Ricoeur, importante filósofo francês que morreu em 2005 e esteve inteirado das reflexões contemporâneas que atravessam o cotidiano da sociedade. O pensamento do filósofo revela influências de Husserl, de Gabriel Marcel e múltiplas raízes filosóficas advindas de outras correntes de pensamento como Fenomenologia, Existencialismo e Psicanálise. Paul Ricoeur, junto com Hans George Gadamer, é um dos principais filósofos do século XX.

Com Ricoeur, pensamos sobre as formas de interpretação da vida humana. Ou então, “uma filosofia de linguagem capaz de elucidar as múltiplas funções de linguagem capaz de elucidar as funções de significar o humano” (RICOEUR, 2011, p.4). Nesse sentido, a busca por essa interpretação está na filosofia hermenêutica.

4.1 Sentidos da hermenêutica

A origem da hermenêutica está atrelada à mitologia grega. Na qual, existia um deus, denominado de Hermes, e ele tinha a função de traduzir tudo que a mente humana não compreendia. Era o Deus da Interpretação, responsável por descobrir o significado das coisas e transmiti-las para outros deuses.

Na Grécia antiga, a hermenêutica relacionava-se com a gramática, com a retórica e com a dialética. Hoje, a hermenêutica está presente na fundamentação de escrituras sagradas, no campo do direito e todas as suas vertentes, nos textos, nas narrativas, no ambiente político, na comunicação cotidiana, na comunicação midiática, pois a hermenêutica “é fundamental em todas as humanidades – em todas as disciplinas que se ocupam com a interpretação das obras do homem” (PALMER, 1969, p. 22). Assim, a hermenêutica pode favorecer o entendimento das relações de comunicação existentes nas ilhas de Abaetetuba, pois ela exerce o papel de descobrir o que estava encoberto e de revelar o sentido das coisas que permeiam a vida humana. Essa filosofia pretende relevar o próprio sentido da existência, pois “O ser se dá ao homem mediante as sequências simbólicas, de tal forma que toda a visão do ser, toda a existência como relação do ser já é uma hermenêutica” (RICOEUR, 2011, p. 03).

E a compreensão hermenêutica da comunicação nas ilhas pode ser dada a partir da observação nas relações que são estabelecidas nos múltiplos territórios que compõem a cidade; que possui características peculiares, com mais de 140 mil habitantes (IBGE, 2019) e apresenta características de cidade grande, com trânsito intenso, crescimento populacional em expansão e comércio movimentado, mas que também preserva características de espaços urbanos do interior da Amazônia, com um centro comercial que fecha no intervalo do almoço, festas religiosas que movimentam o município e muitos moradores na zona rural. As relações comunicativas são construídas na própria interação desses moradores, pois “a comunicação seria em princípio uma experiência antropológica fundamental já que não há vida social sem comunicação” (SODRÉ, 2014, p.64).

Em Sodré (2014), a comunicação se apresenta como uma organização capaz de mediar ações comuns dos seres humanos, em que também é responsável pela aproximação das diferenças. É onde as ideias e pensamentos podem entrar em um consenso, em um comum, “porque comunicação significa, de fato, em sua radicalidade, o fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano”. (SODRÉ, 2014, p.15).

Como diz Cunha, 52 anos, morador do rio Beira da Costa, em entrevista realizada no dia 09 de setembro de 2022: “Eu tenho facilidade com o povo da comunidade, sempre a gente conhece nossos vizinhos, eu conheço a nossa realidade, então sei quantas famílias nós temos,

eu sei quem tá passando por dificuldade, quem não está, e a gente se ajuda muito, nossa comunidade, é uma comunidade muito acolhedora e é uma comunidade que foca muito na caridade, através da nossa visita, a gente olha muito como é que as famílias estão vivendo e a gente vai se ajudando”.

No sentido hermenêutico de Gadamer, as experiências desses sujeitos podem ser compreendidas como uma arte, “A arte de que aqui se trata é a do anúncio, a tradução, a explicação e a interpretação, e inclui obviamente a arte da compreensão que subjaz no que se requer quando não está claro e inequívoco o sentido de algo” (GADAMER, 1992a, p. 95). Essas definições levam em consideração toda a história de vida dos indivíduos, suas jornadas, seus sonhos, suas expectativas.

Nesse sentido, a vida dos moradores das ilhas é percebida nesta perspectiva, de entendimento das ações, atitudes e experiências, a partir das histórias desses indivíduos. Para Ricoeur (2011, p.142), “O gesto de hermenêutica é um gesto humilde de reconhecimento das condições históricas a que está submetida toda a sua compreensão humana sob o regime da finitude”. Logo, é preciso ter a sensibilidade de compreender onde esses indivíduos estão inseridos, pois o entendimento do espaço onde eles vivem é fundamental para o entendimento de quem são esses sujeitos e quais são os modos de viver deles.

Nessa comunicação do comum, observamos a relação das pessoas no espaço da feira, também chamado de “Beira” de Abaetetuba, local que reúne moradores das ilhas, da cidade e das colônias (estradas). Nesses locais, as interações são contínuas, espaço de trocas, de interação e de negociação. A “Beira” é capaz de reunir pessoas diferentes, que vêm de lugares diferentes, com histórias diferentes, mas que possuem aproximações entre si, entre elas está o “ir e vir”, que são práticas do dia-a-dia que fazem parte da vida de quem frequenta o local. É o vendedor de açaí que negocia o preço do fruto; o passageiro da ilha que desembarca na orla e vai cumprimentar o vendedor de café; os locutores das lojas de roupas que vão fazendo suas propagandas e, ao mesmo tempo, interagindo com o público que está ali.

Esses encontros são denominados como comunicativos, pois traduzem as relações diárias dos sujeitos das ilhas. Ou, no olhar de Sodré (2014), a rotina de quem vive e convive em um ambiente que promove ação contínua de interação, afinal, os seres humanos são seres comunicantes. Lembra o autor, que assim como:

A biologia descreve vasos comunicantes ou a arquitetura prevê espaços comunicantes, os seres humanos são comunicantes, não porque falam (atributo consequente ao sistema linguístico), mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas. (SODRÉ, 2014, p. 9).

4.2 AS ILHAS E OS MODOS DE COMUNICAR

Ao longo de algumas visitas realizadas nas ilhas de Abaetetuba, muitos diálogos emergiram espontaneamente, ou seja, muitas falas importantes surgiram fora do contexto de aplicação da pesquisa, por exemplo, numa conversa na “Beira” durante uma viagem de barco para uma ilha, com as pessoas que de alguma forma chegavam perto dos nossos interlocutores e contribuía com a pesquisa.

Em uma dessas visitas observava a calma do rio Maracapucu-miri, no início da tarde, e aí pensei: “É uma vida diferente!”, logo em seguida, um morador respondeu: “É uma vida sem pressa”, “a vida nas ilhas é uma vida sem pressa”, continuou o morador. A fala representa uma compreensão do indivíduo sobre a vida pacata do interior, mas representa também o dualismo na concepção dele, de ilha como um lugar tranquilo e de urbano como um local agitado. Nessa concepção, das dicotomias entre urbano e rural, entra em contexto a questão da territorialidade e sua importância para os moradores das ilhas.

A espacialidade - ou a territorialidade - enseja falar-se de um tipo de relação, a *relação espacial*, inapreensível pelas estruturas clássicas de ação e de representação, mas inteligível como um princípio de coexistência da diversidade e como um conjunto de "virtualidades infinitas de coexistência" ou de comunicação (SODRÉ, 1988, p.20).

Nesse sentido, esses e outros diálogos vão juntando-se às observações e formando compreensão do que é a vida nas ilhas de Abaetetuba e como são os modos de comunicar. Nossa pesquisa começa a ser tecida, em diálogo com os nossos sujeitos, uma vez que suas experiências dão os sentidos ao modo como compreendem o lugar onde vivem e as relações que estabelecem uns com os outros. Ou seja, a experiência tem uma dimensão ativa no processo comunicativo, uma vez que ela é indispensável aos processos de interação que ocorrem entre os seres humanos e seus ambientes (LANA et.al, 2014).

Mesmo que os moradores das ilhas de Abaetetuba utilizem a tecnologia nas suas comunicações, assim como o uso das redes sociais na internet, percebe-se a interação de uns com outros pelo contato físico como essencial - do passageiro que chama o freteiro para poder viajar, dos vizinhos que se encontram no final da tarde para conversar, dos diálogos tecidos nos espaços rurais e urbanos. Todos esses contatos carregam significados e sentido de vida para os moradores.

4.2.1 Rio Costa Maratauíra – “Beira da Costa”

A compreensão hermenêutica da vida dos moradores das ilhas de Abaetetuba se deu pela observação participante, pela entrevista narrativa e pela pesquisa exploratória realizada na

região, tal compreensão está subdividida em três dimensões, a hermenêutica compreensiva da relação dos moradores com o ambiente urbano, a relação com o território rural (rios e florestas) e o entendimento desses moradores sobre as dificuldades que atravessam suas realidades.

Narrar é, para Ricoeur, empreender uma atividade mimética, operar uma “transfusão poética da realidade” (RICOEUR, apud, LAGE, 2018). É uma ação que organiza uma série de fatos em uma história, através desta ação é possível entender experiências. “Nesse contexto, compreender é também compreender a intenção do autor numa obra, o que requer uma interpretação como reconstrução e busca de significação, tarefa do espectador da tradição cultural” (RICOEUR, 1989, p. 42-43).

Nesse sentido, a compreensão da vida rural pode dar-se também a partir do momento em que ocorre a compreensão da cultura desses sujeitos, seus hábitos e costumes e, para tanto, é preciso aproximação dos sujeitos. Em Ricoeur (1989, p. 61), “quanto mais o ser se compreende melhor ele se explica”. Em busca dessa compreensão interpretativa dos sujeitos, começo minha trajetória de pesquisa.

O processo da pesquisa de campo não foi fácil, pois a logística para chegar às ilhas de Abaetetuba exigiu toda uma preparação prévia que envolveu um contato com um morador de cada ilha a ser pesquisada, aluguel de embarcação, compra de combustível, pagamento de diária para o piloto da embarcação, separação dos itens de prevenção ao contágio da Covid-19: máscara e álcool em gel. Foi preciso também carregar o celular para gravar as entrevistas, separar bloco de notas e caneta, além disso, foi importante analisar o ciclo da maré, pois algumas ilhas são mais fáceis de navegar quando a maré está alta. Neste sentido, a pesquisa começa propriamente na cidade com uma descrição etnográfica do meu percurso até a primeira localidade visitada, a Costa Maratauíra, popularmente conhecida como Beira da Costa.

É uma manhã de setembro em Abaetetuba, em pleno verão amazônico, o calor torna-se o meu despertador natural, saio da minha residência às seis e meia da manhã e, a pé, eu sigo para a orla da cidade para pegar embarcação até a ilha da Costa Maratauíra, conhecida também como “Beira da Costa”. Durante o percurso, atravesso a movimentada feira de Abaetetuba, conhecida como “Beira”. O meu trajeto até a orla dura 15 minutos, pois passo a observar com atenção o movimento da feira que começa na Catedral de Conceição. Os comerciantes de farinha fazem uma espécie de fila ao redor da Praça; a impressão que tenho é que a feira se estendeu, hoje ela ocupa parte desse local, e enquanto os vendedores negociam o preço da farinha, dezenas de passageiros desembarcam dos ônibus que chegam das comunidades situadas nas estradas e ramais, conhecidas como “colônias”.

Nos arredores da Praça de Conceição, a movimentação desses passageiros levanta uma mistura de aromas: cheiro de perfume doce, amadeirado, aroma de cosmético, tudo isso se mistura ao cheiro dos alimentos que são vendidos ali. O mingau de miriti, milho ou açaí é vendido praticamente em cada esquina. Continuo o meu trajeto com um certo receio de ser derrubado pela movimentação intensa no local. O trânsito é caótico nesse horário, tem motocicletas, carros, carroças, bicicletas, ônibus, carretas, caminhões passando nas ruas que dão acesso à feira. Os sons são intensos. Tem ruído de barracas sendo montadas, anunciantes das lojas de roupas e eletrodomésticos fazendo propaganda, buzina, carro som, á “rádio cipó” e música, música que toca nas barracas dos camelôs, nas frentes das lojas, clínicas e lanchonetes. Toda essa movimentação evidencia o crescimento do centro comercial de Abaetetuba, mas essa intensidade não para nas ruas.

É na orla que o movimento continua. As embarcações chegam cedo. A partir das cinco da manhã, já tem passageiro descendo das embarcações. Nesse mesmo local, chegam os vendedores de açaí. É período de safra, que compreende os meses de julho a dezembro, então a movimentação torna-se mais intensa, pois existe uma grande variedade de produtos que circulam pela orla: camarão, peixe, caranguejo, capivara, mucura, paca e tatu. As barracas dos camelôs estão posicionadas em local estratégico para exibir os produtos que também são variados: roupas, utensílios domésticos, frutas, verduras, misto quente, caldos e sopas.

A intensidade da movimentação faz-me procurar um lugar menos movimentado para observar com mais calma o vai e vem da “Beira” de Abaeté. “‘A Beira’ é um símbolo da cidade, sendo, do ponto de vista cultural, uma manifestação popular (inclusive, é parte do roteiro turístico) e, ao mesmo tempo, de intercâmbio relacional (de produção e de pessoas)” (POJO e ELIAS, 2018, p.52). Lembro, neste momento, do que nos diz Sodré (2002, p. 15), “O território aparece, assim, como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros”. Para o autor, o território configura-se como um espaço onde as identidades, sejam elas individuais ou coletivas, organizam-se e estabelecem-se.

A Beira de Abaetetuba talvez seja o espaço onde mais acontecem encontros e socializações, e onde se constrói ou se estabelece a identidade local. Múltiplas formas culturais num mesmo espaço (POJO e ELIAS, 2018). “A beira é também, os retiros de farinha, as margens dos rios ou a cabeça da ponte, como dizem, são espaços privilegiados de situações/acontecimentos marcantes” (POJO, ELIAS, 2018, p.52). Já Sodré aponta que existem espaços, onde as socializações dos grupos sociais ocorrem: “Como o espaço é também ‘orgânico’ (existe de fato um espaço dos corpos vivos e dos grupos sociais), a relação espacial

suscita a noção, de forma social entendida como ‘conjuntos feitos de elementos múltiplos’” (SODRÉ, 2002, p.20).

Me aproximo da porta de um supermercado e me dou conta de que os sons emitidos naquele local já não são os mesmos do início do meu percurso. Agora, os ruídos que predominam são os de vários tipos de barcos que recebem inúmeras definições, tais como: rabudo, rabeta, rabudinho, voadeira, lancha, barco e casco, que chegam de todos os cantos, junto com os *freteiros*¹⁸, que trazem centenas de passageiros das ilhas. Os moradores que vêm dessas localidades chegam à região com a intenção de sacar dinheiro, fazer compras, visitar um familiar, ou mesmo para realizar uma consulta médica ou exame. Ou seja, existe uma dependência da cidade, pois mesmo que esses indivíduos tenham acesso à energia elétrica, água potável e internet, ainda há serviços urbanos que os moradores dessas localidades ainda não têm disponíveis em suas localidades, sendo assim, por mais próximos que esses indivíduos estejam da cidade, os rios e florestas configuram-se como experiências das sociabilidades e meios de subsistência, conforme reflete Santos (2014), “o rio constitui-se no principal elemento da sua territorialidade, embora não seja único, pois ela se estende também à terra e à floresta. É nesse território que ele traça o seu cotidiano com uma economia de subsistência” (SANTOS, 2014, p. 54).

Na cidade ou nas ilhas, o “Território é assim é assim um lugar marcado de um jogo que se estende em sentido amplo como a plataforma de toda e qualquer cultura: sistemas de regras de movimentação humana de um grupo” (SODRÉ, 2002, p.20).

Essa realidade requer um olhar mais acurado do pesquisador, pois se apresenta em múltiplas formas de vivências. Requer, conforme relata Silva (2017, p. 6), ao tratar a respeito dos povos da Amazônia, “um conhecimento do desenvolvimento histórico da região. Nos últimos 60 anos a Amazônia se estabeleceu diversas tentativas de desenvolvimento alimentadas pela ideologia de integração para a região”.

Com a elaboração e implementação de planos, projetos e programas se estabeleceu um esforço de trazer pessoas e gerar desenvolvimento econômico na região. Esperava-se que com os megaprojetos houvesse uma evolução nos empreendimentos para melhorar a economia e limitar as probabilidades de países estrangeiros tentarem dominar as populações nativas e os recursos naturais. No entanto os resultados das políticas não foram satisfatórios, estes contribuíram para a drástica transformação da Amazônia levando-a a um longo processo de expansão demográfica, mudanças culturais dos nativos (SILVA, 2017, p.6).

¹⁸ São embarcações que trazem passageiros das ilhas e cobram uma taxa pelas viagens realizadas.

A renda dos moradores das ilhas gira em torno do açaí, das frutas, dos pescados, consumidos e comercializados por eles, dos empregos públicos, que eles possuem nas escolas e postos de saúde e dos os programas assistenciais que fomentam a renda desses indivíduos, como o Bolsa Família¹⁹ e o Seguro Defeso²⁰.

Continuo minha observação e me dou conta de que a orla de Abaetetuba é como um imenso terminal hidroviário, cada posto de combustível flutuante possui um aglomerado de embarcações com destinos diferentes, pois além das viagens diárias para as ilhas da cidade, há viagens constantes para a Vila Maiauatá, em Igarapé Miri, e para municípios como Muaná e Limoeiro do Ajuru. Durante o meu trajeto até o posto do “Fiapo”, local onde estava a embarcação que aluguei, não pude deixar de notar a sujeira presente nas calçadas, ruas e vielas. São papéis, plásticos e restos de alimento. É uma semelhança curiosa, porque os rios, assim como as ruas, têm o mesmo problema com o gerenciamento do lixo. O açaí, o peixe, as frutas e outros alimentos que vêm dessas localidades acabam deixando um vestígio de sujeira. **Ver figura 02**



Figura 02: Aglomerado de embarcações na “Beira” de Abaetetuba
Fonte: Giovane Silva, em 27 de setembro de 2021

A viagem precisa continuar, e embarco na voadeira com destino à Costa Maratauíra. Quando a embarcação desatraca do trapiche, em meio ao movimento de barcos saindo e chegando, percebo o sossego das ilhas e o caos urbano dividindo um mesmo espaço. “O mover-se das pessoas e embarcações consubstancia uma dinâmica social, que dependendo do período,

¹⁹ É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País

²⁰ Serviço que permite ao pescador profissional artesanal solicitar ao INSS o pagamento do benefício de Seguro-Desemprego do Pescador Artesanal

verão ou inverno, altera a sua rotina” (POJO e ELIAS, 2018, p.52). Mas não é somente isso, o vai e vem de embarcações e pessoas constitui-se numa sociabilidade comunicativa própria em que os sujeitos criam códigos de compreensão dos espaços e de sua vida neles.

No período do verão amazônico, a intensidade de movimentação de embarcações em Abaetetuba é maior, pois existe a safra do açaí e de outras frutas. Como é um período que chove pouco, fica mais fácil sair das ilhas para a cidade e vice-versa; já no período chuvoso, é mais difícil navegar pelos rios, trafegar pela cidade e transportar qualquer tipo de peixe ou frutas da região, assim, segundo Pojo e Elias (2018, p. 52), “o rio e os demais lugares de furos e igarapés, posicionam-se como território e fronteira”.

Segundo Silva (2017, p. 2), a natureza “é um componente a se considerar no que diz respeito à diversidade da Amazônia, principalmente quando se trata da compreensão dos modos de vida e das identidades das populações ribeirinhas”. Ao seguir viagem, dou-me conta da amplitude da natureza, tem rio, furo e igarapé, mata e ilhas a perder de vista. É possível ter uma visão panorâmica da frente da cidade de Abaetetuba, o urbano e rural dividem o mesmo espaço. Sodré (2002) faz uma reflexão histórica sobre a importância dos espaços, desde a antiguidade:

Tanto para os indígenas como para os negros vinculados às antigas cosmogonias africanas, a questão do espaço é crucial na sociedade brasileira (ao lado dela, em grau de importância, só se coloca a questão da força, do poder de transformação e realização, que perpetua a dinâmica da vida). Mas esta não é uma questão exclusiva de determinados segmentos étnicos. Para todo e qualquer indivíduo da chamada "periferia colonizada" do mundo, a redefinição da cidadania passa necessariamente pelo remanejamento do espaço territorial em todo o alcance dessa expressão (SODRÉ, 2002, p.19 – grifo do autor)

É possível ver, mesmo de longe, os supermercados, os prédios das lojas e as palafitas dos bares e restaurantes que estão espalhados pela “Beira”. É uma paisagem urbano-rural, que no entendimento de Monte-Mór (2015, p. 119-120) é como se fosse uma “Urbanização (extensiva), modernidade e cidadania são, dessa maneira, facetas sócio-espaciais, culturais e políticas de práticas contemporâneas que virtualmente tomaram o país como um todo, incluindo a Amazônia.”.

Continuo minha observação e vejo o sol surgindo entre as ilhas da cidade, uma brisa boa nos acompanha, estamos a favor da maré e não vamos levar muito tempo para chegar. Aos vinte minutos de viagem, é possível ver as primeiras residências do rio Costa Maratauíra, o sinal de celular funciona normalmente, então é possível acessar a internet através dos dados móveis.

Em entrevista realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, o morador Cunha, professor, 52 anos, afirmou: “107 famílias vivem nessa localidade”. Não há tantos comércios e

há muitos trechos sem residências, porém essa região sofre ações constantes de piratas. A Costa Maratauíra é passagem para outros rios e municípios, como: Cametá, Limoeiro do Ajurú, Baião e Mocajuba, então as embarcações não param de navegar por essa localidade. As balsas com mercadorias e gados também passam com frequência.

Através de conversa com familiares e amigos do rio Maracapucu-miri, no dia 27 de setembro de 2021, consegui entrar em contato com o morador Cunha, e, por telefone, combinamos dia e hora para a entrevista. Ele intermediou minha conversa com outros moradores do rio. O professor mora em uma residência com sua esposa e seus dois filhos. Ao lado moram outros parentes. Essa é uma característica comum nas ilhas, principalmente na Beira da Costa. Os filhos casam e constroem casa ao lado de seus pais e aos poucos várias residências se estabelecem formando uma vila.

O professor Cunha explicou a vida nas ilhas de Abaetetuba: “Morar na Costa Maratauíra é um lugar tranquilo, mas em alguns momentos é um desafio muito grande pela questão do espaço geográfico, hoje não é só nós que temos o direito desse espaço, acontece muitos assaltos, acidentes de rabudos, mas é um lugar onde a gente consegue cultivar o peixe, camarão, muitos frutos, temos a força do açaí; ainda é um lugar bom para se viver temos uma cultura muito forte; além da pesca temos o lazer, temos o futebol, os campos, festas religiosas, festa dançante, temos as datas comemorativas; na época de pandemia, por exemplo, teve muitos aniversários, era o que tinha de lazer naquela época”. Ver figura 03, as residências das famílias no rio Beira da Costa. **Ver Figura 03 -**



Figura 03: Residências no Rio Costa Maratauíra/Beira da Costa
Fonte: Giovane Silva, em 27 de setembro de 2021

Nos aproximamos da segunda residência, em seguida, observo mais um conjunto de casas que formam uma espécie de vila; são 18 famílias que moram naquele local. Em entrevista

realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, a pescadora, manicure e dona de casa, moradora Dias, 38 anos, afirmou: “Eu amo isso aqui, aqui a gente tem tudo de graça: Temos açai, nossa pesca, alimentação, a tranquilidade, a gente pode controlar mais os filhos, lá em Abaeté é um ninho de formiga.... Aqui, todo mundo se ajuda e isso faz a diferença, em Abaeté, os vizinhos nem olham na sua cara”.

Os modos de vida desses indivíduos como observado leva em conta a importância dos rios, ou mesmo a temporalidade e territorialidade das águas, que segundo Pojo e Elias (2018, p. 31), “têm um sentido muito mais simbólico, tidas como um bem da natureza e um elemento que integra grande parte das ações cotidianas, ao passo que as sociedades urbanas conferem às águas um status de recurso ou bem de consumo”. Já para Silva (2018, p.5), “a vida cotidiana do ribeirinho se estabelece pelas relações constituídas com e através do rio e das florestas. Deste modo o rio e a mata são *sine qua non* para a vida dos que habitam nas suas proximidades”.

Os moradores das ilhas de Abaetetuba referem-se à Abaeté como outro município, “Vou pra Abaeté amanhã”, “Tenho que ir em Abaeté fazer compras”, “Em Abaeté a vida é mais corrida”, essas narrativas são comuns e colocam as ilhas como um outro território que não pertence à cidade. “A noção de território já é algo de apropriação deles, configurando uma característica que os situa como comunidades tradicionais. São lugares-territórios, ocupados por sujeitos de várias gerações”. (POJO e ELIAS, 2018, p.33).

Para Pojo e Elias (2018) a ideia de extensão de território, concebida pelos moradores das ilhas, surge através de conceitos que utilizam os recursos naturais, os rios, as matas, os peixes, os igarapés que juntos formam um conjunto de elementos que somados a aspectos culturais e históricos contribuem para a formação de um território único. O rio é um elemento importante nesse cotidiano dos moradores das ilhas:

Por se tratar de uma ilha, a forma de acesso mais utilizada se dá por via fluvial, estabelecendo um grau de importância às águas e, os demais elementos os rios, os furos, os igarapés, os poços e suas ilhargas desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social daquele modo de vida e, também, para a diversidade cultural da região. Na tradição local, desde muito cedo, as pessoas lidam com o aprendizado e o uso de embarcações as pessoas vivenciam uma sociabilidade por meio das constantes viagens pelos rios; as águas servem para saciar, em alguns casos a sede, para o uso doméstico e, também, elas conformam um espaço-tempo de convívio e aprendizado sociocultural. (POJO e ELIAS, 2018, p.33).

Em entrevista realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, a dona de casa, pescadora e lavradora, moradora Ribeiro, 40 anos, declarou que, o cotidiano dela é dividido entre um contato contínuo com a natureza local e viagens frequentes para a cidade: “Nosso dia a dia aqui é amanhecer trabalhando, a gente vai no mato pra pegar açai, a gente colhe as frutas,

e a gente vende e vai em Abaeté para comprar o alimento; pelo menos duas vezes por semana a gente vai à cidade para fazer compras e resolver algumas coisas”.

Para Silva (2017, p. 3), as famílias ribeirinhas estabelecem-se “pelo trabalho na roça e a participação da vida social e religiosa da população construindo sua própria organização, estratégia de adaptação, identidades e instituições”. Há também um “ciclo de águas, são exemplos, a prática da gapuia ou de gapuiar, a extração de cipós, folhagens, fibras do miriti e de outras árvores; a travessia até a beira; o iscar e a marretagem” (POJO e ELIAS, 2018, p.65). Essas são práticas de pesca e agricultura que compõem o cotidiano dos moradores da Costa Maratauíra pelos cursos d’água. Já na concepção de Silva (2017, p.18): “o rio é uma paisagem natural e essencial para a população ribeirinha por ser um local como fonte de recursos naturais (para realizar atividades de subsistência) e também como meio para a locomoção”.

É o que Pojo e Elias (2018), identificam como um modo simples de viver dos moradores das ilhas, um modo que possui um elo com o ambiente natural no qual esses indivíduos estão inseridos.

Além disso, os moradores da Costa Maratauíra possuem uma relação muito próxima com a igreja católica. Nas suas narrativas, observo a confirmação deles a respeito da importância das festas religiosas da comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do rio.

Suas experiências cotidianas estão atreladas à religiosidade local, conforme relato da moradora Ribeiro: “Eu amo esse lugar, eu gosto da minha novena, do meu culto, gosto de sair, de conversar, participo da comunidade, vou aos cultos no domingo e pastoral.” De acordo com Silva (2017, p. 4), “Cada comunidade tem sua igreja que pode ser católica ou evangélica, e um salão para organização de festas”. Sobre essa religiosidade, afirma Sarraf (2018) ao investigar a devoção, participação e número de membros católicos nas ilhas.

A cultura religiosa católica das populações ribeirinhas, habitantes dos dois marajós (campos e florestas) na sua constituição histórica sofreu influências do catolicismo colonizador de matriz ibérica, da presença negra e nordestina, sem perder, contudo, aspectos de crenças míticas, lendárias, características de seu torrão de formação indígena. (SARRAF, 2008, p.22)

Apesar de Sarraf (2008) apresentar o cotidiano dos moradores das ilhas do Marajó, sua contextualização histórica faz muito sentido, pois o catolicismo colonizador deixou heranças nas comunidades, hoje a presença da paróquia das ilhas é muito forte.

O relato da professora e assistente social Antônia Botelho descreve que a igreja católica está presente há muito tempo nas ilhas de Abaetetuba. Na década de 1980, aconteceu a criação da Paróquia, mas sua origem vem das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), no entanto, a institucionalização aconteceu em 1987, através do Bispo Dom Ângelo Frosi. “Nesse período, o

pároco fora o padre José Buorghese. Antes da institucionalização, essas comunidades já vinham sendo acompanhadas pelos padres Xaverianos desde 1960” (GONÇALVES, 2019, p.89).

Nas narrativas dos moradores da Costa Maratauíra, é possível perceber que ninguém tem uma única profissão, são pescadores e ao mesmo tempo comerciantes, são professores, mas também trabalham com a venda do açaí, são formas variadas de renda que garantem o sustento desses indivíduos.

4.2.2 Rio Maúba

Na busca pela compreensão hermenêutica dos modos de vida dos moradores das ilhas de Abaetetuba, sigo para o rio Maúba. Recebi o convite para passar um final de semana na casa dos pais de um amigo da minha família. É uma manhã ensolarada de novembro, fui informado por ele, que a lancha para a ilha do Maúba sairia às 11h da manhã, de um posto flutuante de gasolina na frente da cidade. Cheguei à feira às 10:30h, a correria nesse horário é curiosa. Parece que todos vão perder a viagem. Estão todos, aparentemente, afobados e com pressa. As pessoas seguem para as suas embarcações com sacolas, caixas, mercadorias, e outros materiais. Observo que a correria é devido ao horário, pois a maioria das embarcações sai para as ilhas próximo ao meio-dia.

Faço uma parada na lanchonete para esperar o professor Cledivaldo Pantoja; ele vai nos conduzir até os moradores que serão entrevistados em Maúba. Enquanto espero, observo algumas pessoas pedindo esmola pela “Beira” da cidade. A sujeira do local também chama mais uma vez minha atenção. Em umas das barracas de venda de comidas, vejo um comerciante preparando um peixe. Enquanto ele corta parte do alimento, alguns animais se aglomeram ao lado de sua barraca. Em seguida, as vísceras do peixe vão ao chão e são disputadas pelos urubus, gatos e cachorros. Ao mesmo tempo, pessoas transitam pelo local como se nada estivesse acontecendo. Elas desviam o trajeto para não pisar nos animais, e, do mesmo modo, visivelmente apressadas para fazer as compras e não perder o transporte para as ilhas.

Às 11 horas, o professor Cledivaldo chega e vamos direto para a lancha. As poltronas são mais confortáveis que as de outras embarcações e organizadas em quatro fileiras. A embarcação também recebe vendedores ambulantes de *chopp*²¹, salgados, sucos e balas.

A lancha também é mais equipada quando comparada a outras embarcações que fazem viagens para as ilhas. Têm coletes salva-vidas e extintores. **Ver Figura 04**

²¹ Chopp é uma espécie de picolé (Um suco gelado embalado por uma sacola de plástico) muito consumido na feira de Abaetetuba. Em outros estados, o chopp é conhecido como sacolé ou geladinho.



Figura 04: Lancha com o destino ao rio Maúba
 Fonte: Giovane Silva, em 06 de novembro de 2021

Às 11:10h, a lancha sai de um posto flutuante e logo em seguida para em outro para abastecer, depois de alguns minutos, segue-se a viagem, porém, mais uma vez, ela para, dessa vez, para receber materiais de construção: cimento, seixo, ferros, arames, etc. Em seguida, prosseguimos a viagem. A lancha vai a favor da maré.

Para chegar ao rio Maúba, atravessamos as ilhas de Beira da Costa, Furo Grande, Baixo Ajuai e Ajuai. Durante a viagem, mudo de poltrona e me aproximo de uma janela para observar com mais atenção as características dessas localidades.

O trajeto leva mais de duas horas. No meio desse percurso, é possível observar igrejas católicas e evangélicas, associações, escolas, bares, e mercearias grandes, semelhantes a supermercados. Nas residências dos moradores, há crianças tomando banho de rio, pulando da ponte e observando o fluxo de movimento dos barcos que passam pelo local. A brisa do vento é boa; o calor não incomoda mais e a viagem segue tranquila. **Ver figura 05**



Figura 05: Percurso para o rio Maúba
 Fonte: Giovane Silva, em 06 de novembro de 2021

Após duas horas e meia de viagem, chegamos à residência da família Pantoja, e somos recebidos por um casal de idosos, pais do professor Cledivado. Eles são atenciosos e receptivos. Após o almoço regado a açaí e farinha, saímos para visitar as primeiras residências. Ao navegar pelo rio, observo que a configuração da ilha nessa localidade é mais evidente, isto é, rios que se ligam com igarapés, igarapés que se ligam com furos, furos que dão acesso à baía; a imensidão do local e a visão da localidade são instigantes, principalmente pela diferença de outras ilhas que visitei. **Ver figura 06**



Figura 06: Rio Maúba
Fonte: Giovane Silva, em 06 de novembro de 2021

No dia 06 de novembro, a tarde toda foi dedicada à pesquisa, visitamos cinco residências e em todas elas fomos bem recebidos. Em cada casa era oferecido um café, uma água, um lanche, uma cerveja. Como o professor Cledivaldo é muito conhecido e querido pelos moradores locais, então os entrevistados ficaram mais à vontade para falar e participar da pesquisa.

E após um dia intenso de pesquisa, já na última casa em que apliquei a entrevista, havia um grupo de amigos reunidos na frente de uma residência, fomos convidados a nos juntar a eles, tinha cerveja, conversas, risos e peripécias vividas pelos moradores locais nas festas que acontecem no Maúba. Ao participar dessa socialização, observei que muitos dos encontros nessas localidades acontecem nas próprias residências dos moradores. Ou seja, em encontros simples de vizinhos. Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, uma moradora afirmou: “Aqui de vez em quando, a gente faz um almoço na casa de um, convida o outro pra vir, aí vem à família, aparece uns amigos, e assim a gente vai, a gente se dá muito bem”, afirma a moradora do Maúba, Santos, 40 anos, lavradora.

Após esse encontro, retorno para a residência da família Pantoja e aprecio o final de tarde nessa localidade. **Ver figura 07**



Figura 07: Rio Maúba
Fonte: Giovane Silva, em 06 de novembro de 2021

Era início da noite de um sábado, e os moradores dessa localidade planejavam o que fazer à noite, para qual festa ir, qual melhor local para beber. As diversões e socializações acontecem nas próprias residências dos moradores, mas eles também saem para as festas que acontecem nas casas de shows.

Essa questão faz-me lembrar de uma das conversas informais que tive durante a pesquisa exploratória. Uma estudante de 26 anos de idade me disse: “Aqui a gente não tem muita opção de lazer, não temos praça, não temos pizzaria, nem grandes shows como acontecem na cidade; então nosso lazer é na casa das pessoas, nos aniversários, nas casas de festas, nas festividades religiosas. Esses são os locais onde a gente pode encontrar os amigos e familiares e desfrutar do lazer”.

A pesquisa no Maúba terminou no sábado e só havia embarcação para cidade no domingo, então fui convidado a permanecer mais um dia na localidade. Já na manhã de domingo, estava na ponte observando o movimento no rio. **Ver figura 08**



Figura 08: Rio Maúba

Fonte: Giovane Silva, em 07 de novembro de 2021

Ao lado da residência em que estava havia uma igreja católica, e, a partir das oito da manhã, as rabetas, rabudos e lanchas chegavam a todo o momento com muitos moradores da localidade. Já havia constatado através de outras narrativas o apreço que esses indivíduos têm pela religião, sobretudo pela igreja católica, mas observar essa questão de perto é instigante, pois se tratava de um domingo comum, ou seja, não era um domingo de páscoa, de natal, de batizado ou de primeira comunhão, mas com o registro de um número expressivo de pessoas.

Minha observação continua e através dela é possível compreender como são tecidas as relações interativas entre os sujeitos e suas formas de viver o local. Ainda na manhã de domingo, o freteiro que leva os passageiros para a cidade, costuma passar antecipadamente nas residências para saber quem vai para Abaetetuba no dia seguinte. E, de acordo com os moradores locais, basta um aceno ao freteiro, para que ele compreenda que o passageiro está interessado em viajar com ele. Ou, se alguém estiver interessado em garantir uma rede na embarcação, é só chamar o freteiro que ele passa no porto para receber a rede e assim garantir a rede aos passageiros. Quem não consegue confirmar sua passagem ou, por alguma razão, não viu o freteiro passar, pode mandar um *WhatsApp* para garantir a passagem.

Após o diálogo com alguns moradores da região, que chegavam à residência onde estava hospedado, fui convidado a visitar uma praia que fica na baía do rio Maúba. Para o passeio, pegamos uma lancha até a localidade. A imensidão do rio impressiona e, como estamos numa embarcação mais rápida, é possível passar por furos, rios e baías num espaço curto de tempo. A viagem pelo rio Maúba é uma expedição pelos rios da Amazônia. Durante o percurso, é possível apreciar as residências coloridas, feitas de madeira, com cores fortes e vivas. Há igrejas, algumas embarcações passando pelo rio, muita vegetação e depois de uns 10 minutos

de viagem a voadeira entra na baía. A brisa do rio e o tempo nublado são nossos acompanhantes de viagem, que deixam o percurso mais confortável e deslumbrante. **Ver figura 09**



Figura 09: Rio Maúba
Fonte: Giovane Silva, em 07 de novembro de 2021

Após alguns minutos de viagem, chegamos à praia do Maúba. Há dois times de futebol jogando na praia e um grupo animado de torcedoras acompanhando o jogo, numa espécie de amistoso entre moradores do rio Parurú e os moradores do rio Maúba. Ao caminhar pela praia e conversar com alguns moradores, dou-me conta de que a praia configura-se como um importante ponto de lazer, onde as famílias reúnem-se para conversar, brincar, beber e interagir.

Nesse ambiente, os homens jogam bola, as mulheres acompanham o jogo, embaixo de uma mangueira, as crianças fazem castelo de areia e os adolescentes escutam tecnobrega. Aos poucos, o tempo nublado dá lugar a um sol escaldante, mas o jogo continua e começo a conversar com alguns moradores. **Ver figura 10**



Figura 10: Praia no rio Maúba
Fonte: Giovane Silva, em 07 de novembro de 2021

Depois de um tempo observando o jogo no rio Maúba, um morador local chega até mim e pergunta: “sobre o que é sua pesquisa?”. Explico o objetivo e ele me sugere abordar também os crimes ambientais: “tá vendo aqueles navios que vêm carregados de madeira?”, ele aponta o dedo para mostrar-me os navios que estão passando pela baía que fica em frente à praia, “esses navios trazem madeiras ilegais do Marajó, todo mundo sabe disso aqui”. Outros moradores chegam para participar do diálogo e concordam com a narrativa do morador. Ele afirma ainda que alguns órgãos ambientais fazem vista grossa para essa exploração ilegal de madeira. “Hoje, se fala tanto em desmatamento, em crimes ambientais e rios, e às vezes tudo acontece debaixo de nossos olhos e ninguém faz nada, esse assunto seria muito interessante pra você pesquisar”, sugere o morador local.

Após a visita na praia, paramos em um bar, para conversar com os amigos do professor Cledivaldo que estavam reunidos e se preparando para organizar uma festa de aniversário que começaria após o almoço. Sentamos em um banco de madeira, localizado na ponte, objeto comum nas ilhas, pois quase todas as casas possuem um banco de madeira, que é usado nos encontros das pessoas, nos quais conversam e interagem, principalmente nos finais de semana e nos fins de tarde. Após diálogo com os sujeitos locais, fui informado que aquele rio não era mais o Maúba, e sim o Panacuera, mas também com moradores do Paruru. Tive a sensação que não há fronteiras nessas localidades, porque um rio se liga ao outro, e, às vezes, basta atravessar um furo para chegar à outra localidade. E, no bar em que estava, chegavam pessoas de outros rios para fazer uma compra, tomar uma cerveja, conversar e dialogar com outros moradores.

Já no domingo à noite, começo a organizar minhas coisas para o retorno até a cidade. É 1:30 a.m de uma segunda-feira, quando entro na embarcação, deparo-me com um aglomerado de redes que faz lembrar das viagens para as cidades mais distantes da ilha do Marajó, mais popularmente conhecido como “Navios Gaiolas”. **Ver figura 11**



Figura 11: Embarcação (freteira do rio Maúba com destino à cidade)
Fonte: Giovane Silva, em 08 de novembro de 2021

Para garantir lugar na embarcação, deitei-me no banco do barco. Acima de mim, muitas redes, o que impossibilitava que me movimentasse, pois corria o risco de esbarrar e incomodar outro passageiro. A viagem seguiu e, a cada vez que o barco encostava, alguns passageiros acordavam com o ruído do motor que era alto. Aos poucos, peguei no sono, até que acordei em Abaetetuba, às 5:30h da manhã.

5 COMPREENSÃO HERMENÊUTICA DE SI E DA VIOLÊNCIA PELOS MORADORES DAS ILHAS

Retomamos aqui as discussões das experiências comunicativas com a finalidade de compreender como os moradores compreendem a si e as práticas de violência vividas nas ilhas.

5.1 As experiências e sociabilidades comunicativas

Compreendemos a experiência como o nosso estar no mundo, o modo como o aprendemos, como nos relacionamos com ele e com os outros indivíduos na vida cotidiana (SIMÕES, 2010). Essa primeira inserção, permitiu-nos compreender, em princípio, o que desejávamos dos moradores das ilhas de Abaetetuba, a partir de uma categoria específica de análise, a violência, e as transformações percebidas nas suas relações com os ambientes em que transitam ou vivem.

Segundo Simões, a experiência deve ser pensada:

A partir do contexto concreto dos indivíduos e envolve as ações racionais e emocionais que eles realizam no mundo. Ela se desenvolve como um processo de

percepção e interpretação das coisas, que se efetiva a partir de um repertório existente, o qual é atualizado, configurando um processo interativo entre os indivíduos, as coisas do mundo e as temporalidades que marcam um contexto (SIMÕES, 2010, p. 2-3).

São as experiências que possibilitam aos sujeitos narrarem suas ações no mundo, assim como suas interpretações a partir dos ambientes em que interagem uns com os outros. Segundo Rodrigues, o indivíduo converte sua relação com o meio ambiente em um mundo próprio.

A experiência da vida insere-se na relação do homem com o mundo, consigo próprio e com os outros. É nas manifestações simbólicas da cultura que o homem preenche o abismo que o separa das coisas, de si próprio e dos outros, acedendo assim à consciência reflexiva e à experiência da vida em comum. Pela linguagem, experiência simbólica por excelência, o homem prossegue o ilimitado trabalho de preenchimento deste abismo e a elaboração de um sentido para o enigma da vida (RODRIGUES, 1991, p. 27).

Nessa perspectiva de compreensão, partimos do conceito de que sociedade é a “interação entre indivíduos” (SIMMEL, 2006, p. 59). Lembramos que Simmel analisou a sociedade do século XIX e reproduziu estudos sobre as formas de socição, entendendo que o indivíduo não nasceu para viver isolado. O ser humano é um ser sociável, portanto ele precisa de interação com outras pessoas (SIMMEL, 2006). Tais interpretações levam-nos a pensar e analisar as relações no contemporâneo, especificamente para os sujeitos da presente pesquisa, pois os moradores das ilhas interagem no encontro de uns com os outros, quando realizam visitas aos seus vizinhos e quando transitam nos espaços urbanos por onde as múltiplas formas de socição ocorrem.

Nesse caso, onde existe duas ou mais pessoas existe troca de experiências que são formadas a partir do contato com o “outro”. E esse contato com outro acontece em vários espaços frequentados pelos moradores das ilhas. Nesse sentido, o “eu” pode ser um agente de mudança e de comportamento a partir do momento que ele interage ou convive com o outro, como nos diz Goffman (2011, p. 10) “há incontáveis padrões e sequências naturais de comportamento que ocorrem sempre que pessoas entram na presença imediata de outras”. E, nesse jogo do “eu” com o “outro”, são formadas as experiências que podem ser entendidas por meio de uma compreensão hermenêutica baseada no pressuposto das mudanças que ocorrem em razão das interações sociais.

Segundo Nizete e Rigaux (2006, p.85), a partir de Goffman, “Toda experiência humana remete, [...] a um quadro determinado, geralmente compartilhado por todas as pessoas que se encontram face a face”. Esse quadro explicado pelos autores reúne percepções que os indivíduos têm da situação e como ela reflete no comportamento do outro.

Outra questão a ser levada em consideração no que tange às interações é que elas podem provocar mais ou menos envolvimento. Por exemplo, numa conversa informal de um morador da ilha com um mototaxista da cidade, a interação costuma ser breve e passageira, diferente do diálogo que o morador da ilha tem com o *freteiro*, pois geralmente esse profissional tem uma relação de proximidade, pois eles se conhecem há mais tempo e tem certa familiaridade. Nesse sentido, observamos níveis de envolvimento e de interação que atravessam a vida desses indivíduos. Ou como diz Goffman (apud NIZET E RIGAUX, 2006, p.55), “em toda interação, um determinado nível de envolvimento é requerido, bem como um suporte para o envolvimento dos outros. Retoma-se o duplo componente da regra fundamental da interação, visando a si mesmo e a outrem”.

Na perspectiva sociológica de Simmel (2006), os seres humanos podem trocar múltiplas formas de interação que podem acontecer através de olhares, de refeições em conjunto, de jogos, etc. Eles podem ter empatia ou simpatia entre si, são exemplos de interação que une as pessoas seja de forma passageira ou duradoura. “Nela encontramos a reciprocidade entre os elementos que carregam consigo todo o rigor e a elasticidade, toda a variedade policromática e a unidade dessa vida social” (SIMMEL, 2006, p.17).

Nesse sentido, a vida social dos moradores das ilhas de Abaetetuba acontece, entre outros aspectos, nas suas viagens e práticas cotidianas nos rios, matas e ruas, pois o território urbano também completa seu universo e fornece elementos diários de interação. Ou seja, desse trânsito, ou no ir e vir, dão-se as sociabilidades dos moradores das ilhas. Segundo Simmel, a sociabilidade é uma espécie de sociação que age de uma maneira independente sobre os conteúdos, a sociedade surge como um conceito que não é singular nem individual, a sociedade surge por meio da interação:

Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983; p. 168).

A sociabilidade está no campo sociológico e comunicativo, e Muniz Sodré nos ajuda a compreender tal ligação, a partir do pensamento de outros autores como a do sociólogo Cooley que explica que:

Comunicação é o mecanismo pelo qual as relações humanas existem e se desenvolvem; ela inclui todos os símbolos do espírito com os meios de transmiti-los através dos espaços e de mantê-los no tempo. Inclui a expressão do rosto, as atitudes,

os gestos, o tom de voz, as palavras, os escritos, o impresso, as ferrovias, o telégrafo, o telefone e tudo aquilo que vai até a última realização da conquista do espaço e do tempo. (COOLEY, apud SODRÉ, 2014, p.21).

Essa ampla definição sobre comunicação utilizada por Colley, e citada por Sodr e   a própria defini o da comunica o do comum, tão presente nessas intera oes e sociabilidades presentes nas ilhas de Abaetetuba. A comunica o do comum   essa conexão que acontece ora face a face, ora por meio de dispositivos tecnológicos, ora por processos mediáticos; ou sinais e símbolos.

O pensamento de Sodr e (2014, p.221) revela, que: “O comum cotidiano   um universal, não no sentido filosófico e forte de uma prescri o racional e abstrata, mas de uma concre o (assim como a diversidade humana   um universal concreto)”. O comum da comunica o leva ao diálogo a partir das intera oes entre “ser-com” e o “estar-junto”, ambos são relevantes e importantes para as rela oes humanas. (SODR E, 2014).

Do mesmo modo, a pesquisadora França (2010), afirma que a intera o entre dois indivíduos amplia-se para além deles, nesse sentido, entra em questão as vivências e experiências que mudam as configura oes sociais. Para ela, “A situa o de intera o e a consciência da percep o do outro cria um novo coletivo – na rela o com o outro, já não se trata de um e de outro, mas dos dois tomados em conjunto” (FRANÇA, 2010, p.46).

Observamos têm um elemento importante no que concerne às intera oes entre os indivíduos das ilhas, as festas religiosas, a igreja católica - por intermédio da Paróquia das ilhas - realiza as festividades e os círios nas comunidades. E o c rio vem acompanhado de leilão, de música ao vivo, venda de comidas típicas, etc. Esses eventos religiosos reúnem pessoas da cidade, da comunidade onde a festa está sendo realizada e moradores de outros rios, e isso ocorre têm nas dezenas de igrejas evangélicas que promovem congressos e eventos que unem as institui oes religiosas da cidade e do interior, formando um conjunto de pessoas que compartilham interesses comuns.

A comunica o   explorada por Sodr e (2014) como uma área interdisciplinar, pois não   possível discutir tal conceito sem explorar outras áreas de conhecimento. Muniz Sodr e fundamenta a comunica o na Sociologia,   por isso que George Simmel, Charles Cooley entre outros autores que fazem parte das discussões deste capítulo são tão importantes para explicar as experiências e sociabilidades comunicativas dos nossos sujeitos.

No contexto religioso dos moradores das ilhas de Abaetetuba, entra em cena a importância dos critérios de sociabilidade, os indivíduos v o garantir o bom convívio entre eles, mas, sobretudo, as afinidades que os ajudam a promover trocas de valores, virtudes e empatia:

“As qualidades pessoais de amabilidade, educação, cordialidade e carisma de todo tipo decidem sobre o caráter do ser em comunidade” (SIMMEL, 2006, p.66).

Simmel (2006) compreende que a sociabilidade cria um “mundo sociologicamente ideal”, pois a “alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros” (SIMMEL, 2006, p.70). A perspectiva de Simmel ajuda-nos a compreender que a semelhança de sentimentos entre os indivíduos ajudam a gerar satisfação quando estão em conjunto. Nesse sentido, podemos considerar as vivacidades, alegrias e cordialidades realizadas nas ilhas de Abaetetuba como formas de sociabilidade.

Essas sociabilidades são produzidas e inscritas na vida cotidiana desses indivíduos, a partir das práticas interativas, constituídas por trocas simbólicas, mediadas pela linguagem. “Falas, expressões faciais, gestos, olhares, toda uma série de possibilidades que permitem que os indivíduos interajam entre si” (FONTE, 2018, p. 167).

Nas ilhas de Abaetetuba, essas sociabilidades comunicativas são expressas nos diversos espaços de convivência. Em entrevista realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, o morador Ferreira, pescador, 42 anos, declarou que nas ilhas é comungado um espírito de solidariedade. “Nós somos unidos, aqui. Quem vai pra Abaeté de madrugada sempre avisa, aí todo mundo se reúne pra ir junto.” Tal afirmação de um morador da Costa Maratauíra, coloca em evidência a sociedade que é formada nas comunidades das ilhas de Abaetetuba. A sociedade é “uma substancia, algo que seja concreto para si mesmo. Ela é um *acontecer* que tem uma função pela qual cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma forma” (SIMMEL, 2006, p.18).

No ir e vir constante da cidade para as ilhas surgem dois tipos de viagem que são elementos da socialização e que promovem a sociabilidade, como narra o morador Ferreira: existe aquele indivíduo que vai para a cidade e convida outros moradores a dividirem com ele o mesmo *rabudo*; e existem aqueles que preferem ir de freiteira. A freiteira é o ônibus das ilhas, com a diferença de que não existe parada coletiva, cada porto de um morador é uma parada, onde embarcam e desembarcam dezenas de indivíduos, que se cumprimentam, conversam e socializam.

Observamos também que existe um elemento importante no atravessar desses rios, que é a preocupação que os moradores das ilhas têm uns com os outros, a empatia de saber se o outro chegou bem, se a embarcação não foi assaltada, se a viagem foi boa. Tal constatação foi observada em minha pesquisa de campo, e coloca em questão mais uma vez a sociabilidade comunicativa existente entre esses moradores. A moradora Dias, explica suas relações com o rio: “A relação com amigos e familiares é boa, a gente está sempre em alerta, quando um e

outro vê alguma embarcação diferente, uma paradinha no rio, a gente fica atento, porque, às vezes, podem ser as freteiras que estão trazendo açaí e podem ser assaltadas e a gente vai se falando e se ajudando pelo celular”.

A interação entre os moradores das ilhas acontece nas suas múltiplas formas, ou seja, conforme Pojo e Elias (2017, p.62), seja “na cabeça das pontes, nos trapiches, nos caminhos, nos rios, nos retiros, nas roças e nos quintais, as pessoas não só compartilham o espaço físico, como também interagem mutuamente”.

Mas essa comunicação da fala, do cumprimento, do aceno, agora, também acontece por meio do celular, pois as residências nas ilhas já contam com sinal de *Wi-Fi*, o que facilitou a comunicação entre eles. Agora, um morador pode avisar o outro sobre um acontecimento local, uma embarcação diferente no rio, uma reunião de conselho.

A tecnologia trouxe para essas localidades uma eficiência na comunicação e um pouco mais de segurança, pois, durante as visitas, observei que algumas arenas de futebol contam com câmeras de segurança para monitorar o movimento no local. McLuhan (2007) faz considerações importantes sobre os meios de comunicação como extensões dos indivíduos e, na pesquisa de campo, notamos que desde a “Beira” da cidade até as localidades visitadas, o celular tornou-se um instrumento importante de comunicação, onde as interações também acontecem.

Conforme reflete McLuhan (2007, p.63), “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou autoamputação de nosso corpo, essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo”. Nesse sentido, a tecnologia surge como ferramenta importante nas sociabilidades comunicativas dos moradores das ilhas. Essas novas tecnologias denominadas de mídia são mencionados por Sodré (2014) p.11:

Hoje, o termo mídia resume a diversidade dos dispositivos de informação, embora comunicar não seja realmente o mesmo que informar, a pretensão ideológica do sistema midiático é atingir, por meio da informação, o horizonte humano da troca dialógica supostamente contida na comunicação. (SODRÉ, 2014, p.11)

Nas entrevistas, os moradores ressaltaram a importância dessas novas tecnologias na vida deles, pois ampliaram as possibilidades de interação de uns com os outros, porém existe uma preocupação com uso excessivo do celular e sobre o controle do conteúdo que os jovens estão acessando.

Uma das ironias do homem ocidental é que ele nunca se preocupa com a possibilidade de uma invenção se constituir em ameaça à sua vida. E assim tem sido do alfabeto ao automóvel. O homem ocidental tem sido continuamente remodelado por uma lenta explosão tecnológica que se estende por mais de 2.500 anos (MCLUHAN, 2007, p. 303).

Lembramos França (2000), quando nos diz que estamos passando por transformações, onde o mundo se abre para novas possibilidades e cenários múltiplos, passado esse período do entendimento de todas essas mudanças, devemos compreender as especificidades das experiências que delas emergem. “Compreender tais transformações, apreender as novas condições da “arte de olhar” se torna, assim, o desafio colocado a nós, pesquisadores (as) do campo da comunicação” (FRANÇA, 2020, p.71).

E, além da tecnologia, existe um outro fator que também tem modificado as formas de interação nas ilhas: a violência e, por consequência, o medo. A violência, seja ela simbólica, física, social ou ambiental, quando chega às ilhas de Abaetetuba, atinge esses indivíduos e modifica os modos de vida deles, pois eles passam a ter mais receio de sair, de viajar, de frequentar a cidade ou até de adquirir um bem material por causa da hostilidade. Nesse sentido, as interações sofrem interferências de fenômenos sociais, como a violência em suas múltiplas fases.

O desenvolvimento social parece estar a tornar o estatuto do consenso mais incerto, perante uma sociabilidade humana cada vez mais complexa e pluralista. [...] a estrutura elementar da interação, que constitui para todas as formas de sociabilidade, pois, propriamente um nível metacomunicacional: organiza a comunicação elementar das relações sociais mais complexas, confere a cada indivíduo (actor social) um sentido comum fundamental da realidade social (da interação) e, ainda, uma determinada compreensão de si mesmo e dos outros (na interacção) (ESTEVES, 2011, p. 84).

Segundo Esteves (2007, p. 01), “A comunicação para a vida humana está na múltipla variedade de formas que esta apresenta e em todos os seus diferentes níveis de realização, é para todos nós, hoje, um fato indiscutível”, pois a comunicação humana é a ferramenta que possuímos para construir relacionamentos. Ela nos oferece a possibilidade de gerar conhecimento, entendimento, aceitação, comprometimento e ação. A comunicação nos permite trocar ideias e dialogar.

Do mesmo modo, nos diz França (2020, p.59), “A comunicação é da ordem da experiência, uma ação que envolve vários elementos, se desenvolve em etapas, provoca consequências”. A autora complementa dizendo que a comunicação é um desenrolar constante e envolve um dinamismo que ocorre no presente; é um processo do agora, do tempo atual, mas o desfecho da comunicação atinge outros tempos como o passado e o futuro. A concepção de França (2020) reflete sobre uma comunicação que não para e que remete ao ciclo vivido pelos moradores das ilhas em suas múltiplas atividades cotidianas, por exemplo, uma conversa entre dois sujeitos se desenrola em ações futuras que pode culminar numa viagem para a cidade, numa venda de peixe ou marisco, na negociação de um terreno, na criação de uma associação

ou na realização de uma reunião. “A produção de atos comunicativos é nossa forma humana de viver o presente, nos relacionar com o mundo e com os outros; fazemos isto ordenando tempos e referências” (FRANÇA, 2020, p.63).

Nesse sentido, a comunicação temporal defendida por França (2020) está presente em múltiplos aspectos da rotina dos moradores das ilhas. Ou em Wolton, quando afirma que “a comunicação como aspiração remete ao fundamento de toda a experiência humana”. Expressar-se, falar e compartilhar com os outros, eis o que define o ser humano (WOLTON, 2004, p.56).

Já para Rodrigues Duarte (apud BRUCK E OLIVEIRA, 2016, p.35), a comunicação é como “uma *relação* só possível, do ponto de vista existencial, ao nível do *para-si* que é como quem diz a consciência humana reflexiva e intencional”.

No caso da violência nas ilhas, a comunicação acontece quando um morador avisa o outro sobre embarcações diferentes passando no rio, quando eles comunicam às autoridades sobre crimes ambientais ou hostilidades praticadas por piratas, enfim, a comunicação está no centro desses fenômenos sociais que ocorrem com esses sujeitos, mas o ato de comunicar, compartilhar, instaurar o comum, também pode partir da ideia de divergências. Por exemplo, no período da safra, os compradores de açaí costumam passar na casa dos moradores das ilhas para negociar o preço da *rasa*²², tal negociação ocorre também com as frutas como miriti, manga, bacuri, etc. Nesse sentido, mesmo que esses sujeitos pertençam ao mesmo território e até a mesma ilha, eles podem divergir ao tentar estabelecer um preço para suas mercadorias, é uma forma de luta, onde a vontade de um prevalece sobre a vontade do outro, até que ambos cheguem num consenso.

No período eleitoral, há muitos embates também, pois os moradores da área insular de Abaetetuba passam a receber dezenas de visitas de candidatos a vários cargos públicos. E é nessas visitas que os problemas dos moradores vêm à tona e, a partir desse debate, é que os políticos apresentam propostas de soluções para problemas que atravessam o cotidiano desses indivíduos.

5.2 Práticas de violência nas ilhas

Ao trabalhar a hostilidade presente no contexto rural e Amazônico, faz-se necessário contextualizar a questão ambiental, pois os crimes contra o meio ambiente afetam direta ou indiretamente a vida dos sujeitos que compartilham seu cotidiano com os rios e florestas da região. Surge, a partir daí, a necessidade de compreender que o objeto está na Amazônia, região

²² Uma espécie de medidor feito de partes de uma planta da região, “a tala”.

brasileira que possui uma história atravessada por conflitos, violências e transformações contínuas, muitas vezes alheia à sua realidade. O pesquisador Mont-Mór (2015) reflete sobre esse processo na Amazônia brasileira.

Certamente uma das regiões no mundo que vem sofrendo uma transformação mais rápida e intensa nas últimas três décadas. A entrada naquela região de cerca de quinze milhões de migrantes e o desflorestamento de cerca de seiscentos mil quilômetros quadrados por si só já constituem fato singular e atestam o impressionante processo de produção social do espaço regional e sua rápida transformação de espaço natural em espaço construído (MONT-MÓR, 2015, p. 115).

A reflexão de Mont-Mór (2015) sobre a situação da Amazônia pode ser confirmada através de observações nas grandes cidades, mas também no interior da região. Na mesma perspectiva de análise, Steinbrenner (2008) apresenta informações históricas que explicam que as explorações na Amazônia vêm de uma ideologia de que a região possui uma infinidade de recursos naturais, os quais jamais serão cessados:

Historicamente a Amazônia tem sido pautada como fonte disponível de riquezas naturais para a solução de problemas externos – sejam eles lusitanos no passado distante; nacionais, a partir das políticas desenvolvimentistas do regime militar que se renovam na atualidade, ou globais, diante das noções de biodiversidade e sustentabilidade planetária (STEINBRENNER, 2008).

Na Amazônia, o desflorestamento, as queimadas, a poluição nos rios, matas e igarapés podem ser consideradas situações de violência que atingem comunidades rurais, as quais não conseguem combater a criminalidade ambiental que chega através das indústrias, multinacionais e até mesmo de pessoas físicas. Dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente (Imazon) confirmam que 2021 foi o pior ano para a floresta Amazônica, pois foram destruídos 10.362 Km² de mata nativa, equivalente a metade de Sergipe.²³

Em Abaetetuba, uma volta na cidade é suficiente para compreender as dimensões das construções que estão sendo erguidas na cidade, onde antes havia árvores e espaços mais naturais, hoje predominam construções, muros e prédios.

Em 2018, um vazamento oriundo da mineradora Hydro Alunorte, em Barcarena (PA), contaminou o Rio Murucupi com metais pesados como chumbo, arsênio e mercúrio. A tragédia também atingiu ilhas em Abaetetuba²⁴. Essas tragédias ambientais são fruto do avanço do capitalismo que propicia ganhos econômicos consideráveis, mas que resultam em atraso no

²³ Disponível: <<https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-29-em-2021-e-e-o-maior-dos-ultimos-10-anos>> Acesso em 20 de mar.2022

²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/02/09/acao-coletiva-leva-caso-hydro-no-para-a-justica-holandesa.ghtml>. Acesso em 02 de jul.2021.

âmbito social, (MARTINS, 2020). O autor ainda nos diz que os modos de produção de riqueza e todas as possibilidades do capitalismo produzem modos de vivências que geram uma sociabilidade baseada na prática de que cada homem precisa reconhecer o outro, mas a humanidade do homem está cada vez mais centrada na realidade que ele cria e isso gera um “abismo entre ele e sua obra, condição da demora entre a criação da possibilidade da sua humanização crescente e essa mesma humanização” (MARTINS, 2020, p.103).

Os crimes ambientais causados pelas grandes multinacionais presentes na Amazônia Legal atingem comunidades, as quais perdem o direito de usufruir do solo, dos rios, e dos produtos oriundos da floresta, como é o caso da Hydro-Alunorte, em Barcarena, município vizinho a Abaetetuba, que possui um histórico expressivo de crimes ao meio ambiente. “No município de Barcarena, maior polo de beneficiamento mineral no Pará, em 19 anos, foram registrados 26 desastres/crimes ambientais” (STEINBRENNER, 2019, p. 309). Esses crimes modificam a vida dos moradores dessas localidades, assim como as relações com o território.

Segundo Castro (2019, p.8), os moradores das ilhas que contornam o município de Barcarena manifestaram uma série de doenças em decorrência do vazamento de rejeitos da Hydro-Alunorte, além disso, eles foram ameaçados a deixar seus territórios e “deram lugar às empresas que são recém-chegados, mas que se arrogam de autoridade para os expulsar da terra”.

Essa violência ambiental é fruto de uma herança colonial na Amazônia que existe e persiste em atingir povos e comunidades tradicionais.

[...] na Amazônia, há uma proliferação de zonas de sacrifício, onde a riqueza e a biodiversidade acabam substituídas pela violência do desmatamento, do lixo tóxico, do adoecimento coletivo, não apenas humano. Esse processo está baseado em uma concepção colonial de dominação sobre a natureza e na privatização do que deveria ser comum. No caso de Barcarena, a ocorrência continuada de desastres socioambientais é uma das expressões mais evidentes da zona de sacrifício cravada ali, que se propaga para além do território, já que a contaminação atinge rios e igarapés que seguem seus cursos. A maioria dos desastres catalogados tem relação com a atividade mineradora (CASTRO, apud, STEINBRENNER, 2020, p.312).

Ao analisar a realidade amazônica, Silva (2017, p.6) complementa dizendo que havia uma esperança de que esses megaprojetos pudessem trazer melhorias para a população, além de melhorar a economia e evitar o excesso de uso de recursos naturais, porém, eles “contribuíram para a drástica transformação da Amazônia levando-a a um longo processo de expansão demográfica, mudanças culturais dos nativos” (SILVA, 2017, p. 6).

Essas ocorrências de crimes ambientais em Barcarena afetaram moradores das ilhas de Abaetetuba, pois a água ficou imprópria para o banho na vila de Beja, e, quando uma balsa

nafragou com 5 (cinco) mil bois em Barcarena²⁵, alguns rios que contornam a cidade de Abaetetuba ficaram com a água imprópria para o consumo por um período, pois alguns animais que morreram no incidente foram vistos nos rios da cidade. Nas pesquisas de campo realizadas na região, foi possível observar que algumas comunidades possuem um poço artesiano com tratamento hídrico adequado, onde os moradores utilizam o local para buscar água potável.

Além de todos esses problemas enfrentados por essas comunidades, os moradores da área insular enfrentam a violência metropolizada praticada por piratas que provocam terror físico e psicológico através de assaltos, agressões e homicídios. Essas características levam a identificar, nesta pesquisa, as ilhas como ‘entre-lugares’, pelo hibridismo vivido, que, ao mesmo tempo, separa e limita, distancia e aproxima, de tensionamentos e estranhamentos, mas que necessita de reelaboração dos seus sentidos e significados a partir das influências sofridas.

A violência praticada por piratas em Abaetetuba ocorre a qualquer hora do dia, como aconteceu em 2019, às 11 horas da manhã, nas proximidades do rio Jupariquara, onde dois moradores foram mortos em um assalto. O crime²⁶ comoveu moradores da região. Para Bairl (2006), no momento em que a sociedade trata a violência como algo comum, existe um risco de banalização da hostilidade que pode chegar a barbaridades. “A realidade brasileira expressa essa situação. A violência aparece como algo corriqueiro, típico do cotidiano das pessoas, quer seja a violência na cidade quer seja a violência no campo” (BAIRL, 2006, p.52). Segundo Tartati e Morgado (2006, p.1), “Historicamente, a violência atinge todos os setores da sociedade, sendo um fenômeno multideterminado e, como tal, complexo”.

Segundo Gonçalves et. al (2016, p.87), a violência e sua materialização nas ilhas de Abaetetuba, ocorre quando os grupos organizados (piratas) atacam as famílias, em situação vulnerável, invadem as casas e abordam as embarcações, saqueando os equipamentos e a produção. Toda a ação é executada com muita violência, o que tem afetado os moradores das ilhas e suas sociabilidades. Inclusive a matéria publicada, em 22 de novembro de 2017, pelo site The Hindu, na Índia, denominada “Piratas da Amazônia: ascensão das gangues do rio”, caracteriza a extensão da ação desses piratas:

Os piratas, de acordo com a polícia, são gangues organizadas que se deslocaram das costas do país para os rios da Amazônia. Armados com rifles de assalto AR 15, metralhadoras, sistema de rádio VHF e binóculos de alta potência, essas gangues

²⁵ Em 2015, uma balsa com cinco mil bois naufragou em Barcarena causando uma série de transtornos para as populações que vivem nas margens dos rios de Barcarena e Abaetetuba.

²⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/27/ribeirinhos-sao-mortos-apos-assalto-a-comercio-no-rio-jupariquara-em-abaetetuba.ghtml>>. Acesso em 15 ago.2021.

visam principalmente navios que transportam combustível e eletrônicos da zona de livre comércio de Manaus, capital do estado do Amazonas. De acordo com as estimativas do governo, as empresas que transportam carga através dos rios amazônicos perdem até 100 milhões de reais (US \$ 30 milhões) por ano para essas gangues. (Disponível < <https://cieam.com.br/noticias/piratas-da-amazonia-ascensao-das-gangues-do-rio> >. Acesso 10 jan. 2021.

A compreensão sobre os piratas da Amazônia atravessa a questão histórica que envolve esses tipos de crimes no mundo (FERREIRA, 2017), pois, ao longo do período da navegação marítima, essa situação de violência já era presente desde a Grécia antiga. O mar sempre foi um lugar privilegiado para a realização de negócios e de transportes de mercadorias, mas, desde os primórdios das grandes navegações, vigiar, fiscalizar e manter a segurança de quem navega pelos rios e mares sempre foi uma tarefa difícil. (FERREIRA, 2017). Sendo assim, a criminalidade causada pelos piratas continua perpetuando-se no mundo, fazendo vítimas e provocando terror.

E, com o passar do tempo, algumas hostilidades, presentes até então somente nas cidades, passa a fazer parte do cotidiano dos moradores das áreas rurais de Abaetetuba. Há também uma mudança na forma como essa violência é executada, conforme explica a professora e assistente social Antônia Botelho: “A violência entrou nas ilhas de Abaetetuba de uma forma forte. Quando eu era criança tinha a violência de tesado com tesado, mas nada comparado a hoje, com arma de fogo, com inúmeros casos de violência. São situações tristes, que vão ceifando a vida das pessoas”.

Melo (2007) defende a ideia de que a violência é um acontecimento que faz com o que o indivíduo perca sua situação de sujeito em comparação ao outro. A autora explica que quem sofre atos de violência perde um pouco do seu reconhecimento em razão do outro e isso pode ser estabelecido de diversas formas, tais como: a força bruta, o uso excessivo do poder, a violência psicológica (ZALUAR, apud, MELO, 2007). O que de fato acontece com os sujeitos da pesquisa, pois eles passam a temer as ações dos piratas e isso resulta em mudanças de hábitos. Eles passam a ter mais receio de comprar lanchas e embarcações mais potentes, temem ações de retaliações e não fazem denúncias e muitos deles possuem traumas resultantes das situações de hostilidade.

A violência também pode ser uma agente transformadora de questões sociais, conforme pensamento de Modena (2016) que traz aspectos sociais que mudam por causa da hostilidade, pois a violência, “sempre representa uma ruptura que causa o esfacelamento do tecido social e, em última instância, remete o ser humano a uma pretensa submissão ao irracional e instintivo” (MODENA, 2016, p.135). Ao analisar o pensamento da autora e relacionar sua ideia com o tema em questão, é possível perceber que a violência rompe relações sociais, pois os moradores

passam a ter medo de promover certas socializações por causa da violência praticada por piratas.

Voltando para o entendimento de Melo, e estabelecendo uma conexão com a violência praticada por piratas em Abaetetuba, é possível observar, através das narrativas dos moradores da área insular, que existe uma violência que é praticada na calada da noite, mas que também provoca medo, angústia e desânimo, são os roubos constantes de rabetas, motores e outros bens materiais, essa materialização da violência coloca em evidência a questão do conceito etimológico da palavra, afinal, o que é a violência? E como ela se manifesta? “A violência seria, então tudo aquilo que desumaniza, constrange, coage, humilha e viola as pessoas, seres e coisas transgredindo aquilo que as pessoas e a sociedade reconhecem como justo e virtuoso” (BAIRL, 2006, p.67).

Em muitos casos, a violência parte de uma organização criminosa, pessoas que se juntam para praticar determinados delitos. Diógenes (1998) faz uma reflexão sobre a formação de grupos criminosos nas metrópoles brasileiras, as gangues, pois para ela “a dinâmica da violência induz experiências, institui grupos, ritualiza e positiva estigmas territoriais”. Apesar de Diógenes (1998, p.17) trabalhar com conceito de gangues em sua obra, os quais são formados por uma organização criminosa urbana, ela pode ser utilizada para discutir o conceito de piratas na Amazônia, pois no jogo dinâmico entre espaço ora rural, ora urbano, vivem também os piratas que provocam um tipo de violência semelhante a que existe na cidade, pois como complementa a autora: “A violência intensificou-se, espalhou-se diversificou-se, assumindo uma pluralidade de facetas e uma plêiade de ações”. (DIÓGENES, 1998, p.56).

Uma dessas facetas da violência é a violência social, conforme o pensamento de Silva (2017, p.6 e 7), “existem poucos agentes comunitários de saúde. Quando os ribeirinhos necessitam de assistência médica são obrigados a se deslocar aos postos de saúde do município mais próximo”.

Do mesmo modo, nos furos e igarapés que contornam a Costa Maratauíra, o ciclo da maré em alguns casos impossibilita que os moradores retirem suas embarcações, o que dificulta mais ainda o acesso a recursos de saúde em casos de urgência e emergência. “Muitas comunidades vivem em áreas de difícil acesso com pouca ou nenhuma infraestrutura de serviços públicos” (SILVA, 2017, p. 6). A figura 11 mostra um furo que dá acesso ao rio Costa Maratauíra. Quando a maré está baixa, fica bem difícil navegar pelos rios. **Ver Figura 12**



Figura 12: Furo que liga a Costa Maratauíra ao rio Maracapucu-miri
 Fonte: Giovane Silva, em 27 de setembro de 2021

Essa situação levantada por Silva (2017) coloca os moradores das ilhas como populações esquecidas que enfrentam dificuldades de acesso a recursos de saúde, à educação e à segurança pública, pois falta, conforme relato dos moradores, verbas até para as despesas com combustível para transportar doentes até a cidade ou para fazer um policiamento efetivo na região. Baiel (2006, p.22) afirma que: “A violência se manifesta diferenciadamente na sociedade, afetando o cotidiano das pessoas e a coletividade de forma distinta”. A afirmação de Baiel (2006) coloca em evidência que a violência não é só aquela que agride, que maltrata e que provoca mortes, ela também acontece pela negação de direitos a esses sujeitos.

O amazônida não pode mais ficar esquecido à beira dos rios ou das estradas a espera de possibilidades de desenvolvimento que os considere como sujeitos de sua própria história. (SILVA, 2017, p.10).

Esse descaso do poder público muitas vezes vem da própria falta de recursos, pois algumas ilhas estão distantes, logo se torna inviável fazer a vigilância nessas localidades. No período da noite a situação fica pior, pois as ilhas não possuem iluminação pública, o que dificulta o acesso à cidade e a outros rios, nas narrativas dos moradores há relatos envolvendo acidentes com rabudos na região.

5.3 A compreensão hermenêutica das múltiplas formas de violência

A violência nas ilhas de Abaetetuba acontece de múltiplas formas e contribui para transformar o cotidiano desses sujeitos. A partir da narrativa desses moradores é possível observar que esse fenômeno social, até então muito presente na cidade, agora se estendeu aos rios e levou preocupação, medo e ansiedade para indivíduos que estavam acostumados a deixar

suas janelas abertas para dormir, a sair a qualquer horário de suas residências, essa compreensão hermenêutica comunicativa da violência vai ser trabalhada na próxima etapa do trabalho.

São nas narrativas dos moradores das ilhas que estão presentes os elementos da compreensão do que é a vida nessas localidades, quais são as categorias de violência enfrentadas pelos sujeitos e como eles lidam com esses problemas que atravessam suas vidas cotidianas.

Para entender esse "Outro" nas ilhas é preciso compreender os sentidos das narrativas, pois, para Ricoeur (1980), narrar é um ato de contar histórias. Um indivíduo sequencia acontecimentos e ações e vai inserindo personagens e esses personagens agem a partir de situações que vão ocorrendo. Nesse sentido, ao analisar as narrativas dos nossos sujeitos, é muito importante analisar os locais onde os indivíduos estão inseridos e quais são as suas experiências vividas nesses locais.

Assim como os bairros, as ruas e as vielas da cidade possuem suas peculiaridades, as ilhas de Abaetetuba também são singulares. Cada região possui uma característica diferente, por exemplo, no rio Maúba, percebe-se casas mais estruturadas, o comércio mais movimentado e até as embarcações que são chamadas de freiteiras são melhores e mais equipadas; já no rio Beira da Costa, apesar da proximidade com a cidade, as residências são mais simples e não há tantos comércios como no Maúba.

Mas, apesar das diferenças entre os dois rios, há uma semelhança comum: as narrativas de hostilidade. Os moradores das ilhas têm medo dos piratas dos rios que cometem violência física e psicológica nas comunidades por onde passam, mas eles também são vítimas de outras categorias de violência, tais como aquelas causadas pela omissão do Estado, tais como: falta de segurança pública, de recursos de saúde, de educação, fiscalização ambiental, entre outros problemas.

Os atos de hostilidade física e psicológica ocorrem a qualquer hora do dia. Os crimes tão comuns na cidade ultrapassaram a fronteira urbana e hoje aterrorizam e amedrontam os moradores sem que eles tenham condições de recorrer, de imediato, ao aparato da polícia para protegê-los.

Em entrevista realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, a moradora Dias, pescadora e manicure, 42 anos, começa sua narração falando da vida na localidade: “Eu gosto das ilhas, eu amo isso aqui, eu poderia mudar, mas só se tivesse estrutura pra mim, aqui a gente tem quase tudo de graça: Temos açai, nossa pesca, alimentação, a tranquilidade, a gente pode controlar mais os filhos, é mais fácil pra educar os filhos...Nossa comunidade é unida, todo mundo se ajuda e isso faz a diferença, mas temos o problema da violência, eu fico angustiada

em tocar na palavra violência, porque aqui mudou tudo. Eu disse pra minha mãe “foi desesperador”, porque meu marido foi assaltado por piratas no rio Maguari em Belém, eu percebi que alguma coisa estava errada, porque eles não entraram em contato, eu ligava e eles não atendiam, depois chegou a notícia do assalto em Abaeté e de Abaeté chegou a informação aqui, de que eles tinham sido assaltados....Foi uma violência grande, porque eles não queriam só levar a mercadoria, eles queriam bater, eles chegaram a machucar um “senhorzinho” que era dono do frete, chegaram a colocar uma arma na cabeça do meu filho e com a arma apontada pra cabeça dele eles disseram: ‘Onde está o dinheiro?, Se não vou te meter uma bala na cabeça’. Aí eles começaram a pegar tudo, eles amarraram todos eles, amarraram meu marido na rabeta deles, foi um terror...Um deles ameaçou cortar com o terçado um dos tripulantes da embarcação...Aí eles ficaram a deriva por um tempo, até que conseguiram fazer uma ligação pra informar o que tinha ocorrido.....Hoje, Quando meu esposo e meu filho saem para trabalhar, eu não durmo até que eles cheguem...Quando a gente sai, a gente tem hora pra sair para chegar, a gente até procura fazer em evento familiar, porque tá todo mundo junto e é mais seguro. A gente parou de sair mais, porque não tem segurança, por exemplo, tem uma festividade lá no rio Acaraqui, só que só dar pra ir de dia, porque a noite não tem segurança”, relatou a moradora.

Nesse excerto, a moradora Dias, do rio Beira da Costa, apresenta elementos que identificam como é a relação dela com a localidade. Ela ama o rio Beira da Costa e identifica os frutos e alimentos que estão disponíveis sem custo para ela e seus familiares, a educação dos filhos e a relação com a comunidade católica são outros fatores que contribuem para ela ter afeto por seu território. E ela menciona essas questões com entusiasmo e com um “ar” de quem realmente está satisfeita com a vida na Beira da Costa. No entanto, quando o assunto da violência vem à tona, sua expressão muda, a voz fica embargada e ela passa a falar do assunto com mais preocupação, pois a violência mesmo ocorrida em outra cidade afeta sua vida e a vida de seus familiares.

Na narrativa da moradora, é perceptível que existe um tipo de trauma, ela realmente fica angustiada ao tocar no assunto, sua família foi vítima de piratas, uma organização criminosa que praticou violência física e simbólica, ela menciona agressões, xingamentos e ameaças, elementos que identificam um tipo de hostilidade que atinge esses moradores até mesmo quando eles estão distantes de seus territórios, nesse sentido, a experiência alheia é sua experiência também, pois, como a pescadora narrou, ela fica angustiada só de ouvir a palavra violência. No final da narrativa, é possível identificar as consequências desse ato, pois, quando seus familiares viajam, ela fica preocupada, suas interações sociais com outros moradores ficaram mais restritas também, porque ela tem medo de sair para outra localidade e prefere

realizar eventos familiares. A pescadora teme que situações de violência voltem a atingir seus entes queridos.

Em entrevista realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, o morador Costa, pescador, 45 anos, contou: “Eu gosto da vida daqui, temos a pesca, temos o açai.. No momento eu tô afastado dessas atividades, mas meus filhos me ajudam e a gente vai levando...A moradia aqui é boa, mas temos o problema da violência, temos esse embate com a pirataria. Tem noites, por exemplo, que a gente não dorme sossegado, a gente fica “cabreiro”, porque já levaram uma voadeira daqui. Uma vez eu tinha um motor de uma voadeira que estava na corrente e os piratas levaram. Era uma hora da manhã, eu ouvi um barulho, minha esposa levantou e a gente foi ver, mas a lancha ainda estava no porto, pela manhã fui olhar de novo e a lancha não estava mais...Foi um baque violento pra mim, eu estava recém operado e fiquei muito pra baixo, eu fiquei muito triste. Foi um prejuízo grande. E a gente ganha tão pouco e tem que lutar tanto para conseguir um bem material desse. Em outra situação de violência minha esposa foi assaltada com meu filho dentro de um laboratório na cidade de Abaetetuba. Eles vão pra Abaeté de vez em quando pra resolver algumas coisas, eles pegam passagem de manhã aqui. Aí eles estavam nesse laboratório e apareceram três caras numa moto. Eles entraram e roubaram as pessoas que estavam dentro do laboratório. Eles fizeram a limpeza, levaram 12 aparelhos de celular. Minha esposa tinha acabado de pagar a primeira parcela apenas, Hoje ela anda em Abaeté com receio. Nós fomos vítimas da violência na cidade e aqui, agora ela vai na cidade e não leva mais o celular, ela fica com receio. E quando a gente vai para a cidade, a gente prefere ir de freiteira, porque a gente tem medo de assalto, a gente já foi vítima dos piratas, então a gente prefere ir de passagem”.

O morador começa sua narrativa pontuando os pontos positivos de morar na Beira da Costa, ele gosta e pratica as atividades de pesca e manejo de açai, mas ele também tem a compreensão de que a violência não é só aquela causada por assaltos e agressões. Ele, por exemplo, sofreu a subtração de bens materiais. Neste sentido, entra em categoria mais um tipo de violência: o roubo, que também gera consequências na vida desses sujeitos.

Na narrativa, ele cita a preocupação evidente à noite, quando ouve um ruído diferente no rio. Ele também menciona o desânimo e a tristeza que teve em perder um bem material tão importante para ele. As consequências da violência atingem esses moradores em outros territórios. Nessa narrativa, fica claro o sentido de urbano/rural, diferenças e semelhanças, as quais são percebidas por Graziano (2002) como um *continuum espacial*. Esse *continuum* se expande também para questões como a violência, pois como o morador conta, sua família foi vítima de violência na cidade e no interior. A violência urbana é outra categoria de hostilidade

que causa danos na vida desses sujeitos. Hoje, quando a esposa do pescador vai à cidade, ela não leva mais o telefone. Ela tem receio de ser vítima da violência em ambos os territórios. Outro ponto de análise dessa narrativa são as sociabilidades comunicativas que são modificadas por causa da violência, o morador, seus vizinhos e familiares deixam de viajar em conjunto, por causa da violência. Eles passam a frequentar a cidade com os freiteiros, pois possuem medo de ser novamente vítima, das hostilidades dos piratas.

Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, o morador Silva, freiteiro, 24 anos, conta: “Eu gosto da minha rotina, eu vou para a cidade um dia sim, um dia não. Eu saio para trabalhar meia noite e chego à cidade seis horas. Segunda, quarta e sexta. Eu trabalho com açaí de vez em quando.... Minha relação com os passageiros é boa. Me dou bem com meus familiares e gosto de tomar uma cerveja com eles de vez em quando. A embarcação melhorou, tem poço artesiano em um local aqui e as pessoas vão lá para pegar água, temos energia...Mas temos a questão da violência. Uma vez eu estava saindo na maré seca na freiteira, quando entramos no outro rio, fomos devagar, aí quando olhei pra trás vinha quatro pessoas numa rabeta, eles chegaram perto da gente e falaram ‘é um assalto’, um mandou parar o motor, aí fizeram todo o assalto lá. Levaram dinheiro, mochila, celular, uma caixinha de som, a gente não desconfia de quem foi, deram dois tiros pra cima pra assustar os passageiros. E depois disso eles desistiram de ir para cidade. Em outra situação, um cara pediu passagem na cidade, mas antes da gente seguir viagem, a gente parou em um posto para abastecer e quatro pessoas subiram na embarcação e assaltaram a gente. Eu tinha seiscentos reais e acabaram levando o dinheiro. Deram duas facadas no saco de farinha só pra fazer graça. Agora temos mais cuidado para viajar, às vezes saio de ‘companha’ com outros freiteiros. Não fiz B.O. A gente não faz denuncia porque temos medo e porque a polícia não vem. Hoje, a gente sai com cuidado, hoje tem que ter cuidado. Falta segurança pública aqui no nosso rio”.

Nessa narrativa, o freiteiro aponta os elementos que o fazem gostar das ilhas, ele gosta do trabalho, dos frutos locais e mantém uma relação harmoniosa com passageiros, amigos e familiares. Na sua narrativa, também é possível identificar uma violência que acontece em ambos os territórios. Ele foi vítima dos piratas na sua embarcação durante o trajeto para a área urbana, mas foi vítima também na cidade, quando estava retornando para o interior. Ele aponta as perdas materiais que os passageiros tiveram e menciona as consequências do assalto, pois os moradores não quiseram prosseguir na viagem.

Os desfechos dessas duas práticas de violências ocorrem até hoje, pois ele passou a viajar junto com outros freiteiros, ou seja, ele não se sente mais seguro para viajar sozinho. E, apesar de ter sido vítima de um crime, ele não denuncia. O morador é mais um sujeito que não

acredita na eficácia da polícia e reconhece que a falta de segurança é um problema em sua comunidade.

Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Beira da Costa, o morador Ferreira, comerciante e pescador, 46 anos, afirma: “Eu vivo há 46 anos aqui, pra mim, é o melhor lugar que existe pra morar...É muito bom morar aqui. Mas hoje, a gente já não tem aquela paz que a gente tinha antes, por causa da violência, a noite a gente se tranca igual na cidade...Eu vou de vez em quando na cidade, aos sábados, para fazer compras e a gente vai no freteiro, porque é melhor, a gente vai sem compromisso e porque a frente da cidade está muito ruim, aquela orla dificultou muito nosso acesso. O povo não tem onde guardar a embarcação e ficou muito ruim. Eles dizem que a obra está pronta, mas a gente não vê a obra totalmente pronta.”

Em relação à violência, o morador declara: “Eu quando me mudei pra cá eu fechava a casa uma hora da manhã, hoje em dia não, deu seis horas a gente fecha tudo..A gente não abre pra ninguém, a não ser que seja alguém que a gente reconheça a voz...Aqui cansamos de deixar a casa com a janela aberta, hoje a gente não faz mais isso. Pra mim a situação da violência foi muito ruim. Eu tinha meu negócio...Hoje, se eu me espanto no meio da noite, eu não consigo mais dormir, penso no meu negócio e fico chocado. Tem hora que só falto ficar doido..A gente pensa de um jeito e Deus faz de outro.....Eu já pensei em parar de trabalhar, mas não tem como. Tenho dívidas e família...E eu tenho que continuar. Cada vez está mais ruim...Você trabalha e tem momento que você pensa que vai melhorar, mas não vai...cada dia tá pior...Aí tem boatos que tem gente armando pra pegar a gente de novo...fica difícil de viver desse jeito. Eu trabalhei por mais de 10 anos com o capital que eu tinha, aí eu perdi tudo...Uma vez eu cheguei da cidade às onze horas da noite. Eu deixei a rabeta no porto, subi, deixei o dinheiro atrás da porta e voltei para o porto para tomar banho, e os “caras” me abordaram na porta de casa, eles desarrumaram toda a casa, foram levando tudo o que tinha pela frente...Eu entreguei uma parte do dinheiro, eles reviraram até achar a roupa.....66 mil reais foi o meu prejuízo”.

O morador destacou também que teve sua vida alterada, por causa da violência: “A nossa vida se tornou triste, não temos liberdade mais pra nada, não temos segurança....A gente perdeu esse privilégio de sair pra qualquer outro lugar, outro ambiente a noite, a gente evita, porque a gente não sabe quem vai está esperando por nós a noite...”

O morador começa sua narrativa apresentando a relação que tem com seu lugar. Ele gosta do ambiente, sempre viveu no rio Beira da Costa, mas reconhece os problemas que fazem parte de sua vida também. Ele pontua a obra na orla da cidade como uma questão negativa, pois o acesso dos moradores à cidade é difícil, eles têm que passar por várias embarcações para ter

acesso à área urbana, pois os barcos só conseguem atracar nos postos flutuantes e isso gera um transtorno para o grande número de passageiros que trafegam pelo local.

A narrativa também traz elementos da violência que ele sofreu por meio dos piratas. O comerciante teve sua casa invadida e a situação trouxe consequências que até hoje o atormentam, ele tem dificuldade para dormir, desânimo e muita preocupação de que a situação vivida por ele volte a ocorrer.

Os modos de vida do morador e as suas socializações foram modificadas por causa da hostilidade. Ele passou a rever seu horário de saída e de chegada e evita frequentar outras comunidades. Nesse sentido, a violência continua trazendo consequências para a vida do sujeito e de seus familiares.

Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, a moradora Cardoso, professora aposentada, 91 anos, conta: “Eu Moro no Maúba há 65 anos. Hoje, eu só faço serviço doméstico. Sou católica, participo da igreja, já fui da pastoral da criança, já fui catequista.....Eu vou à cidade pelo menos umas três vezes por mês pra sacar dinheiro, ir fazer uma consulta, por necessidade mesmo. Mas eu gosto muito daqui, aqui é mais tranquilo, mais silêncio, não tem aglomeração, o clima é melhor. Os vizinhos são conhecidos. A gente já fica nervoso só de pensar em viver em outro lugar, sem falar na fatura: Temos peixe, camarão....Hoje nosso rio tá bem urbanizado, temos loja de roupa, material de construção, farmácia.....“A gente sofreu um assalto há um ano atrás. Eram seis horas da tarde, eu saí do banheiro, que fica fora da casa e um rapaz saiu atrás de mim, eles chegaram armados, quebraram a lâmpada e fizeram ameaças. Eles conseguiram pegar dinheiro, mas queriam mais. Eles chegaram a ameaçar de atirar na gente..Hoje, a gente tem grades nas janelas, hoje a gente fecha a casa mais cedo.”

O relato da moradora revela algumas questões que já foram vistas em outras narrativas do presente trabalho: A relação afetiva com o território. Sua narrativa carrega elementos de muita afinidade com a culinária local, com o clima e com todas as atividades realizadas ao longo da sua jornada no rio Maúba. Sua narrativa também traz dois fatos instigantes: O reconhecimento do desenvolvimento local, ela percebe que a ilha está mais desenvolvida e urbanizada, mas relata que ainda precisa frequentar a cidade para realizar alguns serviços que não são ofertados em sua localidade.

No início da aplicação desta pesquisa, havia uma desconfiança do filho da moradora em relação à realização da entrevista e à assinatura do termo de consentimento. O filho da moradora não autorizou a utilização do gravador e acompanhou de perto a aplicação da pesquisa, ao término da mesma, ele entendeu que se tratava de um trabalho acadêmico e justificou sua atitude dizendo que algumas pessoas já caíram em golpes no rio Maúba.

Na fala de violência da aposentada, é possível identificar a mesma categoria de hostilidade das narrativas anteriores: A violência simbólica praticada por piratas.

Eles fizeram ameaças, roubaram o dinheiro dos moradores e o ato hostil deixou consequências. A residência da moradora possui grades (o que não é comum em residências das ilhas) e eles passaram a fechar a casa mais cedo. Nesse sentido, é evidente que as situações de violência deixam marcas na vida dos sujeitos e os mesmos tomaram providências para evitar que a criminalidade volte a atingi-los.

Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, o morador Sardinha, vendedor de açaí, 41 anos, revelou: “Eu sempre morei aqui e eu gosto disso, na época do açaí a mulher reclama comigo, rapaz ‘tu não descansa’, se eu não trabalhar com açaí, ‘amodo’ que eu adoço, são seis meses de trabalho e eu faço isso porque sei que isso me faz bem....Aqui, a gente trabalha na comunidade, eu participo da igreja e gosto disso.... Por causa do meu trabalho eu tenho que ir à cidade todo dia. Na verdade a cidade para mim é por causa do trabalho mesmo, mas meu negócio é o sítio. A violência é um problema, porque aqui a gente se sente acuado pela bandidagem, imagina morando lá? Eu não gosto da cidade, não gosto do movimento, do trânsito, não tem aquele respeito no trânsito... E aí fica complicado pra gente...Uma vez eu cheguei umas seis horas da noite da cidade e eu estava cansado, quando deu umas sete horas, três pessoas entraram aqui, eles bagunçaram tudo. Nesse dia eu apanhei muita ‘porrada’. Os piratas chegaram a levar 12 mil reais. Nós chegamos a fazer a ocorrência, mas a polícia depois que acontece os crimes, ela não quer saber. Depois dessa situação, eu passei a ter um pouco mais de cuidado”.

A declaração do vendedor de açaí revela a satisfação dele em morar no rio Maúba. É mais um morador que possui vínculo com a igreja católica e participa das festividades de santo realizadas na comunidade. Na narrativa do morador, é possível identificar como é a relação dele com o espaço urbano, ele precisa da cidade para trabalhar, mas tem aversão à vida corrida do território urbano. Existe um receio de que na cidade ele esteja mais vulnerável a situações de violência.

Na narrativa sobre a hostilidade vivida por ele, é possível identificar a categoria de violência física, ele chegou a ser agredido e teve uma perda financeira considerável, inclusive cita o valor da perda com tristeza. O morador buscou ajuda para solucionar o crime, mas não obteve resposta. É mais uma narrativa que confirma o descrédito desses sujeitos em relação à eficiência da polícia.

Em entrevista realizada no dia 27 de setembro, no rio Beira da Costa, o morador Cunha, professor, 52 anos, contou: “A polícia militar de Abaetetuba tem uma cota de duas viagens por

mês para as ilhas, aí se atingir a cota eles não vêm mais. Por exemplo, se tiver duas ocorrências durante a semana, o restante do mês fica descoberto. E nos casos mais leves, eles estão orientando a ir ao cyber...A violência na Beira da Costa para mim, aumentou a partir do momento que a nossa cultura foi jogada para trás das costas, aí foi se perdendo valores, se perdendo o respeito com as pessoas...Hoje, as pessoas vão conversando menos, e nessa conversa elas vão ficando mais alteradas, mais agressivas, por exemplo, eu, por exemplo conhecia meus pais pelo olhar. Hoje, os pais arregalam os olhos e os filhos não estão nem aí. Essa violência hoje ela ocorre por falta de uma educação de qualidade, porque quando se trabalha de fato uma educação de qualidade, então você vai colher bons frutos. Essa semana mesmo eu vi um adolescente, ele expos na mesa várias armas de miriti pintadas, parecia uma arma de verdade, aí ele pegou uma dessas armas e se exibiu com elas na mão, aí ele filmou e mostrou pra todo mundo, se isso vazar isso pode comprometê-lo. O que é interessante nessa história é o que tem por por trás dela, um desejo, tem uma vontade, aí eu me despertei com aquilo, aí eu aconselhei ele a parar, porque isso é sério...São coisas que a educação deve trabalhar...Então eu estou falando da educação familiar, a maioria dos pais sabe o que tá acontecendo, mas é incapaz de sentar com os filhos e explicar o que está certo, o que está errado, aí é só depois que o caldo derrama, que eles vão querer fazer alguma coisa”.

Observamos que a fala desse morador busca a causa da violência e relata que a base desse problema pode estar nas relações familiares, pois, para ele, a perda do respeito aos pais, aos valores e tradições contribuem para aumentar as ocorrências sobre a violência nas ilhas de Abaetetuba. O relato do morador revela a exposição dos jovens na internet.

O professor acredita que muitas ocorrências de violência podem ser sanadas se as famílias da sua comunidade começarem a acompanhar a vida dos filhos. Falta uma educação de qualidade no ambiente familiar. Ele afirma isso com convicção, pois costuma acompanhar a vida da comunidade. Durante a realização da pesquisa, o morador Cunha acompanhou-me na realização das entrevistas e foi possível perceber que ele é uma figura querida e respeitada entre os moradores locais.

Por ser professor e por acompanhar ao longo dos anos a vida na comunidade, ele tem a dimensão maior do problema e acredita que isso pode ser resolvido se houver participação coletiva na educação dos jovens na região.

Na mesma linha de pensamento, a assistente social e professora, Antônia Botelho, acredita que os valores estão perdidos. Ela questiona a falta de policiamento nas ilhas, menciona a falta de conscientização e comenta sobre a banalização da violência nas comunidades das ilhas: “Eu me pergunto, a policia não faz ronda na cidade? E se isso fosse feito nas ilhas com

frequência? Se isso fosse feito, nós não teríamos esse problema de violência. Outra questão é o uso dos rabudinhos, esse tipo de transporte tem causado muitos acidentes nessas localidades. Falta conscientização sobre o uso deles, pois para a nossa juventude, os rabudos são as motos dos moradores, não posso entregar uma moto na mão de uma criança. É perigoso. Quando a gente para pra pensar, nossos rios são nossas ruas. Eu preciso orientar sobre essa movimentação, por isso precisamos de uma gestão pública que possa fazer a governança, que possa ter participação do povo. Outra situação foi uma chacina na comunidade de Ipanema. A polícia prendeu uns bandidos, bateu neles e depois compartilhou as fotos nos grupos de *whastsApp*, em uma outra situação na mesma localidade teve uma chacina os moradores das ilhas foram os primeiros a chegar para registrar as mortes e compartilhar nos grupos. Eu me pergunto o que está acontecendo com nossas comunidades? Os valores estão sendo perdidos.

Antônia Botelho faz comparações entre cidade e ilha para mostrar que os problemas que atingem moradores da área urbana também atingem os moradores locais, ela questiona isso quando menciona a segurança pública que tem numa região e não tem em outra. Quando ela fala dos acidentes com embarcações, ela fala da imprudência. Nesse sentido, entra uma nova categoria de violência: a violência de acidentes nos rios da Amazônia, causados pela falta de consciência dos pais que deixam crianças e adolescentes pilotarem embarcações em alta velocidade, bem como falta de fiscalização nos rios.

A professora possui um histórico de participação em movimentos sociais. Em relação a possíveis soluções de problemas gerados pela violência, ela acredita em políticas públicas participativas. Outra questão presente na narrativa da moradora é a banalização da violência. Essa banalização faz a professora questionar sobre os valores dos moradores das ilhas. Por que eles sentem a necessidade de filmar e compartilhar os conteúdos sobre morte e violência? Sua narrativa sobre esse tema termina com esse questionamento, que leva a uma reflexão sobre as mudanças nos comportamentos dos sujeitos que compõem esse território, pois o professor Cunha também acredita que exista perda de valores e isso pode contribuir para o aumento de ocorrências de violência.

Em entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, a moradora Santos, pescadora e dona de casa, 40 anos, narrou: “Eu gosto daqui, sempre morei aqui, aqui é bom, é nossa raiz. No verão a gente apanha açaí, aí tem o peixe. No inverno fica mais difícil, porque não tem nada de safra, e a chuva atrapalha um pouco..... No Maúba, a gente tem alguns problema...Falta uma faculdade para os nossos filhos não se deslocarem, eu acho que falta isso. Antes não tinha ensino médio, agora já tem, mas terminou tem que se deslocar para a cidade, tem posto de saúde no rio Paruru, mas o médico não vem. Se passar mal, a gente corre pro posto

e no posto nem sempre tem recurso e a gente tem que ir para Abaeté, olha a “lonjura” que é, e a gente tem que ir, a gente não vai esperar a morte em casa. Segurança pública? É só Deus por nós, porque a gente não tem, nunca teve, eu fui vítima da violência, o meu irmão já foi, uns quantos aqui já foram, tem tempo que é quase toda a semana, na época do açaí ocorre muito assalto”, conta a moradora do rio Maúba.

A moradora Santos, do rio Maúba, conta que gosta do seu lugar de origem, de sua raiz. E menciona sobre os elementos que compõem a sua vida e fazem parte da sua rotina, uma narrativa similar a de outros moradores entrevistados. Mas apesar de gostar do lugar e das pessoas, a dona de casa sabe quais são os problemas que atravessam seu cotidiano. Ela enumera os problemas enfrentados nas ilhas. Sua narrativa apresenta outras categorias de violência: a violência causada pela omissão do Estado, que provoca a exclusão social dos moradores, que não tem acesso à saúde, à educação, à segurança pública.

Em outra entrevista realizada no dia 06 de novembro, no rio Maúba, o morador Pantoja, servidor público, 42 anos, narrou sua trajetória de vida: “Eu sempre morei aqui, mas constitui família e mudei para a cidade. Eu tenho quatro filhos, mas aí apareceu a pandemia e a gente veio embora pra cá. Em Abaeté, eu morava em casa alugada, aí eu vim para o interior para morar com meus pais. Na época da pandemia eu estava trabalhando como professor em Belém, eu tirei dois anos de licença. E hoje eu trabalho no CRAS aqui. O único ponto negativo é a questão da escola dos meninos. Eu sinto falta de uma educação melhor para os meninos, a gente tá morando aqui, mas eles estão matriculados lá. Eu tenho resistência de ir para a cidade, mas a gente preza muito a questão da educação”, contou o morador.

Em relação à violência o educador declarou: “O nosso desafio na vida urbana é a questão principalmente da violência, hoje a gente tem violência aqui, mas é diferente, porque atingiu um grupo de pessoas. Os jovens são as vítimas da violência aqui. Mas já vivemos período de terror. Nos anos de 2015, 2016, vieram moradores da área urbana e praticavam crimes no Maúba, assaltos, roubos...Hoje a gente tem uma realidade difícil, a gente vê jovens consumindo drogas e bebidas alcoólicas sem qualquer fiscalização, por exemplo eu fui numa festa e presenciei muito adolescente embriagado. Isso pode ser resultado do poder aquisitivo na comunidade, nós constatamos que através de um dado de 2015, correu no Maúba, um milhão e meio de reais. Tem adolescente aqui que tem *iphone* que chega a custar mais de cinco mil reais. Eles apanham muito açaí e começam a ter uma renda considerável. O lado negativo, é que como eles têm dinheiro, eles acham que isso é suficiente e ocorre a evasão escolar. Aqui tem muitas drogas, cocaína, maconha...Teve um rapaz que confirmou que aqui tem LSD ”, contou o morador.

Em relação à violência ambiental, o morador Pantoja contou: “Recentemente eles resolveram tirar do fundo do rio aquele navio que naufragou com gados em Barcarena, depois dessa tragédia nós percebemos que diminuiu bastante as espécies de peixes aqui no rio. Outro problema é o Porto da Cargill, para abertura desse Porto foram feitas consultas muito superficiais com a população e a gente sabe dos danos ambientais que essa construção vai causar na região...”

O morador teve experiências de moradia na cidade e nas ilhas, ele gosta da região, mas vive o dilema de ter que voltar para a cidade por causa da educação dos filhos. Ele pontua que esse é o maior problema, pois as escolas da região são precárias, falta educação e nem todo rio oferece escola com ensino médio. A pauta da educação é bastante mencionada pelos moradores locais, pois os filhos precisam se deslocar para outro município para ter uma educação de qualidade ou para ter acesso ao ensino superior. A narração confirma que a violência também é subjetiva, ou seja, é aquela causada pela falta de um serviço público adequado de segurança, de educação, de incentivo a políticas públicas que podem fazer a diferença para os moradores.

Em relação à causa da violência, o educador explica que ela vem de fora, são sujeitos da área urbana que trazem essa violência para a localidade, provocando situações de medo e terror na região. A economia da região e a forma como a juventude lida com o dinheiro é outro problema mencionado pelo morador, pois ele cita as drogas consumidas na localidade e tem a compreensão de que isso é uma forma de violência que atinge esses sujeitos e as pessoas que convivem com eles. A questão das drogas traz à tona a falta de fiscalização no Maúba. É muito mais fácil que essas situações ocorram e se propaguem, porque não existe uma ronda periódica na região, é por isso que o consumo de drogas está presente no rio.

Por fim, o morador cita uma violência ambiental causada por empresas estrangeiras na região, dois eventos citados por ele teriam contribuído para afetar a vida dos moradores do rio Maúba. Sua compreensão remete a questões atuais, pois o dilema da Cargill tem sido muito discutido por entidades religiosas, ambientais e sociais na região.

Essas narrativas apontam que a violência está instaurada nas ilhas em múltiplas categorias. E os indivíduos são atingidos em suas casas, nas embarcações, no trajeto até a cidade. Suas vidas são atravessadas por experiências de violência e isso gera efeitos individuais e coletivos, modificando os modos de viver da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das narrações dos moradores dos rios Beira da Costa e Maúba, compreendemos que os sentidos produzidos por esses indivíduos são marcados pelas experiências vividas entre o ir e vir constante. Nas narrativas, é possível compreender quem são esses indivíduos e como eles lidam com a vida cotidiana e as mudanças frequentes que ocorrem em seus territórios. Muitos dos nossos sujeitos são pescadores, mas não exercem somente essa profissão, são pescadores, donas de casa, vendedores de açaí, freteiros e professores, eles possuem a pesca, a caça e o manejo de açaí como uma segunda fonte de renda. Esses sujeitos vivem em trânsito constante entre rios, ruas e florestas e, nesses lugares, eles tecem suas relações sociais. São nesses ambientes que eles se comunicam, interagem e compartilham interesses em comum. Tal constatação parte da minha própria observação dos modos de viver dos indivíduos, pois, desde a saída da “Beira” até a chegada em suas residências, os moradores conversam, riem e socializam suas experiências cotidianas com os mototáxis, freteiros, vendedores ambulantes, comerciantes e sujeitos de outras ilhas e municípios. Por onde passam, eles deixam e levam suas experiências do dia a dia.

Ao fim da pesquisa, entendemos também que, apesar de existir certa dependência do ambiente urbano, eles são muito ligados a suas ilhas de origem. Os moradores gostam de sua rotina e de seus modos de vida e não manifestam interesse em mudar para a área urbana. Nas narrativas, foi possível identificar frases em comum ditas por eles, tais como: “eu sou daqui”, “eu amo esse lugar”, “não pretendo sair daqui”, “as ilhas são um bom lugar para se viver”. Essas afirmações vêm acompanhadas dos próprios relatos dos problemas enfrentados por eles, como a violência, a falta de segurança pública, problemas ambientais, acidentes com embarcações e qualidade do ensino público escolar.

Os sujeitos vivem um dualismo constante entre ilha como um lugar pacato ou ilha como um lugar agitado, as duas realidades são vividas cotidianamente por esses moradores, pois os rios em determinados momentos são tranquilos, quase não há movimento e o único som que prevalece é o do vento. Por outro lado, existem momentos em que o excesso de embarcações nos rios causa um ruído ensurdecido, e, em alguns casos, o choque entre embarcações provoca vítimas fatais. É comum o registro de acidentes entre rabetas. E, muitas vezes, esse tipo de barco é pilotado por crianças e adolescentes, o que traz à tona outra dificuldade presente na região: a falta de fiscalização e punição para pais ou responsáveis.

O dualismo também é vivido pelos moradores das ilhas em relação à tecnologia. Eles têm a compreensão de que os dispositivos tecnológicos facilitaram o acesso deles à informação

e, principalmente, à comunicação. Ficou mais fácil fechar um negócio, marcar uma consulta e estabelecer contato com um morador de outro rio. Porém, algumas pessoas ficaram viciadas, principalmente os adolescentes e crianças que passaram a interagir menos com outras pessoas por causa do celular.

A falta de segurança pública é o problema mais perceptível nas narrativas dos moradores, por exemplo, a polícia militar só visita o local em caso de ocorrência, por isso, assaltos, roubos e agressões ocorrem com frequência. Nesse sentido, entra em jogo o “Outro”, capaz de mudar a vida dos moradores das ilhas. Nos relatos, eles narram as hostilidades que sofrem, provenientes de uma realidade configurada a partir de um outro ambiente, a cidade. Ao mesmo tempo, não separam sua vida entre um aqui e um lá, mas como um “entre lugar”, um continuum espacial, em que suas experiências se encontram nesse entre meio. Ou seja, a realidade da vida cotidiana, lembrando as inserções de Berger e Luckmann (2012, p. 39), “apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo”, um mundo de que participo juntamente com outros indivíduos. Não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros.

Na perspectiva hermenêutica de compreensão desta dissertação, também é possível entender que a essência do “eu” está totalmente ligada à essência do “outro”. Em todos os diálogos tecidos durante a pesquisa, é possível observar que a definição individual de cada sujeito é constituída a partir das interferências do outro. Esse outro pode ser um familiar, um vizinho, um colega de trabalho, ou até mesmo um desconhecido. Alguém que chega a essas localidades e muda a rotina desses moradores. Gadamer (1993) enfatiza que a vida em comum, que a vida em comunidade “libera o homem da particularidade e do efêmero”. (GADAMER, 1993, p.297). Ou seja, a vida em comum exclui particularidades individuais.

Em relação à violência, percebemos nas narrativas que os casos de hostilidades modificam as sociabilidades e interações desses indivíduos, eles passam a ter mais receio de promover uma interação à noite, de ir a uma festa religiosa, de deixar a casa aberta à noite. Suas trajetórias cotidianas são marcadas por adaptações a uma nova realidade. Uma realidade de insegurança e medo. Eles têm mais cuidado para realizar viagens à noite, guardar dinheiro em suas residências, e adquirir um bem material, pois isso pode deixá-los mais vulneráveis às ações dos piratas.

Com relação ao rural e urbano, percebe-se a narração dos sentimentos de medo e insegurança, mesmo não tendo sido vítima de violência, mas ouviu aqueles que estão próximos relatarem ações violentas. E essas narrativas do Outro passam a compor suas experiências também, pois o Outro morador é um continuum na sua sociabilidade. Sua vida e experiência

também são minhas. Relatam que têm medo quando ouvem ou veem uma embarcação que não é da localidade, pois os que foram vítimas dos piratas sofreram graves agressões, isto é, a ação praticada vem acompanhada de palavrões, xingamentos e ameaças. Assim, a violência presente nas ilhas de Abaetetuba tem mudado as sociabilidades desses indivíduos na região.

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA PARÁ. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/21508/>. Acesso em 02 set. 2021.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

BAIERL, L. F. Medo social: Da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez, 2004. 224p.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

CARGILL ANUNCIA PLANO DE CONSTRUIR TERMINAL NO PARÁ, Revista Exame. Disponível em: <<https://exame.com/negocios/cargill-anuncia-plano-de-construir-terminal-no-para-por-r700-mi/Acesso em 10 jul.2021>>. Acesso em 10 jul. 2021.

COHN, Gabriel. Crítica e resignação – Fundamentos da Sociologia de Max Weber. São Paulo: TA. Queiroz Editor, 1976.

COSTA, Alda Cristina. Contribuições de Paul Ricoeur à comunicação: breves reflexões hermenêuticas. In: COSTA, Alda Cristina; NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Torres (org.). **Narra'Amazônia: modos de ser e estar no mundo**. – Belém: Folheando, 2022. 548 p. i

COUTINHO, Marcius V. Terras de identidade e terras de conflito: movimento social ribeirinho e regularização fundiária nas ilhas e várzeas de Abaetetuba – PA. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. n. 1, p. 33-64, 2018.

CRESWELL, J. W. Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens. Tradução Sandra Mallmann da Rosa. Rev. Técnica: Dirceu da Silva. 3. Ed. VitaBook file: Penso, 2014. Tradução de: Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches. Disponível em: <<http://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788565848893>>. Acesso em 12 mar. 2020.

DIÓGENES, Glória, *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*, 1998

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997/2007

ENAFROM, diagnóstico sobre pessoas na área de fronteira. Disponível em: https://www.justica.gov.br/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes/anexos-pesquisas/pesquisa_-enafrom_202x266mm_1710_19h00_web.pdf. Acesso em 05 fev. 2021

ENGARRAFOU NO ABAETÉ, O Liberal. Disponível em: <https://www.oliberal.com/2.733/engarrafou-no-abaet%C3%A9-1.70094>. Acesso em 10 jul. 2021.

ESTEVES, João Pissarra. **Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ESTEVEES, João Pissarra. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa-Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FAPESPA. Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração Tocantins. Governo do Pará. Belém, Pará. 2016. Disponível < http://seplad.pa.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/perfil_regiao_tocantins.pdf> Acesso em 05 fev. 2021.

FERREIRA, Carolina Rocha, ‘A evolução da Pirataria marítima em Águas Internacionais The Evolution of Maritime Piracy in International Waters’, Cedis Working Papers, ISSN 2184-0776, Nº 52 , (2017), pp. 1–34.

FONTES, Breno Souto-Maior. Os espaços de sociabilidade na construção dos territórios. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional - G&DR, v. 14, n. 4, p. 165-179, Taubaté, SP (ed. especial), jul/2018.

FRANÇA, V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (Org). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Paradigmas da comunicação: Conhecer o quê? In: X Encontro da Compós, 10, 2001, Brasília. **Anais** do X Encontro da Compós. Brasília: Compós, 2001b.

_____. Sociabilidade: implicação do conceito nos estudos da comunicação. In: Produção de sentidos e tecnologia: estudos contemporâneos em comunicação / Organizadores: Flávia de Almeida Moura [et.al]. — São Luís: EDUFMA, 2018.

_____. Mídia, tempo e interações sociais [livro eletrônico]: conceitos em circulação / Organizadores: Denise Prado, Frederico Tavares, Michele Tavares. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020. – (Olhares Transversais; v. 1).

FRANCA, V. R. V.; SIMOES, P. G. . Curso Básico de Teorias da Comunicação. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

G1 – PARÁ: Ribeirinhos são mortos após assaltos no rio Jupariguara em Abaetetuba. Disponível em: <[https:// https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/27/ribeirinhos-sao-mortos-apos-assalto-a-comercio-no-rio-jupariguara-em-abaetetuba.ghtml](https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/27/ribeirinhos-sao-mortos-apos-assalto-a-comercio-no-rio-jupariguara-em-abaetetuba.ghtml)>. Acesso em 15 ago. 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002 RICHARDSON, R. (coord.) et al. Pesquisa social : métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa.5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

GOFFMAN, E. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

GOFFMAN, E. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Jones. Cidade da Arte: insurgências poéticas nas marges **Abaetetuba-PA**. ... Capa > v. 1, n. 2 (2018).

GONÇALVES, O. D.; RODRIGUES, J. C.; SOBREIRO FILHO, J. Marés das rebeldias em Abaetetuba: dos rios da existência à resistência dos territórios na Amazônia paraense, Baixo Tocantins. Revista Tamoios, v. 15, n. 1, 2019.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. In: SHIKI, S.; GRAZIANO DA SILVA, J.; ORTEGA, C. (orgs.). Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro. Urberlândia/Campinas: Embrapa/UFU/Unicamp, 2002.

_____. O novo rural brasileiro. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.

_____. O novo rural brasileiro. Nova Economia, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.43-81, 1997

GRAZIANO DA SILVA, José F. et al. O Rural Paulista: muito além do agrícola e do agrário. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 60-72, abr./jun. 1996.

HANCIAU, Nubia. Entre - lugar. Conceitos de Literatura e Cultura. Eurídice Figueiredo (Org.). Juiz de Fora, UFJF, 2005. In: FIGUEIREDO, E. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói:EdUFF, 2005, p. 215-141.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). «Divisão Regional do Brasil». Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home>. Acesso em 05 mar. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017). «Divisão Regional do Brasil». Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em 10 de jan. 2019.

IMAZON. Disponível em: <<https://amazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-29-em-2021-e-e-o-maior-dos-ultimos-10-anos/#:~:text=Segundo%20estado%20que%20mais%20desmatou,%2C%20uma%20alta%20de%2049%25>>. Acesso em 20 de mar. 2022.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9676>. Capítulo publicado em: A função socioambiental do patrimônio da União na Amazônia / organizador: Fábio Alves. disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9676>. Acesso em 20 jun. 2020.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, **ATLAS da Violência 2019**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190802_atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf. Acesso em: 15 set. 2019

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LAGE, Leandro R. Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur para uma teoria da narrativa jornalística, 2018. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2018v15n2p09>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

_____. Fundamentos da metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010

LANA, Lígia; MARTINS, Bruno Guimarães; SALGADO, Tiago Barcelos; SILVEIRA, Fabrício José N. da. Experiência. In: Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) : trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação / Organização Vera Veiga França, Bruno Guimarães Martins, André Melo Mendes. Belo Horizonte : Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2014. Líder de Abaetetuba vai gerar 600 empregos, abras. Disponível em: < <https://www.abras.com.br/clipping/redes-de-supermercados/71722/lider-de-abaetetuba-vai-gerar-600-empregos>>. Acesso em 10 jul. 2021.

MACHADO, Jorge, História de Abaetetuba. Geografia física e dados estatísticos, Abaeteuba-PA, 2020.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARANHÃO, Rodrigo. Caminho das Águas. Seguidos da expressão In: e da referência do documento sonoro no todo (RITA, Maria. Álbum: **Segundo**, 2005.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Editora Contexto, 2020

MASSEY, D, Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176 – 185.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MODENA, Regina, Maura, Conceitos e formas de violência, Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

MONTE-MOR, R. L. M. Urbanização e modernização na Amazônia contemporânea. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Orgs.). Brasil, século XXI: por uma nova regionalização? Agentes, processos e escalas. São Paulo: Max Limonad, 2015. p. 112-122.

MONTE-MÓR, R. Modernities in the Jungle: extended urbanization in the Brazilian Amazonia. 2004. 360 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) – University Of California, Los Angeles, 2004

MONTE-MÓR, R. O que é o urbano no mundo contemporâneo. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2006b (Texto para Discussão, 281). Disponível

em: <http://www.ipardes.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/58> . Acesso em 10 ago. 2021.

MORAES, Y. S. Brinquedo de miriti e o desenvolvimento local no município de Abaetetuba. 2013. 120f. Dissertação (Mestrado), Núcleo do Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6758/1/Dissertacao_BrinquedoMiritiDesenvolvimento.pdf>. Acesso em 05 ago. 2021.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN). In: Caminhos de Geografia 23 (17) 244 - 249, fev/2006. Disponível em: < <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em 05 ago. 2021.

NOVO JUSTIÇA, 2021, disponível em https://www.novo.justica.gov.br/sua-seguranca-2/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/outras_publicacoes/pagina-3/sumario-executivo_final.pdf.. Acesso em 10 abr. 2021.

OLIVEIRA, Mauro Leonardo da Costa de. Escravidão indígena na Amazônia colonial. 2001. F.106. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de pós graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2001.

PAES LOUREIRO, J.J. Cultura Amazônica – uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

PAES LOUREIRO, J.J. Do mito à ciência. In: PAES LOUREIRO, J de J., OLIVEIRA, R. G., DUARTE, R. (Org.) Arte e Cultura na Amazônia: os novos caminhos. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012. p.15-25.

PALMER, Richard E. Hermenêutica. Maria Luísa Ribeiro Ferreira (Trad.). Lisboa: Edições 70, 1969.

POJO, Eliana C.; ELIAS, Lina G. D. O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do Rio Baixo Itacuruçá- Abaetetuba, PA. **Revista Sociais & Humanas**, v. 31, n. 3, 2018.

QUERÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. de (Org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RICOEUR, P. (1977). Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro, Francisco Alves. _____ (1989). Do texto à ação. Ensaios de hermenêutica II.

RICOEUR, P. Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica. Tomo I. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010^a

RICOEUR, Paul, Le Conflit des Interprétations: Essais d'Herméneutique Paris: Seuil, 1969

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Tradução Hilton Japiassu. 3. Ed. – Petrópolis: Vozes, 2013

RICOEUR, PAUL. *Hermenêutica e Ideologias: Paul Ricoeur*, Petropolis, Vozes, 2011. Rigaux, N., & Nizet, J. (2006). *La Sociologia de Erving Goffman*. (Circular ed.) Melusina.

RODRIGUES, A. D. A natureza intersubjetiva da comunicação. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 37, p. 76-88, set./dez. 2016.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Arte e experiência. *Revista de Comunicação e Linguagem*, Lisboa, n. 12/13, p. 25-33, 1991.

RONDELLI, Maria Elizabeth. Sociabilidade, Espaço público e comunicação. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José. *O indivíduo e as mídias: Ensaio sobre Comunicação, Política, Arte e Sociedade no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

SARRAF, Agenor Pacheco. Oralidades e letras em encontros nos “marajós” ribeirinhos e religiosos urdindo identidades culturais. *COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO*, 2008, Rondonópolis, p.15 a 38

SILVA, Iêda Rodrigues da. Modo de Vida Ribeirinho: construção da identidade amazônica. In: *JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 8., 2017, São Luiz. Anais... São Luiz: Universidade Federal do Maranhão – UFMA. 22 a 25 de Agosto de 2017. Disponível em: [ekeys,+00619+Políticas+de+desenvolvimento+na+Amazônia++um+olhar+para+as+famílias+ribeirinhas%20\(1\).pdf](#). Acesso em 05 mar. 2022.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da Sociologia*. Tradução de P. Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo : Ática, 1983.

SIMÕES, Paula Guimarães. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.13, n.1, jan./abr. 2010

SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; 2002

SODRÉ, M. Sobre a episteme comunicacional. *Revista Matrizes*, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2007.

SODRÉ, Muniz. (1988), *O terreiro e a Cidade*. Petrópolis. Vozes. As estruturas simbólicas do imaginário, 1997.

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional*. 1ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes; 2014.

SOUSA, Iris Amaral. *O que fazer do poder público municipal na Amazônia: Os caminhos da política educacional em Abaetetuba/PA*. 2009. Tese (Doutorado) – PUC/SP, São Paulo, 2009.

STEINBRENNER, R; GUERREIRO NETO, G. I.; BRAGANÇA, P.L.; CASTRO, E. *Mídia e Desastre socioambiental II: A escassa presença de comunidades e movimentos sociais na cobertura do desastre da Hydro em Barcarena*. In: CASTRO, E. R; CARMO, E. D (Org.).

Dossiê Desastres e Crimes da Mineração em Barcarena. Belém: NAEA/UFGPA, v. I, p. 129-139, 2019. sujeitos. In: LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos; GUIMARÃES, César (Orgs.). Entre o sensível e o comunicacional . Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 39-54. Tartari e Sacramento, Livia de; Morgado Rezende, Manuel Violências: lembrando alguns conceitos Aletheia, núm. 24, julho-diciembre, 2006, pp. 95-104 Universidade Luterana do Brasil Canoas, Brasil.

TRINDADE JR., S.-C. C.; BARBOSA, E. J. S. Reestrutur-ção metropolitana na Amazônia oriental: empreendimentos econômicos e dispersão urbana na área de influência imediata de Belém. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 20, n. 2, p. 349-363, mês. 2016. ISSN 2179-0892. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/6465>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2014.84539>. Acesso em 10 set. 2020.

WHYTE, W. F. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

WOLTON, Dominique. Pensar a comunicação. Tradução Zélia Leal Adghirni. Brasília:

ZIZECK, S. (2009). Violência. Lisboa: Relógio D'água.